E MAIS • OLIVER TREE • LÚCIO MAIA • CAPITAL INICIAL

Rolling Stone

BRASIL

SPRING

EDIÇÃO 31 - AGO 2026 - R$ 39,90

7 898034 159419 96

LISTA RS

Os 20 melhores games de 2026 (até agora)

EXCLUSIVO

Niall Horan: "A Olivia Rodrigo tem sido uma grande influência"

HARRY STYLES

Todas as canções do príncipe do pop comentadas

Beleza Fatal

O GURU ALIENÍGENA QUE CRIOU A SEITA DOS MODELOS

SUMÁRIO

26
CAPA
Análise da discografia e de todas as músicas de Harry Styles

38
ENTREVISTA RS
"A coisa mais angustiante em me afastar dos palcos é pensar: 'Será que [os fãs] ainda estarão lá?'", diz Niall Horan

RollingStone

PENSKE MEDIA CORPORATION (PMC)
JAY PENSKE, CHAIRMAN AND CEO
GEORGE GROBAR, PRESIDENT
DEBASHISH GHOSH, MANAGING DIRECTOR, INTERNATIONAL MARKETS
GURJEET CHIMA, VICE PRESIDENT, INTERNATIONAL MARKETS

ROLLING STONE USA

GUS WENNER, CHIEF EXECUTIVE OFFICER
SEAN WOODS, EXECUTIVE EDITOR
LISA TOZZI, EXECUTIVE DIGITAL DIRECTOR
JOSEPH HUTCHINSON, CREATIVE DIRECTOR
MARIA FONTOURA, DEPUTY EDITOR
BRIAN SZEJKA, PUBLISHER, EVP, HEAD OF GLOBAL BRAND PARTNERSHIPS
JESSICA GRILL, ASSOCIATE PUBLISHER

JANN S. WENNER, FOUNDER

ROLLING STONE BRASIL

LUIS FERNANDO MALUF, PUBLISHER

ADEMIR CORREA, DIRETOR DE CONTEÚDO
FELIPE GRUTTER, EDITOR
FELIPE FIUZA, DIRETOR DE ARTE
EMERSON CAÇÃO, TRATAMENTO DE IMAGEM

NESTA EDIÇÃO

ANGELO CORDEIRO, GABRIELA NANGINO, GIOVANA LAURELLI, HENRIQUE NASCIMENTO, IGOR MIRANDA, KADU SOARES, REDAÇÃO
CHRISTOPHER CRUZ, CT JONES, LARISHA PAUL, NIKKI MCCANN RAMÍREZ, COLABORADORES

JÚLIA CORREIA, DIRETORA DE PUBLICIDADE
HILÁRIO JÚNIOR, GERENTE DE VENDAS PUBLICITÁRIAS
CONCEIÇÃO AUGUSTO, GUSTAVO IIDA, MARIANA HADACHI, RAFAEL PADOVANI, EXECUTIVOS DE NEGÓCIOS
DANIELA ALMEIDA, ELIS FABRO, FRANCIELLY MIRANDA, EXECUTIVAS DE CONTAS CORPORATIVAS
MARINA ELIAS, ASSISTENTE COMERCIAL
MARLEY GALVÃO, EVENTOS

CAPA: STEVE GRANITZ/ FILMMAGIC

SPRING

Copyright © 2026 por Spring Publicações Ltda. Todos os direitos reservados. A reprodução sem permissão do conteúdo total da revista ou de qualquer uma de suas partes é proibida. O nome Rolling Stone e o logotipo são marcas registradas por Rolling Stone LLC, cuja licença no Brasil foi concedida à Spring Publicações Ltda.

FOTOS: KEVIN MAZUR/GETTYIMAGES FOR THE RECORDING ACADEMY; DIVULGAÇÃO; KIERAN FROST/REDPERNS

Ines249

58
ALIEN BOY
Oliver Tree em seu último depoimento para a *Rolling Stone Brasil*

04
OS SETE MAGNÍFICOS
Seleção de filmes emblemáticos do *Cineclube Rolling Stone*

12
CRIME E CULTO
Guru alienígena recruta top models como seguidores

20
VALORES
Os números chocantes de Elon Musk ao longo dos anos

22
WOLF ALICE
Banda britânica revela suas influências

24
FCUKERS
Duo eletrônico comenta tour com Harry Styles que passou pelo Brasil

44
TIMELINE
Dinho Ouro Preto revisita 6 álbuns icônicos do Capital Inicial

50
GAMES
Ranking com os melhores jogos do ano (até agora)

56
LÚCIO MAIA
Reflete sobre os 30 anos de *Afrociberdelia* (1996)

EDITORIAL

INVENTÁRIO POP

Listas sempre fizeram parte da linguagem da Rolling Stone. Não apenas porque organizam preferências, mas porque revelam como cada geração constrói sua memória cultural. Nesta edição, transformamos esse formato em uma espécie de mapa do presente: ranqueamos as 53 músicas e os quatro discos da carreira solo de Harry Styles, revisitamos a discografia do Capital Inicial sob o olhar de Dinho Ouro Preto, reassistimos filmes que continuam ultrapassando as telas e selecionamos os 20 melhores games de 2026 (até agora).

Uma boa lista nunca é definitiva. Ela provoca discordâncias, recupera lembranças e convida o leitor a criar sua própria ordem. Ao colocar lado a lado canções, filmes e games, mostramos que a cultura pop não reconhece fronteiras. Uma música pode nascer com vocação cinematográfica; um filme como *Carrie, A Estranha* pode atravessar culturas, inspirando moda, videoclipes e capas de discos; um game pode oferecer experiências narrativas tão complexas quanto qualquer produção audiovisual.

Essa conversa se amplia nas entrevistas e reportagens da edição, que passam por Niall Horan, Wolf Alice, Fcukers e Lúcio Maia. Entre diferentes épocas, formatos e públicos, buscamos aquilo que sempre nos orientou: entender por que algumas obras permanecem, outras definem o espírito do tempo e todas ajudam a contar quem somos como sociedade. Que estas listas sejam pontos de partida, nunca palavras finais.

FELIPE GRUTTER E ADEMIR CORREA,
EDITORES

Ines249

Os Sete Magníficos

O *Cineclube Rolling Stone Brasil* focou nos 30 anos do lançamento de *Corisco & Dadá*, *Quem Matou Pixote?* e *Terra Estrangeira* e nas cinco décadas de *Taxi Driver*, *Carrie*, *A Estranha*, *A Profecia* e *Rocky: Um Lutador*. Em comum, essas obras são clássicos cuja influência cultural ultrapassou as telas. Além de sobreviverem como fiéis retratos de uma época e de uma técnica, transformaram seu tempo e continuam a influenciar o cinema de gênero.

Fernanda Torres e Fernando Alves Pinto em *Terra Estrangeira*, adaptação cinematográfica de Walter Salles e Daniela Thomas para *O Estrangeiro*, de Albert Camus

FOTOS: DIVULGAÇÃO

Corisco & Dadá

Fábula de Cordel

Chico Díaz e Dira Paes em *Corisco & Dadá*, de Rosemberg Cariry, filme que retratou o casal do cangaço como figuras míticas

Os anos 1990 marcaram a retomada do cinema brasileiro. Após a crise provocada pelo fechamento da Embrafilme no início da década, uma nova geração de longas recolocou a produção nacional no circuito internacional e reconquistou o público. Títulos como *Carlota Joaquina* (1995), *O Quatrilho* (1995), *Baile Perfumado* (1996), *O Que É Isso, Companheiro?* (1997) e *Central do Brasil* (1998) ajudaram a definir esse renascimento. Em meio a esse movimento, *Corisco & Dadá*, de 1996, ocupou um lugar mais discreto. Trinta anos depois, a produção de Rosemberg Cariry ainda não desfruta do mesmo reconhecimento alcançado por muitos de seus contemporâneos, embora permaneça como uma das obras mais singulares daquele período.

Se boa parte dos filmes do período buscava dialogar com um público mais amplo ou revisitar episódios históricos sob uma perspectiva mais convencional, Cariry optou por um caminho menos óbvio. *Corisco & Dadá* não pretende apenas contar a história do último grande líder do cangaço e de sua companheira. Seu interesse está em transformar esses personagens em figuras quase míticas, aproximando o cinema da tradição oral, da literatura de cordel e da religiosidade popular do sertão. E essa é sua maior qualidade.

Rosemberg Cariry demonstra um domínio raro da geografia e da cultura nordestinas, filmando o sertão não como um cenário, mas como uma força que molda seus personagens. A caatinga deixa de ser pano de fundo para se tornar parte da narrativa, carregando uma presença quase espiritual. Nascido no município de Farias Brito, na região do Cariri cearense, o diretor conhece profundamente aquele universo e faz dessa intimidade o principal diferencial do filme.

A maneira como ocupa os espaços reforça constantemente essa proposta. Em diversos momentos, Corisco e Dadá aparecem sozinhos em meio à vastidão da caatinga ou às margens de rios, cercados por um vazio que parece infinito. São imagens de enorme força plástica, que diminuem os personagens diante da paisagem e, ao mesmo tempo, os elevam à condição de lenda. O sertão de Cariry nunca é apenas geográfico; é simbólico. Cada plano parece sugerir que aqueles homens e mulheres pertencem menos ao mundo da história do que ao da memória coletiva.

«O Cangaço como Alegoria Simbólica do Brasil»

É justamente essa dimensão de fábula que diferencia *Corisco & Dadá* de tantas outras representações do cangaço. O filme não está preocupado em organizar cronologias ou reproduzir fatos com precisão documental. Seu compromisso é com o imaginário. O cangaço aparece como um território onde violência, misticismo, paixão e resistência coexistem, transformando figuras históricas em personagens quase arquetípicos.

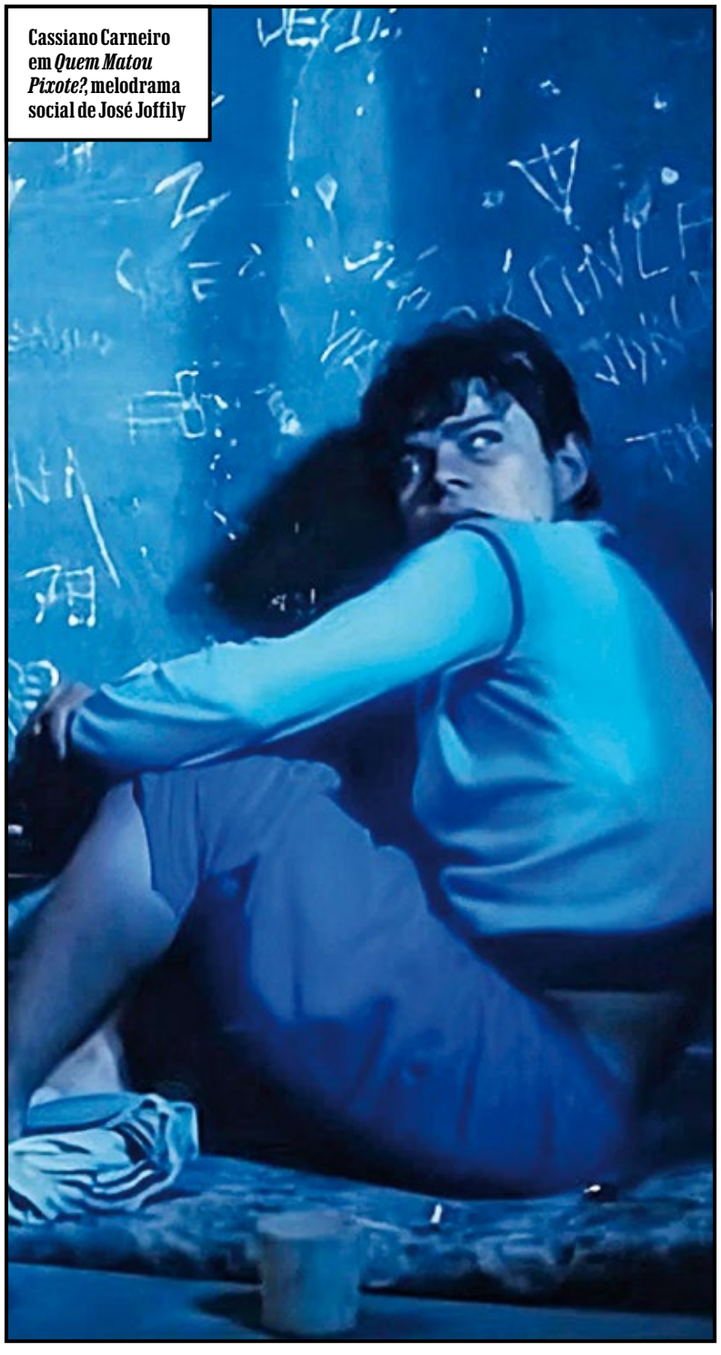
Ao mesmo tempo, Cariry jamais perde de vista a humanidade de seus protagonistas. Em meio às perseguições e aos conflitos, o relacionamento entre Corisco e Dadá ocupa o centro da narrativa. A história de amor impede que o filme se transforme em um desfile de episódios heroicos. Há espaço para a fragilidade, o medo e a cumplicidade, lembrando que, antes de se tornarem mitos, aqueles personagens eram pessoas tentando sobreviver em um mundo cada vez mais hostil.

O longa também ocupa um lugar importante na trajetória de seu elenco. Para Dira Paes, que vive Dadá, esse foi um de seus primeiros grandes papéis no cinema, revelando uma atriz que, nas décadas seguintes, se tornaria uma das presenças mais consistentes do audiovisual brasileiro. Ao seu lado, Chico Díaz entrega um Corisco intenso e inquieto, consolidando uma relação com o universo do cangaço que ganharia novo capítulo no mesmo ano, ao interpretar Benjamin Abrahão em *Baile Perfumado*, outro marco da retomada e uma das leituras mais inventivas desse período histórico.

Talvez o destino de *Corisco & Dadá* tenha sido justamente o de permanecer à margem dos grandes holofotes. Lançado ao lado de obras que conquistaram maior repercussão comercial e internacional, o filme nunca alcançou o mesmo espaço na memória popular. Ainda assim, três décadas depois, sua força permanece intacta não apenas por revisitar um dos capítulos mais fascinantes da história brasileira, mas também por fazê-lo por meio de um cinema profundamente autoral, que encontra na paisagem, na cultura popular e na força de suas imagens uma forma de transformar história em mito.— Angelo Cordeiro

Ines249

A Vida Imita a Tragédia



Cassiano Carneiro em *Quem Matou Pixote?*, melodrama social de José Joffily

Por um tempo, Fernando Ramos da Silva acreditou que poderia ser uma grande estrela do cinema. Do dia para a noite, o garoto, que ainda brincava na infância enquanto os anos se preparavam para torná-la passado, foi surpreendido com um sonho que, embora nunca tivesse sido seu, tomou para si. Sem sair da periferia de Diadema, no Grande ABC paulista, viajou o mundo inteiro e, por onde passasse, era reconhecido, mas não como Fernando: para todos, ele era Pixote.

Dirigido por Hector Babenco, *Pixote: A Lei do Mais Fraco* é uma das produções brasileiras mais importantes de todos os tempos, como reafirmou recentemente a *Associação Brasileira de Críticos de Cinema* (*Abraccine*). Em 2024, foi eleito pela *Rolling Stone Brasil* como o nono maior filme do cinema nacional. Muito antes disso, em 1982, acabou ficando fora do Oscar, a maior premiação do cinema, por uma mera tecnicalidade.

Para Fernando, os prêmios estavam na casa ampliada, feita de alvenaria, para morar com a família. Na comida à mesa, na distância que conseguia construir entre si e a miséria e, sendo um garoto periférico, na possibilidade de fugir das estatísticas, diferentemente de sua contraparte no cinema, que não teve a mesma sorte. Deu certo... Até não dar mais.

Em *Quem Matou Pixote?*, lançado em 1996, vemos a ascensão e a queda de Fernando, que terminou com a sua morte, aos 19 anos, em 1987, apenas sete anos após ser apresentado ao mundo como Pixote. Porém, ao contrário do que possa parecer a princípio, o longa de José Joffily não é um caso de vida imitando a arte, como sugere o policial que, eventualmente, mata Fernando; é um caso da vida se confundindo com a arte.

Na história, acompanhamos como, após um período de sucesso no início dos anos 1980, Fernando perdeu relevância. Sem estudo formal como ator, não conseguiu se manter em um mercado de trabalho competitivo e, principalmente, excludente. Na falta de oportunidades, seguiu por uma vereda que, até então, conhecia apenas na ficção. Passou a fazer sucesso, mas estampando os noticiários criminais dos jornais. Tornou-se Pixote. E foi caçado por isso.

> «Fernando [Ramos da Silva] nunca assistiu *Pixote* porque, assim, o sonho não acabaria»

Em uma cena de *Quem Matou Pixote?*, Fernando confessa que nunca terminou de assistir a *Pixote* porque, se não o fizesse, aquele sonho nunca acabaria. Se pararmos a sua cinebiografia cerca de dez minutos antes dos créditos finais, o sonho de Fernando de se tornar um grande ator e viver honestamente através do seu trabalho também perdura. O problema é que, fora da telona, sua magia se dissipa e a realidade sempre nos alcança, como alcançou Fernando — e o destruiu. — Henrique Nascimento

FOTOS: DIVULGAÇÃO

Terra Estrangeira

Sobre o Brasil Esquecido

Fernanda Torres e Fernando Alves Pinto em cena de *Terra Estrangeira*

Após Fernanda Torres fazer sucesso em duas grandes séries de comédia brasileiras, o Brasil pode ter se esquecido do alcance dramático da atriz — mas Walter Salles certamente se lembrava.

Em *Terra Estrangeira*, livre adaptação de *O Estrangeiro*, de Albert Camus, Salles, em parceria com Daniela Thomas, troca a França por um Brasil recém-saído da ditadura militar e colapsado pela decisão de seu primeiro presidente eleito pelo voto direto, Fernando Collor, de congelar as contas-poupança. Órfão, Paco (Fernando Alves Pinto) está sem rumo e, tentando honrar o último desejo de sua mãe, abandona o sonho de se tornar ator e decide aceitar a ajuda de um estranho e levar uma encomenda para Portugal em seu caminho para San Sebastian, na Espanha.

Quando a entrega dá errado, Paco é preso em Lisboa e, para sobreviver à capital portuguesa enquanto tenta resolver a situação, recorre a Alex (Fernanda Torres), imigrante brasileira desesperada e sem perspectiva em um país que não é seu. A contragosto, acabam se unindo e, juntos, tentam contrariar a crença de Pedro (João Lagarto), um livreiro português, que os ajuda em sua jornada, de que Portugal "não é um lugar para conhecer alguém", mas "para perder alguém ou para se perder de si".

Em entrevista à *Folha de S.Paulo*, Salles revelou que *Terra Estrangeira* nasceu de um sentimento bastante familiar aos dois diretores: "Todos [os personagens] são, de uma forma ou de outra, exilados", disse Walter Salles sobre *Terra Estrangeira*, "veem o mundo de fora. Todos tiveram que se rebatizar, todos partiram à procura de um novo pai, [um novo] país", explicou. "É um sentimento que Fernando Pessoa resume bem quando ele diz, 'viajar, perder países', e que Daniela e eu dividimos: passamos boa parte de nossas vidas pulando de cidade em cidade."

Três décadas depois, o cineasta já havia se reencontrado com o Brasil, hoje bastante diferente daquele que Paco deixou, e foi nele que se reuniu com Fernanda Torres, mais de vinte anos após o último trabalho juntos, para dar cabo de *Ainda Estou Aqui*, responsável por render a primeira estatueta do Oscar na história do cinema brasileiro. Curiosamente, foi uma sessão de relançamento que acabou por reuni-los.

Após estrelar as comédias *Os Normais* e *Tapas & Beijos*, Torres passou a acreditar que havia se tornado *persona non grata* para Salles. "Eu já tinha pecado demais depois de três de Vani [de *Os Normais*], cinco anos de *Tapas & Beijos*. [Achei] que minha carreira como atriz, em um filme do Walter, estava sepultada", confessou.

O reencontro aconteceu em 2021, após a exibição da cópia restaurada de *Terra Estrangeira* na Mostra Internacional de Cinema de São Paulo: "Fui ver no cinema e, quando saí, abracei ele, tão emocionada, porque o *Terra* nos fundou", relembrou. "Pouco tempo depois, dali a duas semanas, ele me chamou para recuperar aquela pessoa que eu era lá atrás."

Celebrada, a atuação de Fernanda Torres como Eunice Paiva em *Ainda Estou Aqui* rendeu uma vitória no Globo de Ouro e uma indicação ao Oscar, reapresentando ao mundo uma atriz dramática que Walter Salles conheceu há trinta anos. — Henrique Nascimento

Ines249

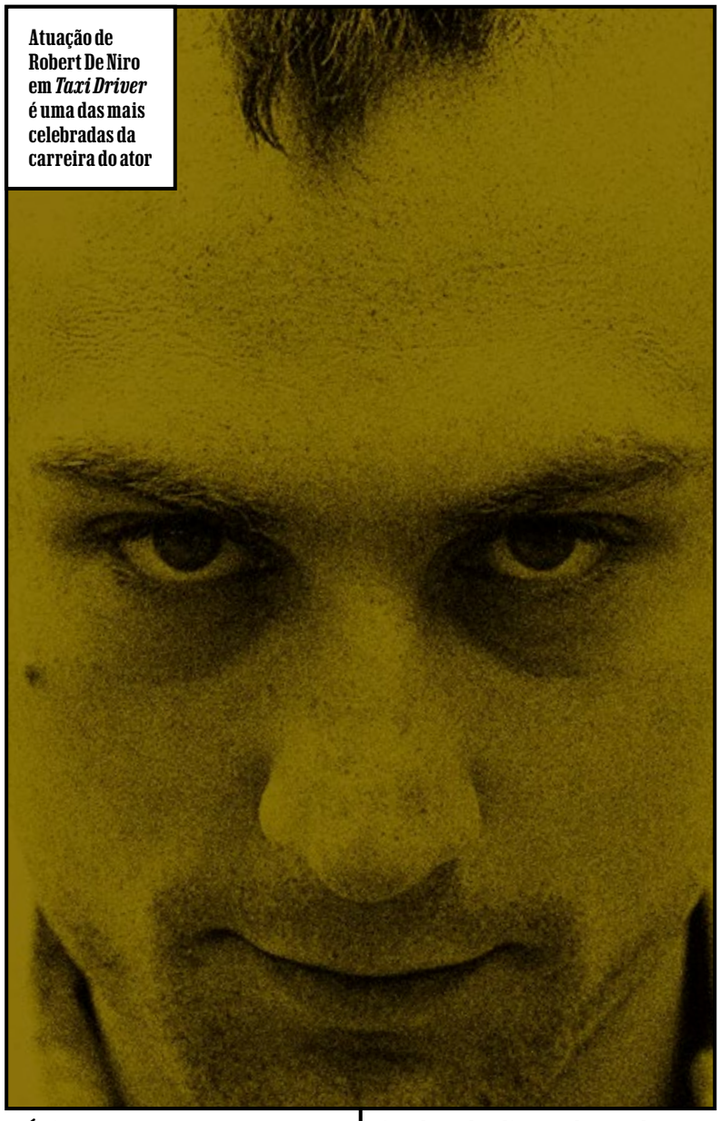
O Filme que Redefiniu a Nova Hollywood

Na metade dos anos 1970, o cinema americano parecia dividido entre duas formas de olhar para o mesmo país. Enquanto alguns filmes buscavam recuperar a esperança e reafirmar o sonho americano, outros preferiam encarar as cicatrizes deixadas pela Guerra do Vietnã, pelo escândalo de Watergate e pela crescente descrença nas instituições, e *Taxi Driver* representava essa segunda seara.

Lançado em 1976, o clássico de Martin Scorsese completa 50 anos em 2026 como uma das obras fundamentais da Nova Hollywood e uma aula sobre a transformação do cinema americano nos anos 1970. Mais do que um retrato da Nova York decadente da época, o filme marcou um momento em que a indústria finalmente se libertava das convenções do antigo sistema de estúdios e dos rígidos códigos morais que, por décadas, haviam moldado seus protagonistas e narrativas.

Tratava-se de uma geração interessada em personagens imperfeitos, moralmente ambíguos e profundamente contraditórios. Nesse contexto, Scorsese ainda buscava sua própria linguagem. Após *Caminhos Perigosos* (1973), foi com *Taxi Driver* que o diretor consolidou muitas das marcas que definiriam sua carreira: a câmera inquieta, a montagem subjetiva, a violência sem glamour, o fascínio por homens consumidos pela obsessão e a relação entre fé, culpa e violência.

O roteiro de Paul Schrader acompanha Travis Bickle (Robert De Niro), veterano da Guerra do Vietnã que trabalha como taxista durante as madrugadas de Nova York. Incapaz de estabelecer conexões humanas, Travis observa a cidade através do para-brisa do carro como quem contempla um organismo doente. Prostituição, criminalidade, corrupção e abandono se misturam à deterioração psicológica do protagonista, tornando impossível separar o que pertence ao mundo do que existe apenas em sua mente.



Atuação de Robert De Niro em *Taxi Driver* é uma das mais celebradas da carreira do ator

É justamente essa recusa em oferecer respostas simples que faz de *Taxi Driver* uma obra tão duradoura. Scorsese nunca trata Travis como herói, mas também evita reduzi-lo a um vilão. O espectador é colocado diante de um homem profundamente perturbado, cuja violência nasce da solidão, do ressentimento e de uma necessidade desesperada de encontrar algum sentido para a própria existência.

Boa parte dessa força vem da interpretação de De Niro, que transformou Travis Bickle em um dos personagens mais emblemáticos da história do cinema. A improvisada frase "*You talkin' to me?*" (Você está falando comigo?) tornou-se uma das falas mais famosas de Hollywood justamente por condensar toda a alienação do personagem: um homem que já não consegue distinguir entre o outro e si mesmo.

Outro elemento decisivo é a trilha de Bernard Herrmann. Misturando o lirismo melancólico do jazz à tensão crescente do suspense, o compositor criou um contraste hipnótico entre a sedução da noite nova-iorquina e a violência que corria sob sua superfície. Foi seu último trabalho antes de morrer, poucas horas após concluir a gravação da música.

Cinquenta anos depois, *Taxi Driver* ainda é uma referência essencial para compreender tanto a Nova Hollywood quanto a própria carreira de Scorsese. Seu impacto foi reconhecido desde a estreia, quando conquistou a Palma de Ouro no Festival de Cannes de 1976 e, meses depois, recebeu quatro indicações ao Oscar, incluindo *Melhor Filme*, *Melhor Ator* para Robert De Niro e *Melhor Atriz Coadjuvante* para a então adolescente Jodie Foster.

O longa ainda acabaria envolvido em uma de suas páginas mais controversas: em 1981, John Hinckley Jr., obcecado pelo filme e por Foster, tentou assassinar o então presidente Ronald Reagan, episódio que reacendeu os debates sobre violência no cinema.

A polêmica, porém, jamais diminuiu sua importância. Ao contrário, reforçou seu lugar como uma obra inquietante e impossível de ignorar. Travis Bickle permanece desconfortavelmente atual. Talvez porque Scorsese tenha entendido, antes de muitos, que os monstros mais assustadores não vivem nas sombras das cidades, mas na solidão daqueles que deixam de se sentir parte delas. — Angelo Cordeiro

FOTOS: DIVULGAÇÃO

Rocky: Um Lutador

Em seu primeiro papel de destaque, como Rocky Balboa, Sylvester Stallone se tornou um astro do cinema

Muito Além do Sonho Americano

Poucos filmes conseguiram sintetizar tão bem uma ideia de país quanto *Rocky: Um Lutador*. Lançado em novembro de 1976, o clássico estrelado e escrito por Sylvester Stallone completa 50 anos justamente quando os Estados Unidos celebram os 250 anos de sua independência. A coincidência parece simbólica: poucas obras ajudaram tanto a construir — e perpetuar — a imagem do sonho americano quanto a história do boxeador desconhecido da Filadélfia que recebe a chance de enfrentar o campeão mundial.

Mais do que um filme sobre esporte, este é um manifesto sobre perseverança. Rocky Balboa não luta apenas pelo cinturão, mas para provar que pertence àquele lugar, que um homem comum pode desafiar o impossível e sair transformado, mesmo sem vencer. É uma narrativa profundamente americana, baseada na crença de que trabalho duro, coragem e determinação podem superar origem, dinheiro e status.

Não por acaso, chegou aos cinemas quando os Estados Unidos ainda tentavam recuperar sua autoestima. Em meio ao cinismo e à crise econômica, Rocky oferecia esperança. Produzido por cerca de US$ 1 milhão, arrecadou mais de US$ 225 milhões e tornou-se a maior bilheteria de 1976. O sucesso transformou Stallone em astro da noite para o dia e consolidou o modelo do drama esportivo de superação que influenciaria gerações.

O reconhecimento veio também no Oscar. Em 1977, *Rocky* venceu *Melhor Filme* diante de uma das disputas mais fortes da história, superando *Rede de Intrigas*, *Taxi Driver*, *Todos os Homens do Presidente* e *Esta Terra É Minha Terra*. Também levou as estatuetas de *Melhor Direção*, para John G. Avildsen, e *Melhor Montagem*. Stallone ainda entrou para um clube raríssimo ao ser indicado simultaneamente nas categorias de *Melhor Ator* e *Melhor Roteiro Original* pelo mesmo filme, feito alcançado anteriormente apenas por Charles Chaplin e Orson Welles.

Mas, talvez, nenhum elemento tenha atravessado tanto a cultura popular quanto sua trilha sonora.

Bastam os primeiros metais de "Gonna Fly Now", composta por Bill Conti, para imaginar Rocky correndo pelas ruas da Filadélfia até subir os degraus do Museu de Arte da cidade. A música virou um hino da superação, presente em competições esportivas, campanhas publicitárias e cerimônias ao redor do mundo. Sua construção acompanha a jornada do protagonista: cresce lentamente até explodir no momento em que Rocky ergue os braços diante da cidade. É uma daquelas raras composições que sobreviveram ao próprio filme.

A imagem do personagem também se fundiu à Filadélfia. As escadarias do museu recebem milhares de visitantes todos os anos, enquanto a estátua de bronze de Rocky Balboa, criada para *Rocky III*, tornou-se um dos cartões-postais da cidade.

Cinco décadas depois, a franquia continua em expansão. Foram cinco sequências estreladas por Stallone, três filmes do spin-off *Creed*, protagonizados por Michael B. Jordan, e, em breve, *Delphi*, série produzida pelo ator para o Prime Video, ambientada na academia onde treinaram Apollo e Adonis Creed.

Ainda assim, nenhum desses desdobramentos substituiu o impacto do original. Porque Rocky nunca foi apenas um filme sobre boxe — e nem mesmo somente sobre o sonho americano. Seu alcance mundial vem da humanidade do personagem. Antes de ser um herói, Rocky é um homem solitário, inseguro e invisível, que busca um propósito e alguém que acredite nele.

É nesse espaço que floresce sua relação com Adrian, interpretada por Talia Shire. Tão tímida e deslocada quanto ele, é a primeira pessoa a enxergar valor naquele homem desacreditado. Por isso, quando a luta contra Apollo Creed termina, o cinturão perde importância. Enquanto o público espera um vencedor, Rocky só consegue gritar pelo nome de Adrian. A verdadeira vitória nunca foi derrotar o campeão, mas deixar de enfrentar a vida sozinho. — Angelo Cordeiro

A Profecia

A premissa perturbadora de *A Profecia* foi um dos fatores que transformaram o filme em um dos clássicos do horror

A base do Horror Psicológico

Por trás dos óculos escuros, dos longos cabelos, da inseparável guitarra e, é claro, da atitude de rockstar, existe um Slash amedrontado por *A Profecia*. Apaixonado por filmes de terror desde a infância, por influência da mãe, o guitarrista dos Guns N' Roses considera o longa de Richard Donner "um dos filmes de terror visualmente mais atraentes e de arrepiar de todos os tempos", junto com *A Noite dos Mortos-Vivos*, de 1968, e *O Exorcista*, lançado em 1973.

Não foi à toa que *A Profecia* ganhou essa fama e, até hoje, além de ser um dos maiores clássicos do terror de todos os tempos, é fonte para diversos filmes do gênero que ganharam os cinemas nessas seis últimas décadas. Lançado em 1976, *A Profecia* acompanha Robert Thorn (Gregory Peck), embaixador estadunidense em Roma, que aceita a sugestão de um padre e decide adotar um recém-nascido, sem o consentimento de sua esposa, após o bebê do casal nascer morto. A nova família se muda para Londres e, conforme a criança cresce, Robert começa a notar que eventos estranhos cercam a criança, o que o leva a acreditar que trouxe o mal encarnado para casa.

Antes dos jumpscares, os assassinos mascarados e a violência gráfica, que passaram a ocupar as salas de cinema nos anos seguintes, *A Profecia* dramatizava o terror com uma história no limiar entre o sobrenatural e a realidade. O pequeno Damien Thorn era, de fato, o anticristo? Ou todos os acontecimentos estranhos não passavam de uma grande coincidência? Antes de ser desvendado em sequências menos aclamadas que o original, o mistério encantou fãs do gênero.

Também não fez mal à fama de *A Profecia* o fato de os bastidores terem sido tão ou ainda mais assustadores quanto o próprio filme, a começar pelo filho de Gregory Peck, que cometeu suicídio pouco antes das gravações, o que levou o ator a usar a dor do luto para criar o seu Robert Thorn, pai de um bebê natimorto. Relatos de mortes, acidentes e acontecimentos incomuns nos bastidores ajudaram a alimentar a fama do longa, que é considerado um dos mais amaldiçoados do horror. — Henrique Nascimento

FOTOS: DIVULGAÇÃO

Carrie, A Estranha

Quando o Verdadeiro Monstro era a Sociedade

Mesmo 50 anos após o lançamento, *Carrie, A Estranha* continua bastante atual

Existem filmes que sobrevivem porque marcaram uma época. Outros permanecem vivos porque continuam explicando o presente. *Carrie, A Estranha* pertence ao segundo grupo. Cinquenta anos após sua estreia, a adaptação de Brian De Palma do primeiro romance publicado de Stephen King continua sendo muito menos uma história sobre poderes sobrenaturais do que um retrato da crueldade coletiva.

Lançado em 1976, *Carrie* chegou quando o cinema norte-americano vivia uma de suas fases mais inventivas. Enquanto diretores reformulavam o suspense, o drama e a ficção científica, De Palma mostrou que o horror também poderia ocupar esse espaço de prestígio artístico. Seu filme não dependia apenas de sustos. Era elegante, operístico, emocional e profundamente trágico.

É curioso perceber como a imagem que atravessou gerações — Carrie coberta de sangue no baile de formatura — representa apenas os minutos finais de uma narrativa construída com extrema delicadeza. Antes da tragédia, existe uma longa história de isolamento. Antes da vingança, existe uma sucessão de pequenas violências. A telecinese nunca foi o que realmente assusta em *Carrie*. O que permanece perturbador é assistir a uma adolescente ser sistematicamente humilhada pelos colegas, pelos professores, pela religião e até dentro da própria casa.

Essa tragédia ganha força justamente pela maneira como Brian De Palma a coloca em cena. Seus movimentos de câmera, a construção visual do baile e a precisão com que conduz cada momento de tensão fazem o espectador perceber que a catástrofe começa muito antes do famoso balde de sangue. Quando ela finalmente acontece, a sensação não é de catarse, mas de inevitabilidade.

Grande parte dessa potência nasce da interpretação arrebatadora de Sissy Spacek. Sua Carrie nunca é tratada como uma criatura monstruosa, mas como uma jovem incapaz de encontrar qualquer espaço de pertencimento. Fragilidade, inocência e desespero convivem na mesma personagem, tornando impossível não sentir empatia por ela. Quando finalmente reage, sua fúria parece menos um ato de vingança do que o colapso inevitável de alguém que jamais teve direito à própria existência. Ao seu lado, Piper Laurie constrói uma Margaret White inesquecível. Fanática religiosa, controladora e incapaz de amar sem culpa, ela simboliza uma forma de violência que continua atual: aquela exercida em nome da moral. Não por acaso, Laurie e Spacek foram indicadas ao Oscar, um reconhecimento raro para um filme de horror e um momento decisivo para que Hollywood começasse a enxergar o gênero para além do entretenimento.

Poucos filmes de terror exerceram uma influência tão duradoura. *Carrie* projetou Stephen King como uma das grandes vozes da literatura popular norte-americana, confirmou Brian De Palma entre os cineastas mais inventivos de sua geração e ajudou a abrir caminho para que o horror fosse reconhecido como um espaço legítimo para discutir comportamento, religião, sexualidade e violência. Cinco décadas depois, sua marca continua visível em obras que entendem o medo não como fuga da realidade, mas como uma maneira de confrontá-la.

Talvez *Carrie* dialogue ainda mais com o presente do que dialogava com os anos 1970. A humilhação pública mudou de palco, mas não de natureza. O baile foi substituído pelas redes sociais; o linchamento continua coletivo; a exposição continua irreversível; o desejo de transformar alguém em espetáculo permanece assustadoramente vivo.

A força de *Carrie* está justamente nisso: a obra continua emocionando tanto quanto assusta. Porque Brian De Palma fez mais do que filmar uma garota com poderes telecinéticos. Capturou o instante exato em que uma sociedade transforma uma vítima em monstro e, depois, se assusta com a própria criação.

Não por acaso, *Carrie* continua ressurgindo em ensaios fotográficos, editoriais de moda, videoclipes, capas de álbuns e inúmeras referências da cultura pop. O vestido rosa encharcado de sangue e o olhar perdido de Sissy Spacek deixaram de pertencer apenas ao cinema para se tornarem parte do imaginário coletivo. Poucos filmes conseguem transformar uma única cena em um símbolo cultural. *Carrie* conseguiu. É justamente por isso que continua sendo uma metáfora tão poderosa sobre intolerância, exclusão e violência coletiva. — Ademir Correa

EXTRATERRESTRES Supermodelos E ILUMINAÇÃO

O diretor Chris Smith e Hoyt Richards, ex-integrante do grupo Eternal Values, discutem a série *Os Escolhidos da Beleza* e falam sobre o líder carismático que mantinha seus seguidores sob completo controle

Por **CT Jones**

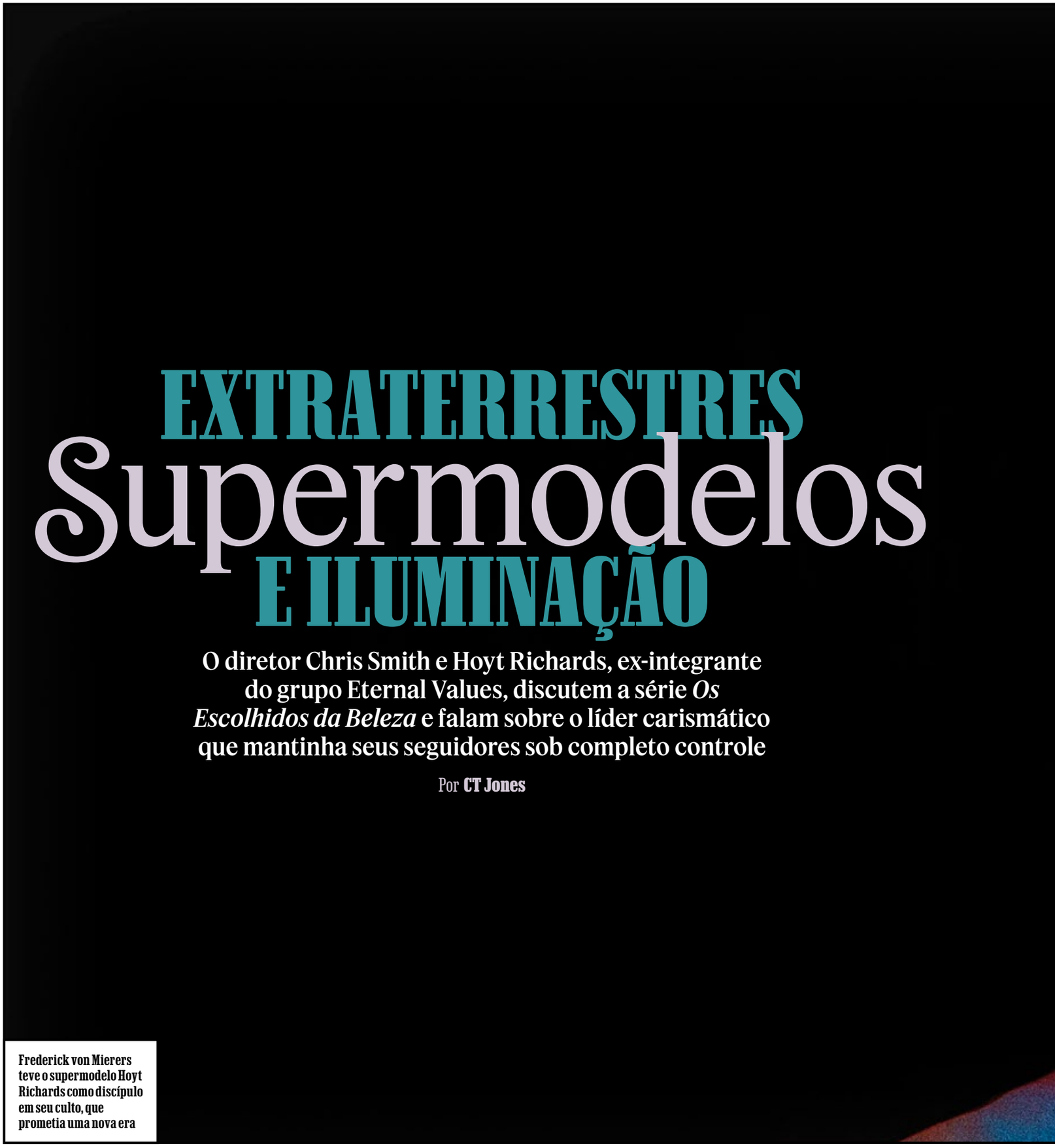


FOTO: DIVULGAÇÃO

Frederick von Mierers teve o supermodelo Hoyt Richards como discípulo em seu culto, que prometia uma nova era

Ines249

No verão de 1978, Hoyt Richards visitou Nantucket com sua família. Um dos seis filhos da família, o garoto, então com 16 anos, adorava a viagem anual à ilha de Massachusetts, um paraíso repleto de águas cristalinas, jet skis e sol abundante. Mas, quando ele estava sentado na praia com um amigo, um homem estendeu sua toalha, sentou-se ao lado de Richards e começou a conversar. "Ouvi falar dele por meio do meu amigo, um cara de Nova York que se interessava por astrologia e religiões antigas", recorda Richards. "Lembro-me dele dizendo: 'Ah, você é muito inteligente, então vai entender isso.'"

O homem se apresentava como Frederick von Mierers, e os dois rapidamente iniciaram uma amizade que se estendeu pelos anos de faculdade de Richards em Princeton e, posteriormente, por sua carreira como um dos primeiros supermodelos masculinos do mundo. Mas o que Richards pensava ser um coletivo dedicado ao misticismo, à espiritualidade e ao crescimento pessoal rapidamente se transformou em uma seita controladora denominada "Eternal Values" ("Valores Eternos", em tradução livre), com Mierers em uma posição de poder absoluto. Richards pensava que eles eram uma família. Agora, chama isso de outra coisa: um culto.

Nova série documental da HBO, *Os Escolhidos da Beleza* explora as origens do misterioso grupo Eternal Values, dos anos 1980, e das belas modelos que, em sua maioria, compunham suas fileiras. Dirigida por Chris Smith (*Onda de 100 Pés*), a produção de três partes também investiga os ensinamentos e exigências de Mierers, além de sua verdadeira história, que tentou esconder por trás de alegações de poder sobrenatural. O próprio título vem de uma exigência comum que Mierers fazia a seus seguidores, baseada em seu desejo de se cercar das pessoas mais atraentes que conseguisse encontrar: "Tragam-me as beldades".

"RELAÇÕES SECTÁRIAS FAZEM PARTE DA CONDIÇÃO HUMANA. SÃO RELACIONAMENTOS EM QUE ENTREGAMOS NOSSO PODER A OUTRA PESSOA E, DEPOIS, SOFREMOS POR ISSO"

"A esperança e a promessa do grupo eram uma exploração muito altruísta da autorrealização e a tentativa de ajudar as pessoas a se tornarem as melhores versões de si mesmas. Era isso que as pessoas esperavam alcançar ao se inscreverem", disse Smith à *Rolling Stone*. "Assim que começamos a investigar, tudo começou a se desdobrar e se expandir de uma forma para a qual eu acho que não estávamos totalmente preparados."

A PROMESSA DOS VALORES ETERNOS

Mierers atraía seguidores com discussões sobre iluminação e clareza mental, frequentemente girando em torno de dieta, exercícios, celibato e a disposição de abrir mão de bens materiais. Mas, uma vez que as pessoas estavam completamente cativadas — muitas se mudando para um apartamento em Manhattan com o líder — ele revelava sua verdadeira mensagem. Mierers acreditava ser um "walk-in", alienígena que havia assumido um corpo humano na Terra. Ele ensinava que sua terra natal era uma estrela chamada Arcturus, o centro espiritual do universo, e que somente ele poderia salvar seus seguidores de uma catástrofe iminente que destruiria grande parte do mundo. Se seguissem seus ensinamentos, que incluíam a compra de cristais de cura, seriam resgatados durante as tribulações da Terra e trazidos de volta quando tudo terminasse para liderar a nova era.

"Você pode olhar para uma história como essa de fora e pensar: 'Jamais me envolveria com algo assim'", diz Smith. "Mas muitas pessoas têm relacionamentos com cultos em suas vidas dos quais talvez nem se deem conta, sejam eles afiliações a partidos políticos ou religiões."

Mierers conseguiu levar uma vida luxuosa graças aos fundos arrecadados por seus seguidores. Enquanto estudava em Princeton, Richards foi descoberto pela agência de modelos Ford e rapidamente se tornou um modelo masculino muito bem pago. Após a formatura, mudou-se para Nova York, onde doou quase todo o seu dinheiro diretamente para a Eternal Values. "Minha carreira estava decolando, e eu acreditava que isso acontecia porque fazia parte daquele grupo e tinha feito uma escolha consciente de me dedicar a Deus e a viver uma vida espiritual", relembrou. Em certo momento, ele ganhava quase US$ 90 mil (cerca de R$ 450 mil, na cotação atual) por mês — e Mierers ficava com praticamente tudo.

"Ignorei sinais e oportunidades simplesmente porque queria acreditar no cenário que Freddie apresentou, nessa oportunidade de me juntar a esse grupo e movimento que ajudaria o mundo", lamenta Richards. "Agarrei-me a isso com tanta força que, mesmo quando surgiam informações claramente contraditórias, simplesmente as ignorava e me autocensurava, porque queria muito manter aquela narrativa inicial. Você se torna seu próprio pior inimigo."

FOTO: DIA DIPASUPIL/GETTY IMAGES

Hoyt Richards (esq.) e Chris Smith (dir.) na estreia de *Os Escolhidos da Beleza*, em Nova York

TENSÃO CRESCENTE

O grupo acreditava estar alcançando a iluminação espiritual ao ouvir Mierers e deixar para trás o conforto, muitas vezes dormindo no chão de quartos luxuosamente decorados. Mas Mierers colocava os integrantes uns contra os outros, incentivava a vigilância e começava os "slammings", críticas inesperadas sobre todos os aspectos dos participantes, desde a aparência até as ações.

Paul Hinton, ex-membro da Eternal Values, também afirma no documentário que os ensinamentos de Mierers davam a entender que ele estava acima dos desejos sexuais, mas o líder mantinha relações sexuais secretas com profissionais do sexo masculino. Hinton acredita que esse comportamento acabou expondo Mierers ao HIV/aids.

A série documental inclui imagens de arquivo inéditas e entrevistas presenciais com ex-integrantes do Eternal Values, muitos dos quais levaram anos para se recuperar de seus relacionamentos com Mierers. Uma ex-membro foi a supermodelo Jacki Adams, que se juntou ao grupo depois de ler sobre Mierers no livro de 1985, *Aliens Among Us*, da jornalista Ruth Montgomery.

Durante o tempo em que Adams esteve no grupo, conheceu John Andreadis, da Eternal Values. Mierers acreditava que Andreadis também era um "infiltrado", destinado a ser o próximo líder do grupo. Mas quando Andreadis e Adams se apaixonaram e se casaram, Mierers considerou o vínculo uma traição e se voltou contra eles. Convencida de que o grupo não era mais confiável, Adams concedeu uma entrevista reveladora a um repórter da *Vanity Fair*, chamando a Eternal Values de "seita" e expondo a prática de Mierers de cobrar milhares de dólares dos membros por pedras preciosas e cristais baratos.

Mas, em 1990, Mierers morreu de complicações da aids, deixando um vácuo de poder que dividiu o grupo em duas facções. O artigo da *Vanity Fair* foi publicado pouco depois, ostracizando ainda mais Adams de seus antigos amigos e fazendo com que os integrantes restantes se isolassem ainda mais.

"Não sei se teríamos conseguido fazer esta [série documental] sem Hoyt ou Jacki. A ascensão de Hoyt no mundo da moda também foi um catalisador para o grupo, mas Jacki foi realmente o catalisador da queda", diz Smith. "Foi ela que percebeu que este [grupo] não era o que parecia e não era um ambiente saudável. A saída dela foi realmente o começo do fim."

UMA LIÇÃO IMPORTANTE

Após a morte de Mierers, Richards afirma que o grupo se tornou ainda mais abusivo, frequentemente restringindo sua alimentação, cometendo agressões verbais e, certa vez, até raspando sua cabeça para dificultar que conseguisse trabalhos como modelo. Sua família tentou pelo menos uma intervenção sem sucesso, e Richards precisou de duas tentativas para deixar o grupo. Depois de anos ganhando milhões, ele tinha apenas US$ 3 mil no bolso. Ele fugiu e foi morar com seu amigo íntimo Fabio Lanzoni — um favor que, segundo ele, salvou sua vida.

"Eu estava tão traumatizado e apavorado, passando por um transtorno de estresse pós-traumático complexo", diz Richards. "Fabio teve a sensibilidade de dizer: 'OK, algo realmente aconteceu com meu amigo. Ele está como uma sombra do cara que eu conhecia, mas se eu der a ele um espaço seguro e normalizar as coisas, quando ele estiver pronto, virá conversar.' Foi isso que realmente me deu o tempo necessário para começar a processar toda essa experiência."

Agora com 64 anos, Richards afirma que participou de *Os Escolhidos da Beleza* não apenas para alcançar uma catarse pessoal, mas também para mostrar às pessoas como é fácil se deixar influenciar por uma pessoa carismática.

"Descrevo minha experiência de 20 anos com um grupo, como se fosse um culto. Acredito que relações sectárias fazem parte da condição humana. São relacionamentos em que, inconscientemente, entregamos nosso poder a outra pessoa e, depois, sofremos por isso", diz Richards. "As pessoas se sentem atraídas por esse tipo de história porque, inconscientemente, já vivenciaram algo semelhante, muito mais sutil, mas com a mesma dinâmica em jogo. Isso é realmente universal."

Ines249

A Nova Gramática DO MEDO

Como *Obsessão* e *Backrooms* revelam que a internet moldou o terror de uma geração conectada

Por **Ademir Correa**

Renate Reinsve, indicada ao Oscar de Melhor Atriz por *Valor Sentimental*, interpretou a terapeuta Mary Kline em *Backrooms: Um Não-Lugar* (2026)

Durante a última década, o cinema de terror passou por uma transformação importante. O gênero deixou de depender exclusivamente de *jump scares* e monstros sobrenaturais para se aproximar do cinema de autor. Filmes como *Hereditário* (2018), *Midsommar* (2019), *Corra!* (2017) e *A Bruxa* (2015) usaram o medo como ferramenta para discutir luto, racismo, religião, isolamento e relações familiares, aproximando o gênero de conflitos profundamente humanos.

Agora, essa evolução adentra uma nova fase. Embora partam de propostas diferentes, *Obsessão* e *Backrooms* refletem uma mesma transformação do cinema de terror. O primeiro leva para o thriller psicológico inquietações contemporâneas sobre exposição, vigilância e ansiedade. O segundo nasce diretamente da cultura digital, adaptando uma das maiores lendas surgidas na internet recente. Juntos, apontam para um momento em que o terror criado a partir da cultura online deixa de ser um nicho para ocupar o centro da cultura pop.

O terror da era digital não é simplesmente aquele que acontece em telas ou redes sociais. Ele nasce das linguagens criadas nas comunidades online: das *creepypastas*, dos vídeos publicados no YouTube, dos fóruns anônimos, dos ARGs (*Alternate Reality Games*), dos memes, da estética analógica recriada digitalmente e da participação ativa dos fãs na construção dessas narrativas. A internet deixa de ser apenas cenário para se tornar linguagem — ou, em alguns casos, passa a moldar os próprios medos que alimentam os roteiros.

Dirigido por Curry Barker, cineasta que construiu sua trajetória a partir da criação de conteúdo na internet, *Obsessão* usa uma estrutura que explora desejo, poder e relações atravessadas pelo excesso de controle em uma sociedade

FOTOS: DIVULGAÇÃO. MATT WINKELMEYER/WIREIMAGE, TODD OWYOUNG/NBC VIA GETTY IMAGES

OBSESSÃO
Ao lado, Inde Navarrette dá vida à personagem Nikki Freeman em uma das melhores atuações de 2026; abaixo, o diretor Curry Barker, que começou dirigindo esquetes no YouTube, é responsável pela maior bilheteria original da década

definida pela exposição permanente. Embora não seja um filme ligado à cultura da internet, sua narrativa dialoga com comportamentos intensificados pela vida conectada, como a vigilância constante, a idealização afetiva e a necessidade de validação. O terror nasce menos de uma ameaça sobrenatural e mais da forma como relações humanas podem se transformar em mecanismos de controle, revelando uma das ansiedades centrais da era contemporânea: a dificuldade de desaparecer em um mundo onde tudo pode ser registrado, compartilhado e permanentemente revisitado.

Já *Backrooms* leva para as telas uma das maiores lendas digitais da última década. O filme adapta a *creepypasta* surgida em fóruns anônimos em 2019 e transformada em fenômeno mundial pelos vídeos do jovem cineasta Kane Parsons, conhecido como Kane Pixels. Com apenas 20 anos, chegou à A24 após conquistar milhões de espectadores no YouTube explorando uma narrativa construída coletivamente por comunidades online — caminho praticamente impensável para cineastas de gerações anteriores.

Além dos temas, há uma transformação no próprio modo de fazer cinema que ajuda a explicar essa renovação do gênero. Nem Curry Barker nem Kane Parsons seguiram o percurso tradicional de Hollywood. O primeiro construiu sua trajetória criando conteúdo independente para a internet antes de chegar ao cinema, enquanto o segundo desenvolveu sua linguagem audiovisual diretamente no YouTube, onde transformou a lenda das *Backrooms* em um fenômeno global. Ambos representam uma geração de realizadores cuja formação aconteceu em diálogo permanente com a cultura digital: nas plataformas, nas comunidades online e em novas formas de criação narrativa — e não apenas dentro das estruturas tradicionais da indústria audiovisual.

Mais importante do que sua origem, porém, é sua estética. As Backrooms nasceram como um conceito que dificilmente existiria antes da internet. Corredores infinitos, escritórios vazios, iluminação fluorescente, carpetes amarelados e um silêncio desconfortável compõem os chamados espaços liminares (*liminal spaces*): ambientes de transição que despertam simultaneamente nostalgia, estranhamento e ansiedade. O terror não está necessariamente na presença de um monstro, mas na sensação de que algo está errado em um lugar aparentemente comum.

***Com Backrooms: Um Não-Lugar*, Kane Parsons, de 21 anos, tornou-se o cineasta mais jovem a estrear um filme em 1º lugar na bilheteria dos EUA**

Essa estética conversa diretamente com uma geração criada em contato permanente com videogames, vídeos em primeira pessoa, fóruns, memes e conteúdos produzidos coletivamente. O medo deixa de ser apenas aquilo que aparece na tela. Passa a ser a falha na realidade, a ausência de explicações e a sensação de estar preso em um ambiente que parece familiar, mas nunca totalmente reconhecível.

Essa transformação vai além desses dois filmes. Em uma análise publicada pelo *The New York Times*, os críticos Alissa Wilkinson e Jason Zinoman observam que uma nova geração de realizadores está chegando aos grandes estúdios depois de desenvolver sua linguagem diretamente nas plataformas digitais. O impacto não está apenas em quem dirige os filmes, mas também na maneira como essas histórias são concebidas, compartilhadas e consumidas.

Essa lógica aparece de forma cristalina em *Backrooms*. O longa não encerra sua narrativa quando os créditos sobem. Ele funciona como a expansão de um universo que continua vivo em vídeos, teorias, fóruns e conteúdos produzidos pelos próprios fãs. O filme deixa de ser um produto fechado. Ele continua no TikTok, no Reddit, no YouTube e nas comunidades, onde novas interpretações passam a fazer parte da própria experiência.

Essa forma de construir narrativas conversa profundamente com a Geração Z, acostumada a consumir conteúdos fragmentados, descobrir referências escondidas, montar teorias e participar da expansão de universos narrativos em diferentes plataformas. Para esse público, assistir é apenas o começo. Mais do que uma nova estética, essa é uma mudança na própria relação entre criadores, histórias e público. O cinema deixa de ser uma experiência encerrada dentro da sala de exibição e passa a funcionar como parte de ecossistemas narrativos maiores, construídos em diferentes plataformas e alimentados pela participação das comunidades.

O cinema de terror sempre funcionou como um espelho dos medos de sua época. O que mudou agora é que o próprio ambiente onde esses medos são criados também se transformou. Se *Backrooms* representa o exemplo mais evidente de um terror nascido da própria internet, *Obsessão* demonstra que as ansiedades da vida conectada também passaram a contaminar o thriller psicológico contemporâneo. Juntos, os dois filmes mostram que o terror do século XXI não precisa mais inventar monstros para provocar desconforto. Basta observar como a tecnologia transformou nossa percepção da realidade, das relações humanas e da própria ideia de medo.

Ines249

A artista Liniker fez parte do último clipe do projeto, com "Maria, Maria"

Projeto Nosso Canto revisita clássicos da música brasileira para dar voz a histórias de quem empreende

O SOM DAS HISTÓRIAS

Algumas canções atravessam gerações porque conseguem traduzir lutas universais. Falam de esperança, resistência, coragem e recomeços, temas que permanecem atuais independentemente da época ou da voz que as interpreta. É justamente da arte de criar identificação que nasce Nosso Canto – O Som que Toca Quem Empreende, projeto do Sebrae que une releituras de clássicos da música brasileira a histórias reais de pequenos empreendedores.

A proposta transforma músicas conhecidas do público em ponto de partida para o audiovisual. Cada lançamento apresenta um artista reinterpretando um clássico da MPB enquanto o videoclipe acompanha a trajetória de um empreendedor, conectando a mensagem da canção aos desafios, conquistas e transformações vividos por quem decidiu empreender.

A primeira temporada reúne nomes de diferentes estilos e gerações da música nacional. Ajulliacosta abriu a série com uma releitura de Tente Outra Vez, seguida pelo relançamento da versão do MC Hariel para Dias de Luta, Dias de Glória. Na sequência, Marina Sena interpreta Feira de Mangaio, Os Garotin apresentam É Preciso Saber Viver e Liniker encerra a temporada revisitando Maria, Maria.

As novas interpretações preservam a essência das composições originais enquanto ganham novos significados ao serem associadas a histórias reais de pessoas que transformaram desafios em oportunidades.

Os microempreendedores escolhidos pelo projeto variam de uma barbearia na zona sul de São Paulo, até artesãos da feira do Ver-o-Peso, em Belém do Pará. "Estar aqui com um artista da magnitude dele, faz com que a gente pense: 'olha onde nós chegamos', e isso é muito gratificante", contou Luis Eduardo, da Barbearia Homens de Preto, que recebeu o MC Hariel.

Além dos videoclipes, cada episódio é acompanhado por um minidocumentário que aprofunda a trajetória do personagem retratado, revelando o contexto por trás de cada negócio e destacando a diversidade cultural presente em diferentes regiões do país. O resultado é uma experiência que combina música com histórias para mostrar que grandes canções continuam encontrando novas formas de dialogar com o presente.

Ao aproximar artistas contemporâneos de clássicos da música brasileira, Nosso Canto demonstra como essas obras seguem vivas. O projeto utiliza a música como linguagem para contar histórias que poderiam acontecer em qualquer lugar do Brasil, reforçando seu poder de conectar pessoas, gerações e experiências.

FOTOS: MATEUS CAMARGO, VICTOR CARVALHO, FELIPE RAMALHO, EDUARDO SERRA

Ajulliacosta gravou no projeto Jovens de Expressão, diretamente da Ceilândia (DF)

Os Garotin foram até Porto Alegre reviver *É Preciso Saber Viver*, na Pizzaria Marguerita's

MC Hariel participou do projeto na Barbearia Homens de Preto, no Grajaú (SP)

Na Feira do Ver-o-Peso (PA), Marina Sena performou "Feira de Mangaio"

Ines249

UMA LINHA DO TEMPO DAS CHOCANTES CIFRAS DE ELON MUSK

O fundador da SpaceX tornou-se o primeiro trilionário do mundo — que outros números definem sua trajetória?

Por **Nikki McCann Ramirez**

Elon Musk é oficialmente o primeiro trilionário do mundo. No dia 12 de junho de 2026, a oferta pública inicial de ações (IPO) da SpaceX elevou a avaliação da empresa de exploração espacial e inteligência artificial para astronômicos US$ 1,77 trilhão (cerca de R$ 9,1 trilhões na cotação atual), o maior IPO e a maior avaliação corporativa da história. A participação controladora de Musk nas ações da companhia fez com que seu patrimônio líquido, que já era astronômico e girava em torno de US$ 800 bilhões (ou R$ 4,1 trilhões), ultrapassasse a marca do trilhão.

É uma quantia de dinheiro quase inimaginável, agora sob o controle do homem mais rico do planeta. Para ajudar a visualizar o tamanho da fortuna de Musk, aqui estão alguns pontos de comparação — e outros números que ajudam a definir sua trajetória.

US$ 1,1 TRILHÃO

Patrimônio líquido estimado de Musk em 12 de junho de 2026

US$ 1,85 MILHÃO

Ganhos estimados ao longo da vida de um homem estadunidense mediano

US$ 1,1 MILHÃO

Receita estimada ao longo da vida da mulher estadunidense mediana

US$ 290 MILHÕES

Valor que Musk gastou ajudando Donald Trump a vencer a eleição de 2024, segundo documentos apresentados à SEC

FOTOS: NORA TAM/SOUTH CHINA MORNING POST VIA GETTY IMAGES, OMAR MARQUES/GETTY IMAGES, MARC PIASECKI/GETTY IMAGES, JIM WATSON/AFP VIA GETTY IMAGES, ANNA MONEYMAKER/GETTY IMAGES, OLIVER CONTRERAS/AFP VIA GETTY IMAGES, BRENDAN SMIALOWSKI/AFP VIA GETTY IMAGES, KAYLA BARTKOWSKI/GETTY IMAGES, PHILLIP FARAONE/GETTY IMAGES FOR TEEN VOGUE

14 MILHÕES

Estimativa de mortes globais esperadas até 2030 como resultado dos cortes de Musk em programas de ajuda externa enquanto chefiava o DOGE, de acordo com a revista médica *The Lancet*

12 Número de tentativas de lançamento da nave Starship, da SpaceX

6 Lançamentos da Starship que terminaram em fracasso

US$ 38 BILHÕES

Montante que as empresas de Musk receberam em contratos, créditos tributários e subsídios do governo federal entre 2003 e 2025

US$ 332

Preço médio que uma família norte-americana inscrita no Programa de Assistência Nutricional Suplementar recebe por mês

US$ 21,7 BILHÕES

Gasto estimado de recursos públicos desperdiçados pela operação DOGE de Elon Musk

Valor estimado combinado das sete propriedades residenciais que Musk colocou à venda em 2020:

US$ 100 MILHÕES

O mesmo dos subsídios e programas de assistência para moradia popular eliminados por Musk enquanto chefiava o DOGE

7 Número de mulheres que processaram a fábrica da Tesla em Fremont, Califórnia, acusando a empresa de assédio sexual. (Um dos casos foi encerrado por meio de acordo sob termos não divulgados; os processos das outras seis mulheres seguem sem resolução.)

104 MIL

Vezes que Musk publicou no Twitter/X desde que entrou na plataforma, em 2009

US$ 2,1 BILHÕES

Custo estimado das indenizações que deverão ser concedidas a ex-investidores do Twitter após um júri considerar Musk responsável por induzir acionistas ao erro durante a compra da plataforma

14 Total de filhos conhecidos de Musk

2 Quantidade de disputas judiciais pela guarda dos filhos que enfrentou em sua tentativa de ter o maior número possível de crianças. Uma com a cantora Grimes e outra com Ashley St. Claire, influenciadora MAGA "arrependida" e escritora anti-trans

1 Número de filhos de Musk que romperam publicamente com ele. (Vivian Jenna Wilson, filha transgênero de Musk de seu primeiro casamento com Justine Wilson, brigou com o pai após ele rejeitar sua identidade de gênero e criticá-la publicamente em entrevistas a figuras da direita)

US$ 303.418

Custo médio para criar uma criança nos Estados Unidos, do nascimento aos 18 anos

US$ 20 MILHÕES

Valor da multa paga por Musk após um acordo com a Comissão de Valores Mobiliários dos EUA (SEC) em um processo que o acusava de fraudar investidores da Tesla

Maturidade Criativa

Após o primeiro show no Brasil, banda inglesa Wolf Alice não se restringe a rótulos e reinventa seu próprio som sem medo de errar

Por **Gabriela Nangino**

Em 2022, Wolf Alice abriu os shows da turnê *Love On Tour* de Harry Styles na Europa. Durante uma apresentação ao vivo em Lisboa, fãs presenciaram um momento especial: a vocalista da banda inglesa, Ellie Rowsell, subiu ao palco para cantar "No Hard Feelings" em dueto com o ex-One Direction.

Desde então, muita coisa aconteceu. Wolf Alice lançou seu quarto disco de estúdio, *The Clearing*, em 2025 — sucessor de *My Love Is Cool* (2016), *Visions of A Life* (2017) e *Blue Weekend* (2021) — disco recheado de referências setentistas, mas que não abre mão da contemporaneidade. Em maio de 2026, a banda finalmente fez sua estreia nos palcos brasileiros. "Parece que muita gente estava esperando há um bom tempo para a gente vir aqui", comentou o guitarrista Joff Oddie à *Rolling Stone Brasil*.

O grupo, composto ainda por Theo Ellis (baixo) e Joel Amey (bateria), se apresentou no C6 Fest, no Parque Ibirapuera, em São Paulo, e fez um show no Vivo Rio, no Rio de Janeiro. Uma semana depois, eles desembarcaram na redação da *Rolling Stone*

FOTOS: HARRIET TK BOLS, DIVULGAÇÃO

Brasil para conversar sobre... um pouco de tudo. Incorporando o estilo inconfundível das estrelas britânicas — vestindo jaquetas e botas de couro, com um toque, é claro, de muita atitude — os músicos caminharam pelo espaço, observando as capas históricas da revista exibidas nas paredes.

Ao longo da última década, Wolf Alice viveu em constante reinvenção sonora, apostando em elementos do folk, indie, shoegaze, rock clássico e até mesmo alguns toques de pop. Esse processo de constante experimentação, segundo o grupo, faz parte do seu DNA.

Na conversa com a *Rolling Stone Brasil*, os integrantes da banda revelaram detalhes sobre a trajetória na música, o momento atual de carreira e a experiência que viveram aqui — além de revelar o segredo para manter a chama da criatividade sempre acesa.

O som do Wolf Alice já atravessou o folk, o rock, e incorporou elementos pop. Como vocês enxergam esse processo?

Joff Oddie: Sempre admiramos artistas que conseguem fazer mais de uma coisa. Falávamos sobre Patrick Wolfe, artista inglês incrivelmente eclético, e Beck. Mas acho que mantém tudo mais fresco para nós, experimentar coisas novas e nos desafiar.

The Clearing tem algumas referências aos anos 1970. O que guiou essa direção?

Ellie Rowsell: Nos álbuns anteriores, a gente não falava muito sobre inspirações, simplesmente entrávamos no estúdio e deixávamos rolar. Desta vez, pensamos: "É isso que estou curtindo no momento, e adoraria fazer algo que soasse assim". Trabalhamos com referências bem definidas. Tudo foi um pouco mais... "pré-calculado".

The Clearing surgiu de um momento de maior maturidade na banda. Algo mudou na forma como vocês compõem?

Joel Amey: Houve um aumento na nossa confiança. Se compararmos *Blue Weekend* com *The Clearing*, fomos confiantes o suficiente para deixar mais espaço nos arranjos. Quando você é um artista mais jovem no estúdio, é muito empolgante. Quer usar todos os sintetizadores, experimentar equipamentos diferentes. Talvez um sinal de maturidade seja perceber que a música continua tão forte mesmo sem todos esses recursos. Você começa a dar destaque a outros elementos no palco, e *The Clearing* é um exemplo disso.

O show no Brasil aconteceu uma década depois do lançamento de My Love Is Cool. Hoje, a única música do álbum no repertório é "Bros". Como é revisitá-la ao vivo?

ER: É uma canção estranha de tocar. Por um tempo, fiquei pensando "meu Deus, isso não parece a gente". É uma música doce, com uma sonoridade jovial, mas sinto que completei um ciclo. Passei por uma espécie de adolescência tardia, em que pensava: "Não quero tocar essa música, não é legal", e agora penso: "Ah, é tão fofa! Adoro!".

Especialmente aqui [no Brasil] foi mais especial. Todo mundo cantava junto, talvez porque nunca tínhamos tocado aqui antes. Foi legal sentir a energia das pessoas ouvindo pela primeira vez.

Vocês já abriram shows para artistas muito diferentes, como Foo Fighters e Harry Styles. O que vocês aprenderam?

JA: Tivemos muita sorte, e o público dessas bandas foi incrível. Harry Styles, em particular, se destacou. Eu estava bem nervoso; achava que, no papel, não daria certo, o que foi muita ignorância da minha parte. O público era aberto e receptivo a vários estilos musicais diferentes, e foi uma alegria. Tocar em arenas nos ensinou muito sobre o tipo de artista que somos hoje.

Vocês tiveram algum lugar favorito da turnê até agora?

TE: Tivemos um show incrível em Buenos Aires [na Argentina], mas gostaria de voltar e fazer um show [solo] nosso em São Paulo, seria incrível.

ER: Sinto muito que demoramos tanto para chegar aqui.

TE: Não vai demorar uma década para a próxima vez. Faremos outro álbum, e será bem mais rápido. Cinco anos, não dez.

O que inspira a criatividade de vocês?

TE: Passamos por várias experiências bizarras ao criar este disco. Para mim, escrever algo é como respirar fundo. Somos compositores bastante reflexivos, até certo ponto, e isso ajuda a entender nossos sentimentos, a aprender algo sobre nós mesmos. O primeiro passo, de colocar algo para fora, me acalma um pouco — talvez seja por isso que gosto de fazer isso.

O que permite que vocês continuem trabalhando tão bem, após tantos anos?

ER: Damos risada. Fazemos isso há tanto tempo que sabemos que somos todos bem independentes, mas também... a gente se entende.

TE: Existe uma intuição legal entre nós, e todo mundo mudou. Conforme a vida avança, você tem responsabilidades diferentes e coisas novas acontecem. Sem dizer nada, a gente percebe isso e dá um ao outro espaço para crescer individualmente. Estamos unidos por essa banda e pelo amor por fazer música juntos, e isso tem sido uma constante em nossas vidas, o que é um privilégio enorme.

Olhando para o futuro, existe algo que gostariam de explorar?

JA: Tocar essas músicas ao vivo tem sido interessante, ver como essa troca de energia funciona. Lançamos *Blue Weekend* na época da Covid-19, e então a pandemia aconteceu e compusemos durante esse período, e sinto que estou aprendendo sobre a importância de me movimentar e estar em um ambiente ao vivo agora. Não tenho certeza de qual direção vamos tomar, mas será a soma de todas as nossas partes e experiências, e espero que seja divertido.

Ines249

OS FCUKERS SÓ QUEREM SE DIVERTIR

Ato de abertura dos shows de Harry Styles no Brasil, duo de eletrônica une os vocais suaves de Shanny Wise à produção ousada de Jackson Walker Lewis

Por **Gabriela Nangino**

O aguardado retorno de Harry Styles ao Brasil, após quatro anos, traz mais do que os grandes hits do cantor. Em São Paulo, o astro do pop convida ao palco, pela primeira vez no país, o duo de eletrônica Fcukers — formado pelos nova-iorquinos Shanny Wise (vocais) e Jackson Walker Lewis (baixo, teclado).

Após estrearem com o EP *Baggy$$* em 2024, o primeiro álbum de estúdio do grupo, *Ö,* chegou às plataformas digitais em março deste ano, consolidando a dupla como um nome em rápida ascensão na música eletrônica.

Shanny e Jackson em entrevista à *Rolling Stone Brasil,* revelaram os passos que os trouxeram até este momento da carreira.

TRAJETÓRIA

Antes de compor o Fcukers, ambos se dedicaram a projetos independentes. Em 2022, Shanny era vocalista do The Shacks, enquanto Jackson fazia parte da banda Spud Cannon. Quando o formato tradicional do indie rock parou de agradar, ele começou a explorar novos ares com a criação de beats eletrônicos.

"Nós dois, cada um à sua maneira, pensamos que queríamos fazer música eletrônica antes de nos encontrarmos. Tínhamos passado por bandas, com instrumentos, gravações e tal. E nós dois queríamos tentar algo novo", conta o músico.

Shanny e Jackson se conheceram por meio de amigos em comum e, percebendo que estavam vivendo uma fase de transição semelhante, decidiram unir seus talentos. Seis meses depois, em março de 2023, a dupla lançou seu primeiro single, "Mothers".

Rapidamente, saíram de seu show de estreia, em uma casa de shows com capacidade para 200 pessoas, para tocar para mais de 2 mil em Nova York — e assinar com a gravadora Technicolour Records, da Ninja Tune, que possibilitou o lançamento de *Baggy$$*.

Ao longo dos últimos anos, Fcukers se apresentou em grandes festivais ao redor do mundo, como Glastonbury, Primavera Sound, Lollapalooza e Coachella. Para o duo, a experiência ao vivo é única. "As músicas têm uma vida diferente do que quando são gravadas, porque adicionamos mais coisas no palco, e entramos na vibe de festa", diz Jackson.

Apesar da ascensão acelerada, a fama foi um processo mais longo para eles do que aos olhos do público. "Shanny e eu fizemos isso de uma forma ou outra há tanto tempo, então nos sentimos muito agradecidos, mas, ao mesmo tempo, quase não parece que foram apenas três anos — parecem 10", explica.

O artista ainda relembra como foi a escolha do nome da dupla. Na época em que começaram a parceria artística, ele tinha um moletom escrito "Fuckers", o que encaixou perfeitamente no que ambos queriam expressar: "Só queríamos fazer música para nós, e tipo, foda-se, sabe?".

PRIMEIRO ÁLBUM

O processo criativo da dupla é marcado por conexões. *Ö* foi produzido por Kenny Beats, que já trabalhou com Dominic Fike e FKA Twigs, e mixado por Tom Norris, engenheiro vencedor de múltiplos Grammys.

Segundo Shanny, a parceria foi completamente inesperada. A dupla havia recebido uma mensagem do produtor no Instagram em 2024, mas nunca teve a oportunidade de encontrá-lo.

"[Em abril de 2025], estávamos em Los Angeles para o Coachella, e o nosso empresário disse que deveríamos ir dizer oi e tomar um café. Respondemos, tipo, 'ok, claro'", conta. "Passamos por lá no caminho, e tínhamos planos para mais tarde. Do nada, acabamos fazendo duas músicas no primeiro dia, e cancelamos o resto dos nossos planos."

O projeto foi criado em uma intensa sessão de estúdio nas duas semanas seguintes. "Foi diferente trabalhar com o Kenny, porque antes nós fazíamos tudo sozinhos e com o [DJ] Ivan Berko", relembra Shanny. "Agora, tínhamos alguém constantemente nos empurrando para a próxima ideia."

Mesclando influências do house dos anos 1990, do electropop, e da estética indie sleaze — que mistura rock 'n' roll, grunge e glamour despojado —, a dupla esteve aberta à experimentação. "Conversamos sobre a música do clube da nossa juventude, o rap dos anos 2000, e queríamos trazer tudo isso para um novo contexto."

A recusa a se encaixar em rótulos ou gêneros é exatamente o que consolidou o Fcukers, e garantiu ao duo espaço para transitar em shows, festivais e festas com um som absolutamente autêntico.

> ‹‹Com o Kenny [Beats], sabíamos que tudo iria soar ótimo, porque ele é um produtor incrível. Então, nós podíamos escrever mais livremente››
> (Shanny Wise)

FOTO: JETON BAKALLI

"Grandes artistas estavam pedindo beats no estilo de *Baggy$$*, mas queríamos que esse álbum fosse uma progressão da nossa música."

A VINDA AO BRASIL

Como ficou claro, conexões são a palavra-chave do sucesso do Fcukers. Nos últimos anos, abriram shows para nomes como Tame Impala, LCD Soundsystem, Disclosure e Haim.

Para Shanny, a experiência é sempre singular. "É bem diferente de ser o headliner de um show, em que todo mundo está lá para ver você, mas é divertido", comenta. "É interessante ver pessoas que não conhecem você ficarem envolvidas."

A dupla já foi convidada para a abertura da loja "100 years in NYC", da Louis Vuitton, para discotecar na after party do Coachella de Charli XCX e, mais recentemente, para a after party de *Ladrões* (2025). Mas nada os preparava para abrir os shows de Harry Styles.

Jackson conta que recebeu um e-mail da equipe do ex-One Direction, mas a mensagem não identificava quem era o artista em questão. "Era tipo, você quer fazer isso? É para esta tour com Superman, ou algo assim", brinca.

"E foi incrível. Quando alguém é tão grande, você recebe pouca informação. Assumimos que ele provavelmente ia lançar outro disco. Mas nem sabíamos disso. Só percebemos quando o anúncio aconteceu", conta.

Segundo Jackson, estes serão os maiores shows que da história de Fcukers. "Não fica maior do que isso", diz. "Não importa o quão grande sejamos, é impossível ser maior do que estes shows do Harry Styles. Isso é enorme."

O músico afirma ter "gostado muito" do novo álbum de Styles, *Kiss All The Time. Disco, Ocasionally*. "E eu não estou apenas dizendo isso porque estamos abrindo para ele! É um disco de muito bom gosto", opina. "Obviamente ele está experimentando com a eletrônica e outras coisas, mas também me despertou muitos sentimentos."

Shanny e Jackson "sempre quiseram" conhecer o Brasil. "Estava animado para ver a praia, provar a comida e a 'capirinha' [sic]", diz o cantor, rindo.

Shanny Wise (esq.) e Jackson Walker Lewis (dir.) formam o duo de eletrônica Fcukers

HARRY'S HOUSE

Ele construiu um dos repertórios mais selvagens e inusitados dos tempos modernos — da irreverência dos anos 1970 à beleza épica do folk, passando pela grandiosidade do glam rock

Harry Styles lançou seu single solo de estreia, "Sign of the Times", em 2017. Desde então, construiu um dos repertórios mais selvagens e inusitados dos tempos modernos. Uma discografia brilhante, vinda de um cantor, compositor e performer genial. E está prestes a ficar ainda maior, já que ele também é uma espécie de anjo caótico que nunca se cansa de bagunçar nossas vidas.

Que repertório: 53 músicas, todas excelentes, de um artista que já se equipara às maiores lendas de todos os tempos. Então vamos destrinchar e analisar todas as suas músicas já lançadas. Não há faixas ruins aqui, apenas joias do começo ao fim — uma celebração de cada canção.

Vamos encarar: existem muitos "Harrys". Ele é um astro pop. Um ator. Um estudioso da história da música. Um ícone de moda. Um louco genial que se diverte entrando na nossa cabeça, destruindo nossas expectativas e dançando sobre o nosso caos. E, sinceramente, ainda bem que ele é assim. Ele é tudo isso, mas, como essas músicas provam, o Harry mais verdadeiro é aquele que coloca coração e alma em sua música.

A lista inclui todas as músicas de seus quatro álbuns solo, até *Kiss All the Time. Disco, Occasionally.* Também consideramos músicas que ele transformou em parte essencial de suas turnês, mesmo que não tenham sido lançadas oficialmente. Sim, isso é meio trapaça, mas, caso contrário, teríamos que deixar "Medicine" fora — o que seria uma tragédia.

Nada de músicas do One Direction — essa seria uma lista totalmente diferente. Como diz a velha canção, não queremos uma sombra nos mantendo reféns, certo?

Então vamos fazer barulho por todas essas 53 canções — e pelo homem que as trouxe ao mundo. E que venha tudo o que ele ainda tem guardado para o futuro. Entre na luz.

FOTO: EMMA MCINTYRE/GETTY IMAGES FOR THE RECORDING ACADEMY

Ines249

Harry Styles na cerimônia do Grammy 2026, em Los Angeles, no dia 1º de fevereiro

Ines249

Harry Styles

Dois anos após o fim do One Direction, Harry Styles retornou às paradas musicais com um projeto diferente de tudo o que havia feito antes — uma guinada necessária após cinco anos em uma boyband. Seu álbum de estreia autointitulado se afasta do pop e mergulha no soft rock e no rock clássico britânico, com claras inspirações na música das décadas de 60 e 70.

Harry Styles é recheado de baladas melancólicas com letras confessionais — e algumas das melhores composições de sua carreira. Os destaques vão para a primeira e a última faixa, "Meet Me in the Hallway" e "From The Dining Table", respectivamente, que abordam a devastação emocional causada pelo fim de um relacionamento. O álbum inicia com uma súplica pelo retorno de alguém amado, e encerra com um sentimento agridoce de saudade, misturado à resignação diante da perda.

Por outro lado, reúne faixas pulsantes de rock, marcadas por baterias intensas e pelos riffs estridentes de guitarra de Mitch Rowland,

como "Only Angel" e "Carolina". Definitivamente sentiríamos falta desse estilo de composição nos álbuns posteriores de Styles.

É preciso falar, claro, sobre o single principal, "Sign of The Times". Em vez de apostar em uma faixa mais convencional para as rádios, Styles lançou uma das músicas mais intensas de sua discografia. Diferente das outras canções, "SoTT" foge do romance para falar sobre a aceitação da mortalidade.

"Two Ghosts" é uma balada soft rock que reflete sobre antigos amores. Já "Kiwi" ocupa o extremo oposto: é uma canção caótica e hedonista sobre a paixão intensa por uma mulher de espírito rebelde.

Ainda cauteloso na presença de palco, Styles embarcou em sua primeira turnê solo, a Live On Tour, desfilando dezenas de ternos estampados diferentes pelo mundo. Além das 11 faixas do álbum, apresentou duas inéditas, "Anna" e "Medicine" — essa última acabaria se tornando uma das favoritas dos fãs.

Embora não tenha sido o responsável por estourar a carreira solo de Styles nas rádios (o que aconteceria com *Fine Line*), o disco autointitulado provou ao público que ele tinha um novo mundo a explorar após o 1D. *Harry Styles* revela os primeiros traços da autenticidade sonora e performática que, poucos anos depois, transformaria o cantor em um dos maiores fenômenos do pop mundial. — Gabriela Nangino

"MEET ME IN THE HALLWAY"

#1 "Estava na hora de ficar com medo." Foi assim que Harry Styles definiu seu primeiro álbum solo em entrevista de 2017 à *NPR*. Àquela altura, não havia movimentação mais corajosa — e incerta — do que iniciar seu primeiro álbum solo, após seis anos em uma boyband pop, com uma canção dessas. A acústica "Meet Me in the Hallway" exala crueza e vulnerabilidade, seja pela letra explorando o vício emocional após um término ou pelo trabalho musical envolvendo uma interpretação vocal poderosa, ambientação ligeiramente psicodélica à la Pink Floyd ou texturas sonoras totalmente orgânicas. Harry estava pronto. — Igor Miranda

"CAROLINA"

#3 Um dos momentos mais divertidos do disco, essa faixa de glam-rock vibrante fala sobre uma noite ao lado de uma mulher bem especial. Styles a descreve como inteligente ("tem um livro para cada situação"), espontânea ("entra em festas sem convite") e clama por um pouco de atenção. Ele já admitiu que a musa, Townes (sim, ele a chama pelo nome) só descobriu sobre a canção no lançamento. "Como diria a ela que ela é tudo em que penso? Bem, acho que ela acabou de descobrir", canta. Com ritmo acelerado e muitos "lalalalas" e "oh yeahs", "Carolina" nos passa a exata sensação de desejo e sensualidade que ele quer transmitir. — G. N.

"SIGN OF THE TIMES"

#2 Uma das músicas mais poderosas da discografia de Styles, "Sign of The Times" chama a atenção em seu disco autointitulado porque não fala sobre romance, mas sobre a aceitação da mortalidade. Para um single de estreia solo, foi definitivamente uma escolha ousada: ao longo de quase seis minutos, narra a perspectiva de uma mãe à beira da morte durante o parto, enquanto oferece seus últimos conselhos ao filho recém-nascido. Mesmo diante do desespero inevitável, reforça que é possível encontrar beleza nos momentos finais.

Com um começo intimista no piano, "SoTT" cresce até alcançar uma explosão épica de emoções, com arranjos de cordas e coral de apoio. No videoclipe, Styles sobrevoa uma paisagem montanhosa, e a imensidão do céu e do mar transmitem serenidade em meio ao sofrimento. Enquanto isso, grita aos quatro ventos para que paremos de chorar — e é isso que dá ainda mais vontade de soltar as lágrimas. É cinematográfico. — G. N.

"TWO GHOSTS"

#4 Uma balada soft rock sobre duas pessoas que ainda existem, mas já não são quem eram. "Somos apenas dois fantasmas", canta sobre o apagamento silencioso de uma relação. Fãs especulam que seja sobre Tay-

FOTOS KEVIN MAZUR/GETTY IMAGES FOR HARRY STYLES

2017

O astro no começo de sua carreira solo, em 2017, apresentando "Sign of the Times" ao vivo no *The Tonight Show com Jimmy Fallon*

"SWEET CREATURE"

#5 Destoando do frenetismo e da intensidade da maioria das faixas do disco de estreia, "Sweet Creature" é uma simples, mas bem executada, balada acústica de amor. "Quando fico sem estrada / Você me leva para casa", canta sobre uma pessoa querida do passado. Aqui, os vocais suaves e a vulnerabilidade ganham mais espaço do que qualquer instrumentação. Faz confissões sobre as dificuldades e dúvidas que existem entre os dois, mas, acima de tudo, o sentimento que permanece é a saudade. O ouvinte, aos poucos, também cultiva a sensação de conforto que Styles sente com este alguém. — G. N.

lor Swift — as referências a lábios vermelhos e olhos azuis ecoam letras dela. Harry nunca confirmou; em entrevista à *BBC Radio 1*, disse apenas que as letras eram "bem autoexplicativas". — Kadu Soares

"ONLY ANGEL"

#6 Aqui, Harry explora o contraste entre a aparência e o comportamento de um "anjo". Celestial por fora, mas completamente diferente entre os lençóis. Guitarras glam rock explodem após poucos segundos de uma melodia quase inocente, como se o próprio arranjo fizesse a mesma revelação que a letra. Fãs especulam que seja sobre uma ex que, não por acaso, desfilou como *Victoria's Secret Angel* no ano anterior ao lançamento. Ele, entretanto, nunca confirmou. — K. S.

"EVER SINCE NEW YORK"

#8 Bastante pessoal, "Ever Since New York" traz um Harry perdido em meio a uma situação dolorosa, procurando algo diferente daquilo que não só lhe é familiar, mas também doloroso. Fãs acreditam que a canção, em estilo folk que a deixa ainda mais tocante, é uma lembrança do período entre o diagnóstico de câncer de seu padrasto, Robin Twist, e a morte dele, em 2017, aos 57 anos. — H. N.

"WOMAN"

#9 A penúltima faixa do álbum de estreia de Harry Styles tem um caráter relativamente experimental para uma canção pop. Ao mesmo tempo, é uma das músicas que mais se aproximam do gênero citado. Se neste disco o britânico apresenta suas influências mais roqueiras, "Woman" é claramente inspirada pela genialidade de Prince. Soa ligeiramente funky, mas de um jeito soturno. Baixo e guitarra, ambos embebidos em efeitos, se entrelaçam numa batida monocromática, com graves ressaltados por um piano incidental. E contrariando um pensamento que até o padrasto de Styles teve, os gemidos eventualmente ouvidos aqui não vêm de um pato, mas, sim, do próprio cantor. — I. M.

"KIWI"

#7 Descrita pela *Rolling Stone* como uma "explosão de guitarra glam-punk avassaladora", "Kiwi" nasceu como uma piada sobre beber, fumar e encontrar mulheres para casos de uma noite só. "É uma das minhas favoritas. Uma das primeiras que compus para o álbum, quando extravasava muita energia", revelou à *BBC Radio 1*. Porém, a piada mesmo veio depois: com o sucesso da canção, fãs começaram a levar kiwis aos shows e jogá-los no palco, querendo atenção. Antes que fosse acertado por uma das frutas, Styles pediu para que as pessoas parassem de levá-las às apresentações. "Você devia se envergonhar", declarou em um dos shows, em registro que viralizou online. — Henrique Nascimento

"FROM THE DINING TABLE"

#10 Com "From the Dining Table", Harry encerra seu álbum de estreia com um carregado lamento sobre a dor de um coração partido. Inteiramente executada em um tom sombrio e melancólico, é como uma viagem de mãos dadas pelo luto do relacionamento que já não existe mais. "Talvez um dia você me ligue e diga que também sente muito", canta, esperançoso. Em entrevistas, Styles afirmou que a música é a mais pessoal do álbum. — H .N.

Ines249

Fine Line

Depois da estreia solo com o disco homônimo, Harry Styles já tinha passado da fase de se provar como artista após o fim do One Direction. Com o primeiro sucesso estrondoso, a crítica e os fãs esperavam que o cantor mantivesse a mesma linha de excelência. *Fine Line* não apenas gera hits de rádio e favoritas do *fandom*, mas troca a leve cautela ainda presente no primeiro trabalho por um pop psicodélico com influências do folk, rock setentista e perfeição pop, resultando no projeto mais coeso e ambicioso de sua carreira até então.

Gravado em isolamento no famoso estúdio Shangri-La em Malibu, Califórnia, o álbum nasceu após o fim do relacionamento de Styles com a modelo francesa Camille Rowe. Liricamente, coloca lado a lado a melancolia, a sexualidade, e a conexão entre pessoas. Produzido ao lado de Kid Harpoon e Tyler Johnson, o disco flerta com o glam rock de David Bowie, o folk introspectivo do Fleetwood Mac e Joni Mitchell

e a exuberância do Queen, todas influências muito bem dosadas com o estilo do astro.

A faixa praiana "Golden" esconde sua melancolia em seu liricismo. Já "Watermelon Sugar" e "Adore You" são hits inegáveis, movidos por refrões solares e sensuais. Canções como "Cherry" e "Treat People With Kindness" são favoritas dos fãs, enquanto "Falling" é a grande balada sentimental do projeto, reafirmando a especialidade de Styles nesse tipo de composição, na mesma linha de "Sign of the Times". Músicas como "To Be So Lonely" e "Canyon Moon" reforçam a fluência do cantor no folk californiano. O segundo single do projeto, "Lights Up", "surgiu após um longo período de autorreflexão e autoaceitação", como explicou Styles à *Rolling Stone* em 2019. Sensual, épica e com seis minutos de duração, "She" foi criada enquanto todos no estúdio usavam cogumelos alucinógenos. O ápice, porém, é a faixa-título, "Fine Line", que fecha a tracklist em um crescendo orquestral e resume toda a jornada do álbum.

A recepção da crítica acompanhou o entusiasmo do público, e rendeu a Styles sua primeira indicação ao Grammy de *Álbum do Ano*. *Fine Line* o consolidou como um artista pop capaz de reinventar referências do passado sem se tornar refém delas. Mais do que um disco sobre términos, é um retrato de reconstrução, a prova colorida e brilhante de que a dor também pode ser vivida com brilho. — Giovana Laurelli

"GOLDEN"

#1 Antes de *Guerreiras do K-Pop* transformar "Golden" em um hit mundial, Harry Styles já tinha uma canção com o mesmo título, que trazia um indie pop envolvente com resquícios de uma sonoridade importada diretamente dos anos 1970 embalando a história de um amor que era como um dia de verão. "Browns my skin just right" ("Bronzeia minha pele na medida certa"), cantava Styles em um trecho. — Henrique Nascimento

"WATERMELON SUGAR"

#2 Com um refrão fácil de decorar, mas extremamente difícil de tirar da cabeça, "Watermelon Sugar" furou a bolha e, inegavelmente, tornou-se um dos maiores hits da carreira de Harry Styles, rendendo seu primeiro prêmio Grammy, em 2021. Bastante autoexplicativa, fala sobre a excitação de começar um novo relacionamento, que seria como a explosão de energia após se empanturrar de doces. — H. N.

"CHERRY"

#5 Ainda que a competição seja acirrada, "Cherry" pode ganhar o prêmio de canção mais melancólica de *Fine Line*: aborda o sentimento agridoce do processo de superar (ou não) um relacionamento. É uma confissão íntima do que Harry sente ao ver a pessoa que ama seguindo em frente — e ele não gosta nem um pouco dessa visão. "Não o chame como você costumava me chamar", canta, acompanhado por uma melodia suave no violão. Ao final, insere uma mensagem de voz de sua ex-namorada, Camille Rowe, em francês. Mas ele não a culpa pelo término, e admite odiar a si por ser "egoísta" — e é isso que, curiosamente, torna a confissão ainda mais comovente. — Gabriela Nangino

"ADORE YOU"

#3 Se Harry Styles perdeu o medo de soar pop em *Fine Line*, "Adore You" é um dos reflexos mais claros desta segurança (re)adquirida. A música chama atenção pela influência da disco music da Costa Oeste americana e pelo groove conduzido por uma linha de baixo econômica, mas pulsante, tocada pelo produtor Kid Harpoon — também responsável por um surpreendente solo de guitarra. A letra fala sobre a empolgação sentida ao se apaixonar por alguém. Nada elaborado, mas entretém. O próprio Harry comenta: "Até Van Morrison, Harry Nilsson e David Bowie tinham suas músicas divertidas — é importante tê-las". — Igor Miranda

"LIGHTS UP"

#4 Lançada no Dia Nacional de Sair do Armário, em 2019, a música não precisou de nenhuma declaração para dizer tudo. O groove suave, a pergunta que se repete — "Você sabe

FOTOS: DIVULGAÇÃO, RICH FURY/GETTYIMAGES FOR SPOTIFY

2019

quem você é?" — e um videoclipe repleto de significados funcionaram como um espelho: quem quisesse se ver ali, conseguia. "Tive conversas comigo mesmo que você nem sempre tem", disse à *Rolling Stone*. "Agora me sinto mais confortável sendo quem eu sou", completou. — Kadu Soares

"FALLING"

#6 Solidão é o tema principal de "Falling", balada confessional sobre a impossibilidade de mudar o passado. Styles revisita lugares que marcaram um relacionamento ("O café acabou no Beachwood Cafe") e questiona seu valor na ausência do outro. No clipe, ele se senta no piano enquanto o cômodo inunda, carregando o ouvinte consigo numa espiral de culpa e tristeza. — G. N.

"TO BE SO LONELY"

#7 Não dá para definir *Fine Line* como uma obra conceitual, mas a vida afetiva de Harry Styles permeia quase toda a narrativa do disco. "To Be So Lonely" serve como o momento de superação de um término, contrapondo "Cherry" e "Falling", ambas melancólicas e liricamente inseguras. "Sou apenas um filho da puta arrogante que não consegue admitir quando se arrepende", reconhece Styles em meio a um arranjo indie folk todo pimpão, executado com um guitalele (ukulele de seis cordas), e adornado por uma meticulosa produção pop. — I. M.

"SUNFLOWER, VOL. 6"

#9 Uma faixa doce, com uma guitarra característica do reggae dub. A letra simples serve como uma pausa tranquila dentre as canções emocionalmente densas de *Fine Line*, enquanto o sitar elétrico e vocais agudos transmitem uma aura meditativa e alegre. — G. L.

"CANYON MOON"

#10 Com influências claras do movimento folk dos anos 1960 e 1970, brilha com sua sonoridade e liricismo focados no aconchego. A faixa contém a letra "duas semanas e estarei em casa", frequentemente utilizada em vídeos de fãs feitos às vésperas de apresentações ao vivo dele. A abordagem escolhida para falar do retorno ao lar após criar laços na Califórnia foi brilhar no dulcimer. Apaixonado por Joni Mitchell, encontrou Joellen Lapidus, mulher que construiu o dulcimer da ídola do folk. Após uma aula com a luthier e Kid Harpoon, Styles estava pronto para desenvolver a faixa com o ar hippie do deserto californiano. Stevie Nicks, amiga do astro e lenda do folk rock, declarou "Canyon Moon" como sua favorita em *Fine Line*. — G. L.

Harry Styles participa de um evento do Spotify para celebrar o lançamento de *Fine Line*, em Los Angeles, em 11 de dezembro de 2019

"SHE"

#8 Uma viagem psicodélica de seis minutos, com guitarras espaciais, e gravada, literalmente, nesse clima. Harry e equipe estavam sob efeito de cogumelos quando Mitch Rowland entrou em um solo cósmico. "Ele tocou aquela guitarra um pouco... influenciado", contou à *Rolling Stone*. O resultado é uma letra sobre um homem comum lidando com desejos e fantasias não realizados. — K.S.

"TREAT PEOPLE WITH KINDNESS"

#11 Responsável por tatuagens eternizadas na pele de fãs ao redor do mundo, a faixa reflete o mantra pessoal e slogan oficial de Styles. A filosofia da gentileza é descrita em uma canção alegre e dançante, repleta de instrumentos de percussão à la disco e um coral gospel. Com energia teatral dos anos 1970, "TPWK" sugere um modo de vida centrado no otimismo. O clipe com Phoebe Waller-Bridge, filmado em plano-sequência, é uma referência direta à estética dos musicais clássicos de Hollywood. Ela chega como um manifesto coletivo, e a fanbase segue os conselhos: "Encontre um lugar para se sentir bem/ E podemos tratar as pessoas com gentileza". — G. L.

"FINE LINE"

#12 "Você tem minha devoção / Mas, cara, às vezes eu posso te odiar": poucas linhas resumem tão bem o que é amar alguém de verdade. A faixa que encerra o álbum vive dessa contradição, entre devoção e ressentimento, entre querer ficar e reconhecer que acabou. Cheia de metáforas, termina com um "vai ficar tudo bem" entoado sem certeza, mas como um mantra repetido até, enfim, fazer sentido. — K. S.

Ines249

Harry's House

No seu terceiro álbum de estúdio, a ambição de Harry Styles deixa de buscar a ampliação de seu alcance e passa a concentrar esforços em algo mais difícil: aperfeiçoar sua própria linguagem. O resultado é um trabalho que troca o impacto imediato pela permanência, construído sobre interpretações contidas, arranjos elegantes e canções que encontram força nos detalhes.

Inspirado livremente em *Hosono House* (1973), do músico japonês Haruomi Hosono, o disco parte da ideia de casa não como um lugar físico, mas como um estado de espírito. Ao longo de 13 faixas, Harry Styles cria um ambiente sonoro de enorme coesão, no qual cada elemento parece ocupar exatamente o espaço necessário. A produção de Kid Harpoon e Tyler Johnson evita exageros e combina sintetizadores, guitarras e linhas de baixo com precisão, aproximando referências do soft rock, do pop oitentista e do R&B sem que o álbum soe preso à nostalgia.

"As It Was" sintetiza essa proposta com rara eficiência. Embora tenha se transformado em um dos maiores sucessos da década, a faixa não depende apenas de um refrão memorável. Sua força está no contraste entre uma sonoridade luminosa e uma letra que trata de mudanças, distanciamentos e da dificuldade de encontrar estabilidade quando tudo ao redor parece seguir em movimento. Essa mesma sensibilidade atravessa músicas como "Late Night Talking", "Daylight" e "Satellite", nas quais Harry demonstra confiança para explorar emoções sem recorrer ao excesso.

O momento mais marcante, porém, é "Matilda". Com delicadeza e empatia, aborda as marcas deixadas por relações familiares difíceis sem transformar a dor em espetáculo. É uma composição que evidencia o amadurecimento do artista como compositor e reforça a capacidade do álbum de estabelecer conexões emocionais genuínas.

Não por acaso, *Harry's House* venceu o Grammy de *Álbum do Ano* e passou a integrar a lista da *Rolling Stone* dos 250 melhores álbuns do século XXI. Mais do que concentrar alguns dos maiores sucessos de Harry Styles, representa o momento em que sua identidade artística deixa de ser uma promessa para se tornar uma realidade. É o trabalho em que referências, personalidade e composição finalmente encontram equilíbrio, consolidando um dos capítulos mais consistentes do pop desta década. — Ademir Correa

"MUSIC FOR A SUSHI RESTAURANT"

#1 Harry sabia desde o início que tinha uma melodia infecciosa em "Music for a Sushi Restaurant". Não à toa, a música logo começa com isso e quase emprestou seu título para batizar o álbum, que inicia por uma faixa que faz referência não a uma casa, mas a um restaurante. Fato curioso à parte, trata-se de um hit de formatação curiosa, porque alterna de modo bem evidente entre versos intimistas, guiados pelo baixo elástico de Mitch Rowland, e refrão catártico, solar e repleto de metais. — Igor Miranda

"LATE NIGHT TALKING"

#2 Concentrado em devoção durante uma paixão fugaz e com estreia na primeira apresentação de Styles no Coachella, "Late Night Talking" é uma faixa simultaneamente calma e dançante. A canção abre *Harry's House* com um groove leve e produção elegante, que aposta em sintetizadores suaves e uma clara influência do pop-soul e R&B norte-americanos. A letra é supostamente uma carta de amor às conversas de Styles e sua ex-namorada Olivia Wilde, escrita enquanto estavam em turnê. — Giovana Laurelli

"GRAPEJUICE"

#3 Apostando em linhas de baixo marcantes e produção acústica, "Grapejuice" é uma das faixas mais autênticas de *Harry's House*. Styles constrói o cenário perfeito para transportar o ouvinte — uma tarde ensolarada, uma conversa no jardim. É nostálgica e contemplativa; romântica, mas clichê. O sentimento é de estar em casa. — Gabriela Nangino

"AS IT WAS"

#4 Uma canção que, facilmente, poderia ter saído da discografia de The Killers, The Kooks ou Mando Diao, "As It Was" é o lead single de Harry's House e apresenta um Harry Styles de peito aberto. É agitada, dançante e, ao mesmo tempo, reflexiva e até mesmo triste. Fala sobre abraçar as mudanças e aceitar as novas perspectivas, e marca o futuro que Styles visava para a sua carreira. É um hit como poucos — e as paradas musicais, os recordes quebrados e bilhões de reproduções não me deixam mentir. — Henrique Nascimento

"DAYLIGHT"

#5 Durante episódio de insônia, Styles escreveu esta faixa agridoce sobre um romance sem cotidiano. "Daylight" também pode ser lida como uma canção das obsessões que acompanham a separação. Mas atenção: ele confirmou a Howard Stern que a música não é ligada à faixa homônima de sua ex-namorada Taylor Swift. — G. L.

FOTOS: DIVULGAÇÃO; KEVIN MAZUR/GETTY IMAGES FOR HARRY STYLES

2022

"LITTLE FREAK"

#6 Gravada em outra versão, "Little Freak" foi descartada para, três anos depois, chegar à forma como a conhecemos: suavidade para além do habitual do próprio Styles, melancolia em primeiro plano, letra carregada de arrependimento sobre um amor perdido e dedilhados em violão tão envolventes quanto o baixo de Pino Palladino, lenda que já tocou com The Who, David Gilmour, Elton John e muitos outros. — I. M.

"CINEMA"

#8 Transitando entre o fascínio, o desejo e a insegurança de um novo romance, "Cinema" é uma constante brincadeira com o duplo sentido das palavras. A sonoridade é dançante, e Styles cria uma atmosfera descontraída e sensual. No final, mais confiante, usa o cinema como metáfora da excitação que a amada lhe provoca. — G. N.

"DAYDREAMING"

#9 Em "Daydreaming", Styles canta sobre um amor tão bom que parece um sonho: "Quando você me dá todo o seu amor, me dá algo para sonhar". Com sample de "Ain't We Funkin Now", do The Brothers Johnson, e participação de John Mayer na guitarra, a canção é um sonho por si só, que fica ainda mais divertida com os agudos bem produzidos do músico. — H. N.

"KEEP DRIVING"

#10 Em fluxo de consciência, Styles retrata as festas e o cotidiano de um relacionamento com pequenos problemas continuamente ignorados. A faixa se tornou palco de uma das tradições mais populares em apresentações das turnês *Love On Tour* e *Together, Together*, na qual lanternas sobem e descem com o ritmo da ponte da música. — G. L.

"SATELLITE"

#11 "Satellite" começa lenta, mas rapidamente ganha um ritmo que quase nos faz esquecer que aborda a triste tentativa de comunicação com uma pessoa que está voluntariamente distante — daí a referência a satélites artificiais. Neste caso, Harry é como um dos equipamentos, observando a sua amada à distância, sem nunca poder estar com ela. "Rodopiando, esperando você puxar para perto", canta. — H. N.

"MATILDA"

#7 Uma balada de violão delicada, quase sussurrada, de Harry's House, endereçada a uma amiga real — que Harry teria "disfarçado" no nome da personagem de Roald Dahl (a mesma do filme que marcou sua infância). A música existe para dizer que você não precisa se desculpar por ter vindo de uma família que nunca soube te amar. É um convite gentil a soltar esse peso, escolher quem vai compor a sua família e, enfim, receber o amor que sempre mereceu. — Kadu Soares

"BOYFRIENDS"

#12 Namorados estão sempre fingindo? É isso que Styles questiona em "Boyfriends". Essa balada sobre um relacionamento frustrante que vai e vem — marcado pelo distanciamento emocional do parceiro e por dúvidas que se alimentam — é conduzida quase inteiramente pelas harmonias vocais em camadas de Styles, com a participação de Ben Harper na guitarra. Em entrevistas, Harry falou que a música nasceu da observação de relacionamentos ao seu redor. Ao final, ele vê esse ciclo recomeçar, e lamenta que a decepção vá se repetir mais uma vez. — G. N.

No retorno dos shows pós-pandemia, Harry Styles brilhou no Coachella 2022, um mês antes de lançar *Harry's House*

"LOVE OF MY LIFE"

#13 Em canção homônima de 1975, Freddie Mercury lamentou ter sido abandonado pelo "amor de sua vida". Quase 50 anos depois, Harry Styles admite: é ele quem opta por deixar sua paixão para trás. Um encerramento ácido e monocromático para *Harry's House* — praticamente oposto ao seu início —, com sonoridade ao mesmo tempo densa, pela instrumentação guiada por sintetizador, e suave, devido à voz encantadora do artista. — I. M.

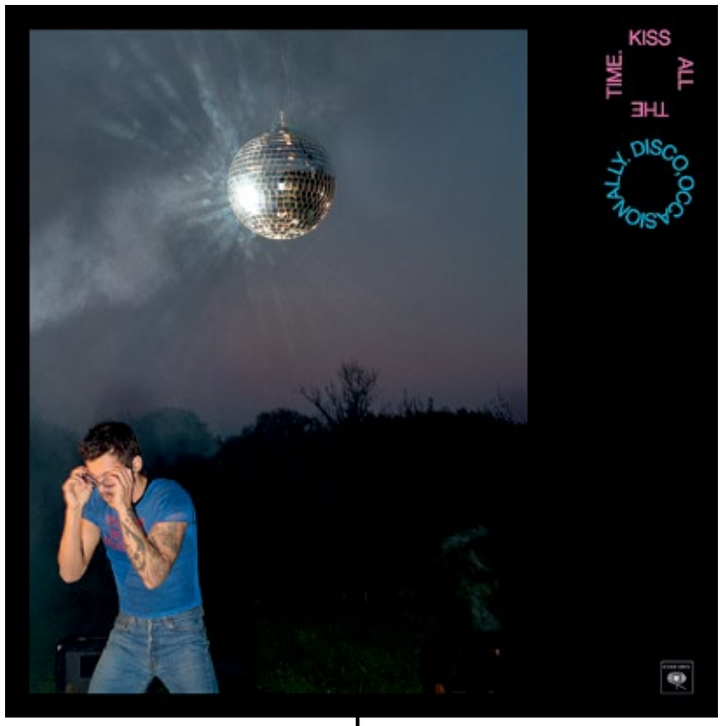
Ines249

Kiss All the Time. Disco, Occasionally.

Harry Styles ficou fora por quatro anos. Depois de *Harry's House* ganhar um Grammy, e prestes a completar 30 anos, Harry sentiu que precisava reavaliar tudo. "Era simplesmente a hora de olhar para a forma como tinha feito tudo", disse à *Apple Music*. "Acho bom ter esses momentos em que você para e se questiona: faço isso porque venho fazendo ou porque realmente amo?"

Então sumiu. Foi para a Itália aprender a cozinhar, depois foi a Berlim e virou noites em baladas, alimentando uma nova obsessão pela música eletrônica, e até chegou a correr algumas maratonas. Quando voltou ao estúdio, criou *Kiss All the Time. Disco, Occasionally*. "Se sentia saudade, era porque ainda amava fazer isso", contou Harry.

O resultado é completamente diferente de tudo que já havia feito. *Fine Line* (2019) era rock alternativo. *Harry's House* (2022) era introspectivo e acústico. *Kiss All the Time* é dança pura, cheio de sintetizadores, graves e batidas que pedem movimento.



O álbum gira em torno de relacionamentos complicados e daquele estado meio suspenso entre estar acordado e estar alucinando. Harry Styles processa fama, obsessão e a sensação de estar perto de alguém sem, de fato, se conectar — mas sem tanta melancolia. É um disco exausto, de quem pensa demais e dança para tentar esquecer.

Nas faixas, "Paint by Numbers" reflete sobre ser um ícone; "The Waiting Game" dói ao falar de ficar com alguém já sabendo que vai acabar. "Coming Up Roses" é uma balada com orquestra, mas sem grandiloquência, apenas alguém narrando uma noite mal aproveitada. Já "Are You Listening Yet?" vem tensa, com a batida levemente fora de sincronia, como a tentativa de buscar conexão com quem não está ouvindo.

Ao longo de 43 minutos distribuídos em 12 faixas, Harry Styles parece ter desistido da perfeição. Em vez de fazer mais um pop impecável, daqueles que soam bem em qualquer lugar, preferiu mergulhar em pistas de dança para entender como é estar ali — e é exatamente esse sentimento que aparece no disco.

Kiss All the Time. Disco, Occasionally. cumpre bem sua proposta: um artista grande explorando um som novo sem medo. Não é o melhor álbum da carreira, mas é, sem dúvida, interessante. — Kadu Soares

"APERTURE"

#1 O primeiro single sintetiza bem a energia pulsante do álbum. Com mais de cinco minutos de duração, "Aperture" é recheada de sintetizadores. Diferente da pegada mais pop de trabalhos anteriores, Styles mergulha em texturas eletrônicas — aqui, o que mais importa é a atmosfera. Com uma letra abstrata e sonoridade expansiva, usa a metáfora da lente fotográfica ("aperture" refere-se à abertura de uma lente, que controla a entrada de luz) para transmitir a sensação de se abrir para o mundo, deixando "a luz entrar". — Gabriela Nangino

"READY, STEADY, GO!"

#3 Dois minutos e quarenta segundos de urgência rítmica que reproduzem, com precisão, o que a letra descreve: a vontade de se jogar em um relacionamento sem pensar nas consequências. Sintetizadores no estilo Depeche Mode, bateria conduzida por Tom Skinner e um baixo pós-punk constante empurram a música para a frente, assim como o desejo empurra o narrador. — K. S.

"ARE YOU LISTENING YET?"

#4 Abertura perfeita para as apresentações contagiantes da turnê *Together, Together*, representa perfeitamente o lado disco de *Kiss All The Time*. Marcada por uma linha de baixo groovada e um refrão chiclete, reflete a experiência planejada de dança ao som do álbum. A pergunta central "você está ouvindo?" funciona tanto como um lembrete pessoal para Styles, que deseja entender seus próprios pensamentos, quanto como um desafio para os ouvintes. — Giovana Laurelli

"TASTE BACK"

#5 Harry explora os sentimentos dúbios que vêm com o retorno de uma pessoa do passado. Dançante, parece embarcar a sensação que se tem quando você se vê em uma situação familiar, que foi boa um dia, mas que não acabou bem, e a incerteza sobre se envolver novamente. "Você recuperou o seu bom gosto? Ou só precisa de um pouco de carinho?", questiona, botando as cartas na mesa. — H. N.

"THE WAITING GAME"

#6 Por meio de guitarras e sintetizadores menos frenéticos do que em

"AMERICAN GIRLS"

#2 Quando Harry Styles trocou a letra de "American Girls" para Brazilian Girls, na primeira noite da turnê Together, Together, comprou briga com fãs do mundo inteiro. A homenagem, é claro, é sempre bem-vinda, mas nem precisava: na faixa, Styles conta que, "em palcos ao redor do mundo", é capaz de encontrar essas garotas americanas pelas quais os seus amigos são apaixonados. E aconselha: "Seus olhos doces, [são] suas tentações / Não negue suas frustrações / Apenas passe a vida com aquelas garotas americanas". — Henrique Nascimento

FOTO: DIVULGAÇÃO

2026

outras canções do álbum, Styles critica a passividade do "esperar para ver", questionando o vazio de relacionamentos sem compromisso verdadeiro. Reflete a dor e a frustração que acompanham a romantização da autopiedade. — G. L.

"SEASON 2 WEIGHT LOSS"

#7 Envolta em baterias frenéticas e notas pontuais sintetizadas, Harry contrasta as ideias de fama e amor. À Apple Music, chamou a música de "manifesto do álbum" e a explicou com uma analogia certeira: "Sabe quando uma série da Netflix estoura e, na segunda temporada, todo mundo volta com nutricionista, personal trainer e visual impecável? Isso é 'Season 2 Weight Loss'". A faixa representa o retorno como uma versão mais forte de si, após três anos longe dos palcos. — K. S.

"COMING UP ROSES"

#8 Destaque das baladas do disco, a faixa calma e introspectiva troca o baixo e sintetizadores por arranjos de cordas. Ao estilo de *La La Land* (2016), a canção delicada utiliza um modelo instrumental clássico para refletir a intimidade lírica da faixa. Ao contrário da maioria das canções do restante do tracklist, "Coming Up Roses" mimetiza os momentos mais silenciosos do amor. Ao falar que "somos só eu e você", Styles organiza uma homenagem vulnerável, distante dos holofotes. — K. S.

"POP"

#9 Em referência indireta à "Cinema", de *Harry's House*, essa canção também usa a palavra "Pop" com duplo sentido. Aqui, porém, a sonoridade é bem mais intensa — assim como a letra, na qual Styles descreve a confusão e a experimentação num relacionamento. Dividido entre o autocontrole e a impulsividade, e acompanhado de uma batida pulsante com fortes influências do disco, canta: "Será que estou entrando em algo que não consigo controlar? / Isso pode ir para qualquer lugar / Eu faço e faço de novo / É para ser pop". — G. N.

"DANCE NO MORE"

#10 Em sua primeira visita a Berlim, Harry Styles foi a uma casa noturna para dançar. "Me senti tão livre e seguro que lágrimas escorreram pelo meu rosto", contou em entrevista a Zane Lowe ao explicar o verso "não há diferença entre lágrimas e suor" de "Dance No More". Dificilmente esta música provocaria tal reação em alguém, não por falta de qualidade, mas por seu desenrolar contido, engrenando apenas ao fim. Ainda assim, trata-se de uma competente declaração de amor aos ritmos dançantes tão abordados neste álbum. — Igor Miranda

"PAINT BY NUMBERS"

#11 A balada mais vulnerável de *Kiss All The Time* começa com uma declaração que resume tudo: "Ah, que presente é ser notado / Mas isso não tem nada a ver comigo". A fama é um presente que pertence a uma versão de Harry que não é, exatamente, ele. A metáfora do título completa a ideia: viver dentro dos limites que o público desenhou, vendo as cores escorrerem quando a vida real ultrapassa o contorno. — K.S.

"CARLA'S SONG"

#12 Se o hit máximo "Carla", do LS Jack, é uma declaração apaixonada a uma mulher, "Carla's Song" traz juras de amor à música. A letra é baseada em uma história real, em que o cantor apresenta a obra do duo Simon & Garfunkel a uma amiga que havia recém-descoberto Paul Simon. Styles ficou encantado ao notar a reação de Carla a composições como "Bridge Over Troubled Water" — referenciada em um dos versos. Tal narrativa está embalada em uma roupagem mais indie pop do que a disco music que inspira o álbum em questão. Menos dançante; mais motivacional. — Igor Miranda

BONUS TRACKS

Músicas nunca lançadas e covers essenciais que precisam aparecer nesta lista

"JUST A LITTLE BIT OF YOUR HEART"

É difícil pensar que Ariana Grande e Harry Styles têm "Just a Little Bit of Your Heart" em comum. A canção foi escrita por ele na época do 1D, em 2014, para *My Everything*, álbum de Ariana. Mas o cantor a trouxe de volta na sua primeira turnê solo de forma totalmente inédita. Com menos intensidade na voz, Harry transformou a faixa em um momento único de intimidade com o público. — G. N.

"GIRL CRUSH"

Este cover da canção de 2014 da banda country Little Big Town se encaixou perfeitamente na voz melancólica de Styles com um violão suave. Ele a apresentou em 2017 e gravou uma versão acústica para o *Spotify Singles*. "Girl Crush" é sobre a obsessão de uma mulher pela namorada do seu ex, mas Harry pôs a alma em sua interpretação, oferecendo um novo ponto de vista que não sabíamos que precisávamos. — G. N.

"THE CHAIN"

Desde 2018, este cover de "The Chain" é uma declaração do carinho de Harry Styles por uma de suas maiores inspirações, o Fleetwood Mac. Além disso, sua amizade com Stevie Nicks, construída ao longo dos anos, só reforça a conexão especial por trás dessa homenagem. — F. G.

"WET DREAM"

Harry Styles transformou "Wet Dream", do Wet Leg, em um dos covers mais marcantes da *BBC Radio 1 Live Lounge*. Mantendo a energia crua e o flerte provocador do hit lançado em 2021, o cantor entregou uma interpretação intensa, guiada por guitarras afiadas e vocais cheios de personalidade. — Felipe Grutter

"ANNA"

"Anna" nunca ganhou lançamento oficial, mas virou um dos momentos mais especiais da turnê de 2018. Embalada por guitarras que evocam o Grateful Dead da era Europe '72, ainda presta homenagem a George Michael com um trecho de "Faith", reforçando seu charme nostálgico. — F. G.

"MEDICINE"

Apesar de nunca ter sido oficialmente lançada, "Medicine" está no topo da lista das músicas mais queridinhas dos fãs. A canção é uma verdadeira ode ao rock'n'roll, à libertação sexual e à exploração de desejos. Com uma batida sensual, riffs de guitarra marcantes e vocais potentes, Harry canta sobre a paixão como um vício. Sua decisão de nunca lançá-la é quase uma forma de provocação — mas, afinal, não é esse o objetivo de "Medicine"? — G. N.

Ines249

Harry Styles se apresentou no Brasil pela tour *Together, Together* nos dias 17, 18 e 24 de julho

FOTO: ANTHONY PHAM/GETTY IMAGES FOR HS

Com foco no álbum de estúdio mais recente, *Kiss All the Time. Disco, Occasionally.*, Harry Styles transformou sua passagem por São Paulo em uma grande celebração da música, da conexão com o público e do espírito de comunidade

(RE)UNIÃO DANÇANTE

Por **Gabriela Nangino**

Imagens psicodélicas nos telões antecipam a entrada de Harry Styles no palco do MorumBIS. "É um prazer enorme estar de volta no Brasil", ele diz no primeiro de três shows. "Se vocês quiserem cantar conosco, dançar conosco, por favor, sintam-se livres para serem quem vocês sempre desejaram ser aqui, nesta noite."

Quatro anos após sua última passagem pelo país, em 2022, Styles retornou com todas as suas energias no dia 17 de julho, para estrear a turnê *Together, Together*. Abandonando os macacões e conjuntos brilhantes da *Love on Tour*, estrelou a estética desta era: alfaiataria e color blocking. O público, naturalmente, não ficou para trás: centenas de gravatas podiam ser vistas na plateia, usadas pelos fãs nos mais diferentes estilos.

Primeiro, vale destacar o excelente ato de abertura. O duo nova-iorquino *Fcukers* entregou uma apresentação intensa, marcada por luzes, sintetizadores e batidas pulsantes. Embora a sonoridade eletrônica não tenha encontrado total sintonia com parte dos fãs do astro pop, a escolha do duo como atração de abertura faz sentido. Harry costuma escolher a dedo os artistas que irão abrir seus shows, usando sua tour como espaço para apresentar nomes que admira ao público.

Após passar três dias circulando por São Paulo como um turista comum — com visitas ao Parque Ibirapuera, ao bairro da Liberdade e a um cinema de rua, por exemplo — Harry finalmente chegou ao lugar onde pertence: o palco.

Em geral, concentrou-se nas músicas do seu novo disco de estúdio, *Kiss All The Time. Disco, Occasionally* (2026), que parecem feitas especialmente para o ao vivo. A abertura explosiva com "Are You Listening Yet?" tira milhares de espectadores do chão. Correndo pelos quatro cantos da enorme passarela, deixa claro que a proposta da *Together, Together* é transformar o estádio em um espaço de conexão.

Em seguida, Styles passeia — desta vez figurativamente — pelos principais hits de *Fine Line*, "Golden", "Adore You" e "Watermelon Sugar". Entre elas, "Golden" ganha um brilho especial. O astro canta sobre se permitir ser ele mesmo — e expressa tal sentimento com a mesma intensidade em tempo real.

Depois, uma curta passagem por *Harry's House:* "Music For a Sushi Restaurant" é um momento leve de descontração, antes de o show assumir um tom mais contemplativo. À primeira vista, a sequência melancólica de "Coming Up Roses" e "Fine Line" parece interromper o ritmo da apresentação, mas Harry explica que trazer a canção-título para encerrar este primeiro ato não aconteceu por acaso.

"[*Fine Line*] foi um grande lembrete de quão bonita, difícil, inspiradora e frágil a vida pode ser", comentou. "Tocamos essa música mais cedo agora porque, desde que voltei à estrada, lancei o novo álbum, e fui lembrado do espírito e da comunidade que vocês construíram, e nunca me senti mais esperançoso sobre o futuro. O mundo está em um momento difícil, e estar em lugares como este é incrivelmente inspirador." Assim, inicia uma das canções mais belas de sua discografia, cantada em um coro sussurrado.

Após esse momento íntimo, os efeitos visuais crescem e Harry retorna para uma passagem mais contínua por *Kiss All The Time*, comprovando como o álbum encontra sua melhor forma diante do público. Apesar de não ter sido recebido com o mesmo sucesso comercial dos anteriores, as novas faixas parecem ter sido feitas para serem vividas coletivamente.

Em "American Girls", Harry brinca com o refrão ao cantar "Brazilian Girls", arrancando uma reação querida da plateia. Após "Keep Driving", a excelente banda de apoio do cantor se transporta para o centro da extensa passarela, que se estende por boa parte da pista — com certeza um dos melhores momentos da noite. Dançarinas, backing vocals, orquestra e músicos se unem na sequência de "Ready, Steady, Go!", "Dance No More", "Treat People With Kindness", "Pop" e "Season 2 Weight Loss", transformando o ambiente em uma verdadeira festa.

Como o próprio cantor comentou em diversas entrevistas, *Kiss All The Time* nasceu da vontade de traduzir a sensação de se perder em uma pista de dança, de encontrar liberdade na música e dividir esse sentimento com outras pessoas. Ao vivo, Styles cumpre essa promessa com êxito.

Depois, desacelera novamente com um mashup de "Carla's Song" e "Satellite", de *Harry's House* — embora a segunda acabe ficando um pouco ofuscada pela primeira. Harry compartilha a história que inspirou "Carla's Song". "Conheci novos amigos e uma cadeia de coisas positivas aconteceu [na minha vida] porque comecei a dizer sim", relembra. "Foi um lembrete de como é um privilégio fazer parte da vida das pessoas através da música."

"Aperture" ganha um significado especial ao vivo, com o coro de "We Belong Together" mostrando esta união à qual Harry se refere. A surpresa da primeira noite, "Matilda", também carrega um simbolismo especial e emociona os fãs. Então, a orquestra de Harry presenteou o público com trechos de "Night Changes" e "History", reacendendo a nostalgia de quem acompanha o artista desde os tempos da boy band One Direction.

Outro momento muito especial foi, claro, "Sign Of The Times", penúltima do repertório e a única representante do álbum de estreia de Harry. (Vale ressaltar a triste ausência de "Kiwi" do setlist. Não pensávamos que essa música perfeita para o ao vivo iria nos deixar tão cedo. Para consolar — ou seria provocar? — o público, Harry cantou as duas primeiras estrofes durante "Watermelon Sugar").

"SoTT" dispensa explicações. A balada crescente no piano chega a uma explosão de emoções no final, e continua sendo um dos momentos mais arrebatadores da discografia de Styles. O estádio inteiro canta em uníssono. Mas o que não esperávamos era um show de fogos de artifício, sintetizando a grandiosidade do espetáculo. Para finalizar com alto astral, apresentou o single "As it Was" enquanto dava uma última volta pela passarela.

> «*A Together, Together* transforma o palco em espaço de conexão»

Fãs de longa data de Styles podem sentir falta de uma distribuição mais equilibrada entre os álbuns na setlist. Mas este é um espetáculo muito mais sólido do que o da *Love on Tour*, desde os efeitos visuais até a estrutura elaborada, que garante que todo o público da pista veja o cantor a poucos metros de distância em algum momento. A capacidade de correr e ainda cantar durante duas horas é impressionante (as maratonas que fez durante seu período longe dos palcos realmente deram resultado).

No fim, a mensagem na abertura faz ainda mais sentido. Por duas horas, o MorumBIS se tornou um lugar onde milhares de pessoas puderam cantar, dançar, e simplesmente ser quem sempre desejaram ser. É um retorno triunfal (e incrivelmente divertido) para Harry Styles.

Ines249

“HÁ UM LIMITE PARA O QUE VOCÊ PODE DAR DE SI”

Niall Horan fala à *Rolling Stone* sobre encontrar o amor, superar a perda e construir algo novo

Por **Larisha Paul**

Quando Niall Horan saiu de sua casa em Los Angeles em uma tarde de domingo, havia algumas centenas de pessoas na fila do Olive and James Cafe Tea, charmosa cafeteria na Melrose Avenue. Quando chegou, a fila dava a volta no quarteirão. Não existe matcha ou tiramisu latte no mundo que seja tão delicioso a ponto de justificar uma espera tão longa, mas eles não estavam lá pelo café. Estavam por causa dele.

Horan, que divide seu tempo entre Londres e Los Angeles, fez uma parceria com a loja para celebrar *Dinner Party*, seu quarto álbum de estúdio, lançado em 5 de junho. O convite nas redes sociais prometia produtos, bebidas e “algumas surpresas”, mas nunca garantiu sua presença. “Não consegui cumprimentar todo mundo porque simplesmente não esperava tanta gente”, disse Horan na manhã seguinte.

Aos 32 anos, ele viu fãs aparecerem para apoiá-lo invariavelmente durante a maior parte de sua vida, desde que o One Direction foi formado no *The X Factor* em 2010. O sucesso estrondoso da banda e sua subsequente carreira solo são a prova. Mas ele não se sente no direito de exigir isso; centenas de pessoas largando tudo para aparecer em uma cafeteria onde ele talvez nem entre ainda o surpreende. “Eram só alguns cafés de graça”, diz.

O público estava preparado. Alguns trouxeram pôsteres antigos da J-14 e bonecos da época do One Direction. Outros usavam produtos da sua turnê solo de 2024, que promoveu seu terceiro álbum de estúdio, *The Show*, repleto de romantismo. “Eu não tinha ideia de quanta confiança eu ganharia com aquela turnê e aquele disco”, reflete. “Definitivamente me acalmou.” A turnê incluiu duas noites com ingressos esgotados no Madison Square Garden, em Nova York, e um público total de mais de 1 milhão de pessoas.

“O que me chama ainda mais a atenção hoje em dia é que cada pessoa tem uma história individual sobre como começou a ouvir a música, os amigos que fez, de onde tirou o dinheiro para comprar o ingresso”, analisa. “Isso me impressiona muito mais agora do que nunca.”

Horan tem estado mais reflexivo nos últimos anos. Há o romance intenso de seu relacionamento atual, que serve de base para o álbum. Conheceu sua namorada em um jantar há cerca de seis anos, provando que o amor realmente pode bater à sua porta. Ele soa tranquilo e apaixonado ao longo do disco, mesmo enquanto lida com o luto após a morte de seu ex-companheiro de banda, Liam Payne, em outubro de 2024. Acima de tudo, *Dinner Party* é uma celebração da vida e do amor.

Aqui, o cantor e compositor irlandês relembra o passado com carinho e olha para o futuro com entusiasmo, ansioso por mais música, shows maiores e todas as oportunidades que tiver para reunir as pessoas.

FOTO: NDZ/STAR MAX/GC IMAGES

NIALL HORAN

Niall Horan durante apresentação no *NBC Today Show Citi Concert Series*, em Nova York, em 12 de junho de 2026

Ines249

DINNER PARTY

Niall Horan participa do *The Late Late Show with James Corden* ao lado de Emily Blunt e Sam Heughan, em 2020

O primeiro single deste álbum, "Dinner Party", prepara o terreno para como sua vida mudou, para melhor, desde que conheceu sua namorada. Como você se sentia antes daquela noite?

Eu estava muito solteiro. A forma como via as coisas era que grande parte da minha vida — bem, toda a minha vida e a maior parte da minha existência — girava em torno do meu trabalho. Os intervalos entre os trabalhos eram para ficar em casa sem fazer nada, relaxando e contando os dias para voltar à estrada e fazer tudo de novo. Eu estava na casa dos 20 e poucos anos, apenas me divertindo, em turnê, fazendo música e tudo o que vem com isso. Era um espírito livre e não procurava nada nem ninguém em particular. Então, seja lá como a vida dá voltas, aconteceu o oposto.

De quem era o jantar?

Era meu. Não foi bem um jantar. Para ser sincero, foi mais comida do Uber Eats do que eu cozinhando. Mas algumas pessoas estavam lá comendo, e foi basicamente isso.

Tem um verso na música: "Cansei de procurar alguém".

Você sempre pensa nisso, não é? Você gostaria da ideia de se estabelecer e viver tudo isso, mas também faz um pouco das duas coisas. Você não pensa nisso, mas pensa ao mesmo tempo. Acho que você está na sala de espera, torcendo para que o médico entre.

Este é o seu segundo álbum consecutivo profundamente enraizado no amor e no romance. Como compositor, como você se sente em contraste com escrever sobre desilusões amorosas?

São processos completamente diferentes. Se preciso entrar no estúdio e inventar algo, fica mais difícil. Às vezes, escrevo músicas baseadas no que observo, onde analiso situações da vida de outras pessoas, seus relacionamentos ou coisas que vejo na rua. Mas quando se trata de amor ou desilusão amorosa, percebo que, se você está

FOTO: TERENCE PATRICK/CBS VIA GETTY IMAGES

NIALL HORAN

passando por isso, é muito mais fácil escrever sobre o assunto. Esses dois últimos álbuns definitivamente têm uma pegada mais romântica, porque é onde estou agora.

Sempre tento, mesmo nas músicas em que penso de forma duvidosa, ter um final mais feliz.

Você ainda consegue encontrar um nível de aspereza e conflito, mesmo nisso. Há essa consciência de que algo pode dar errado.

Se fosse tudo perfeito, não seria interessante de ouvir. Todas as minhas músicas favoritas têm um pouco de dúvida. Se não tem, você está mentindo para si. Quando tento escrever algo, precisa haver um pouco de ambos. Sempre tento, mesmo nas canções com dúvidas, ter um final mais feliz. Quando fiz "What a Time" com Julia [Michaels], lembro de ouvir pela primeira vez e tudo era: "Que tempo, que tempo, que tempo". No final, ela disse: "Que mentira, que mentira, que mentira". E eu pensei: "É isso aí". Gostei de subverter a música e transformá-la em algo diferente. Em "Better Man", neste disco, fiz isso. Tem um pouco de pesadelo e dúvida, e também algumas dicas e truques para compor músicas.

O que faz um disco pop ser ótimo para você?

Tem tudo a ver com o poder de cativar e tentar incluir o máximo possível de elementos cativantes em uma música. Os grandes discos pop de todos os tempos têm refrões marcantes, sejam eles musicais ou pequenos trechos melódicos que se repetem. É por isso que "Dinner Party" tem tantos refrões, porque senti que essa era a melhor parte da música.

Estamos vendo as pontes musicais voltarem também. O pop estava sentindo muita falta delas há um tempo.

É ótimo ver isso voltando. Acho que Olivia Rodrigo tem sido uma grande influência para compositores pop nesse sentido. "Sinais vermelhos, placas de pare..." — ela usa muito essa expressão. O que gosto na arte da Olivia é que você sente que está ouvindo uma canção e, de repente, se depara com uma completamente diferente. Ela dá uma guinada musical completa, vai para um lugar diferente, te leva a uma ponte, te leva a alguma quebra musical estranha. Seja lá o que ela e Dan Nigro estejam fazendo, é uma ótima dupla. Com certeza influencia muita gente, inclusive eu.

As influências do rock também estão presentes neste álbum — "Tastes So Good" lembra Blink-182.

Blink, obviamente, aquele som de bateria é algo que tentávamos reproduzir, e isso vem daquela era punk rock do final dos anos 1990 e início dos anos 2000. O rock tem sido uma grande influência na minha vida desde criança. Escrevo músicas pop, mas às vezes dar um toque diferente a elas é bem legal. Agora, com a minha carreira indo tão bem, estou pensando totalmente em shows. Aprendi muito estando na estrada e me apresentando todas as noites. Não dá para ter uma ideia real do que as pessoas realmente pensam só por ficar no Spotify e lendo comentários. Dá para ver isso na plateia. As músicas mais rock realmente bombam nos shows.

Sua turnê para The Show pareceu um retorno para casa depois do lançamento do álbum anterior, Heartbreak Weather, na pior época possível, em março de 2020. Você e Lewis Capaldi deveriam ter saído em turnê juntos, mas tudo foi por água abaixo.

Ainda estou me recuperando disso. Foi terrível. O disco saiu e deveríamos ter feito a turnê, mas aí veio a Covid-19, então não rolou. De certa forma, fico feliz que não tenha rolado, porque teríamos passado seis semanas bebendo sem parar. Como perdemos essa tour e eu não fazia turnê desde 2018, houve um longo hiato de cinco ou seis anos. Os fãs estavam prontos para [2024], esperando nos bastidores mais do que nunca. Mesmo

> «Todas as minhas músicas favoritas têm um pouco de dúvida. E se não tem, você está mentindo»

conversando com meus agentes sobre agendar turnês e eles falando em arenas, eu só pensava: "Vocês têm certeza disso? Porque não quero que seja constrangedor". Foi o ano mais louco de todos. Tocamos para, tipo, 1,5 milhão de pessoas ou algo assim, uma loucura desse tipo, em todo o mundo.

Você passou de shows intimistas em anfiteatros na turnê Flicker em 2018 para ser a atração principal no Madison Square Garden.

Dirigir até lá e ver seu rosto na lateral do Madison Square Garden é uma loucura. Se eu nunca mais fizer isso, pelo menos cumpri minha missão.

Havia uns cartões-postais no show com um tweet antigo de um fã dizendo que você conseguiria lotar o Madison Square Garden. Isso está se tornando recorrente, você fazendo referência a coisas que seus fãs dizem. Esse foi o ponto de partida para "Flowers" também.

Não fico rolando o feed sem parar. Mas quando rolo, vejo alguma coisa estranha que chama a atenção. "Niall, me siga." "Niall, te amo." "Te odeio." "Seus olhos poderiam dar flores." Era só isso que o tweet dizia. Pensei: "Que interessante". Estava sentado ao lado da Amy Allen, estávamos no Texas entre os dois fins de semana do Austin City Limits. Estávamos sentados no sofá, pensando no que faríamos em seguida, e esse comentário apareceu. É como se essa pessoa fosse tão poderosa nas pequenas coisas que faz, na personalidade dela e na maneira como faz as pessoas se sentirem. Ela é tão poderosa que seus olhos poderiam dar flores. Isso faz você prestar atenção.

Alguns artistas são muito fechados — "não quero ouvir mais nada além disso". Mas você é o oposto.

O primeiro cantor e compositor que ouvi foi Paul Simon, que me apresentou ao Damien Rice. Ou a primeira banda de rock que ouvi foi Eagles, e isso me apresentou a Bruce Springsteen e ao Fleetwood Mac. Você está constantemente absorvendo coisas novas. É quase impossível não absorver hoje em dia, estando perto de outras pessoas e ouvindo o que elas estão ouvindo. Ou entrando no Spotify ou no Apple Music e explorando as diferentes playlists. É inevitável absorver diferentes influências, sejam elas conscientes ou inconscientes.

O objetivo é tentar incluir o máximo possível de ganchos em uma faixa.

Qual é a sua playlist para jantares quando você é o anfitrião?

Sempre tenho essa ideia de "ah, vai ser tranquilo", e aí acaba com todo mundo bêbado. Mas geralmente começa com um álbum antigo de Billy Joel ou o *O*, do Damien Rice, que depois vira Fleetwood Mac. E aí, quando você menos espera, está ouvindo qualquer coisa. Para ser sincero, ouço quase todos os tipos de música. Após uns drinques, qualquer coisa que te faça levantar e dançar.

Ines249

DINNER PARTY

Essa é basicamente a premissa de "Little More Time", o desejo de ficar um pouco mais em casa.

Ainda sinto aquela empolgação do momento em que a escrevemos em Nashville. Me senti muito bem. A letra surgiu muito rápido, porque é algo em que penso o tempo todo. No ano passado, por exemplo, estava indo e vindo entre Los Angeles e Londres a cada 12 dias, mais ou menos. Houve períodos em que eu literalmente não desfazia a mala. Eu a deixava no corredor. Tirava algumas coisas de dentro, lavava e guardava de novo, e tirava de novo. Quando me dava conta, já viajava de novo. Chegou a um ponto em que começou a me irritar. Normalmente, não me importo. Já viajei bastante. Tenho milhas suficientes da British Airways. Mas chegou um momento em que simplesmente pensei: "Ah, não, agora só quero ficar aqui e estar em casa".

Você cria essas canções pensando em como elas vão funcionar ao vivo, mas a música em si é sobre não ir embora.

Se me ausento por algumas semanas para compor ou algo assim, chega um momento no processo de composição em que você pensa: "Ah, é verdade, nos metemos numa enrascada. As últimas 10 letras que escrevemos são uma porcaria. Vamos parar por aqui e voltar para casa". Isso é um pouco irritante. Fazer turnê é completamente diferente de tudo o que fazemos. Eu e minha namorada nos demos muito bem na última. Tínhamos tudo sob controle sobre quanto tempo eu passava fora. Sabemos o que nos espera na próxima. Mas vejo a turnê como algo totalmente à parte e fico muito empolgado com isso.

Com você e artistas como Ed Sheeran, Lewis Capaldi e Noah Kahan, existe um fio condutor de normalidade em suas carreiras: vocês fazem grandes shows e depois conseguem se recolher. Quando você percebeu que isso era uma opção para você?

Há um limite para o que você pode dar de si mesmo, para o seu corpo, para o seu cérebro, para tudo. É incrível poder fazer shows, mas você precisa de equilíbrio. Você não pode ficar nisso o tempo todo... Não entendo como Ed consegue. Ele é uma máquina. Eu costumava sair em turnê por nove ou dez meses, sabendo que aquele era o meu tempo e que depois poderíamos relaxar. Quanto mais velho você fica, mais consegue ter equilíbrio na vida, porque isso é muito importante. Se Noah Kahan não tivesse sumido nos últimos dois anos, não teríamos "The Great Divide" ou "Porch Light". Ouvi o resto do disco — é incrivelmente bom. Mas você não tem tempo para pensar no que vem a seguir se estiver constantemente envolvido nisso. Você precisa viver sua vida e depois voltar a ela.

> «A coisa mais angustiante em me afastar dos palcos é pensar: "Será que [os fãs] ainda estarão lá?"»

A coisa mais angustiante em me afastar dos palcos é pensar: "Será que eles ainda estarão lá? Quem será o próximo grande artista que vão descobrir?" Você começa a imaginar tudo isso. Felizmente, foi isso que mais me impressionou. Vi a lealdade deles ao longo dos anos, mas vê-la diante dos meus próprios olhos em 2024 foi a experiência mais incrível. Saber que eu não fazia turnê há seis anos e eles estavam vindo a esses festivais e lotando arenas... Sentir esse apoio dos fãs torna o afastamento um pouco mais fácil. Pensei: "Certo, realmente gostaram da última vez. Só me deem um tempo".

O que está acontecendo nesse meio tempo é que as pessoas estão passando mais tempo com a música, e a relação delas com ela muda. Made in the A.M., por exemplo, é difícil de ouvir agora porque fala sobre dizer adeus.

É engraçado porque é um dos meus favoritos.

A perda mudou sua relação com essas músicas? Para os fãs, pelo menos, foi uma experiência difícil ouvir "Walking in the Wind" depois que Liam morreu.

Sabe de uma coisa? Eu nem tinha pensado nisso, mas fico feliz que você tenha mencionado, porque agora vou ouvi-las. Nunca tinha visto por essa perspectiva, mas agora entendo perfeitamente o motivo. Tem músicas ótimas nesse álbum, para começar. Também ficamos tristes por não termos feito uma turnê com ele. É uma coisa bem estranha que você acabou de mencionar. Eu nunca teria pensado nisso. Quais outras músicas estão nesse disco? Deixa eu pensar. Adoro "Walking in the Wind".

"Infinity" é muito importante.

Lembro-me de ter visto as primeiras fotos nossas depois que Liam morreu. Havia uma imagem do símbolo do infinito na parede, do clipe. Essa foi a primeira que me veio à mente.

Os compositores John Ryan e Julian Bunetta trabalharam muito naquele álbum, e vocês continuaram com uma parceria muito forte, na qual puderam acompanhar o seu crescimento ao longo dos anos. Como foi compor a nova música "End of an Era" juntos?

Escrevemos "End of an Era" umas quatro vezes, porque originalmente a música significava para mim: "Certo, vamos em frente". Olhar para o futuro com expectativa, relembrar o passado com nostalgia, estar feliz com o que tínhamos e animado com o que estava por vir. Tínhamos escrito essa canção há muito tempo. Depois que Liam faleceu, pensamos: "Não, precisamos voltar a isso". John e Julian moraram ao lado de Liam por muito tempo, e crescemos juntos. Para nós três, foi uma experiência realmente louca ter que escrever algo assim, porque você nunca espera que isso aconteça. Lembro de eu e John saindo do estúdio e escrevendo a letra por 20 minutos. Recomeçamos e ainda tínhamos o refrão. Foi uma experiência muito estranha para todos nós, mas algo que sentimos que tínhamos que fazer por nós mesmos, por todos que perderam alguém, pelos fãs, por todos que conheceram o Liam. Pareceu a coisa certa a fazer e algo que queríamos fazer — só é terrível que tenhamos que fazer.

Adoro o clima festivo que ela transmite. Não é uma música devastadora.

Sim, porque no fim das contas, todas as minhas lembranças são felizes. Estávamos conversando sobre isso quando a compusemos. Todas as nossas lembranças são de viagens pelo mundo, de aprontar, de nos divertir e de sermos adolescentes. Não tenho lembranças negativas. Foi libertador escrever sobre isso. Isso transparece na música. O primeiro verso é bem triste, mas depois é tipo: "Lembre-se de todos os bons momentos que tivemos". Tem um pouco dos dois. Adoro como ela começa como um tipo de música e depois se transforma em outro. Também me lembra algumas coisas do One Direction.

O que você imagina para sua próxima turnê, em termos de reencontro com os fãs e essa reunião que parece que todos precisam?

Sinceramente, mal posso esperar. É a melhor parte do que fazemos. É também o que mais tenho feito nos últimos 15 anos. Em certo momento, tocar para milhares de pessoas era normal para mim,

FOTO: DAVE HOGAN/GETTY IMAGES

NIALL HORAN

de uma forma estranha, e definitivamente estou refletindo mais sobre isso agora. Fico animado só de pensar em fazer o maior show possível. Já tenho praticamente o setlist pronto, e ainda faltam seis meses para o início. Já tenho tudo na cabeça. Sei exatamente como será o palco. O que mais me esforço para fazer é garantir que as pessoas tenham um bom custo-benefício. Como estávamos no início dos fandoms baseados em comunidades, parecem mais fortes do que nunca, o que é muito legal para os artistas — você compõe músicas e as pessoas se apegam tanto a elas a ponto de fazerem tudo por você. E também estão fazendo isso por si, o que é igualmente importante.

Você também conseguiu, até certo ponto, conquistar um público fora desse meio, graças ao The Voice e a outros artistas com quem trabalhou.

Percebi, principalmente nos Estados Unidos, na última turnê, que o público era bem diferente. Havia muita gente, literalmente, usando camisetas do *The Voice* e camisetas do "Time Niall". É incrível. As pessoas chegam, tomam uns drinques, ouvem música e depois ficam para o próximo show e para o seguinte. Sei que houve um grande crescimento depois dos festivais porque, obviamente, quando você toca em festivais, nem todo mundo que estava na plateia está lá para te assistir. Todos são bem-vindos. Venham, por favor. Vamos fazer isso crescer. É impressionante para mim todos os dias.

Há um pouco de country e Nashville em todos os seus álbuns, não é?

Acho que a música folk irlandesa e a música country se casam. Talvez esteja um pouco mais presente em nós do que no Reino Unido. Sempre apreciei a narrativa. Estou animado para esses shows com ele. Tocamos no Hersheypark em 2013. Lembro-me do forte cheiro de chocolate e do Harry dando voltas nas escadas, subindo e descendo. Eu o seguia de Segway. Essas são minhas lembranças daquele estádio. Acho que é uma união incrível de dois mundos. Obviamente, Thomas é muito country, mas também tem um toque pop. É uma ótima combinação.

NOSTALGIA: Os integrantes do One Direction (da esq. para dir.), Louis Tomlinson, Liam Payne, Harry Styles, Zayn Malik e Niall Horan durante o lançamento de "What Makes You Beautiful", primeiro single da boy band

"Boys Are Fun" parece que deveria estar no repertório.

"Boys Are Fun" é muito divertida. É engraçado, as pessoas sempre perguntam: "Ela reflete o lugar onde você a compôs?". Sempre acho que sim. "Gets It From Her Mother" é uma música de Nashville. "End of an Era" também foi escrita lá, na verdade. Mas outras como "Boys Are Fun" ou "Taste So Good" foram compostas no centro de Londres e no Soho, observando a loucura que rola por lá. Tínhamos tomado algumas cervejas e então escrevemos "Boys Are Fun". Tem uma pegada meio yacht rock.

O que te motiva musicalmente hoje em dia?

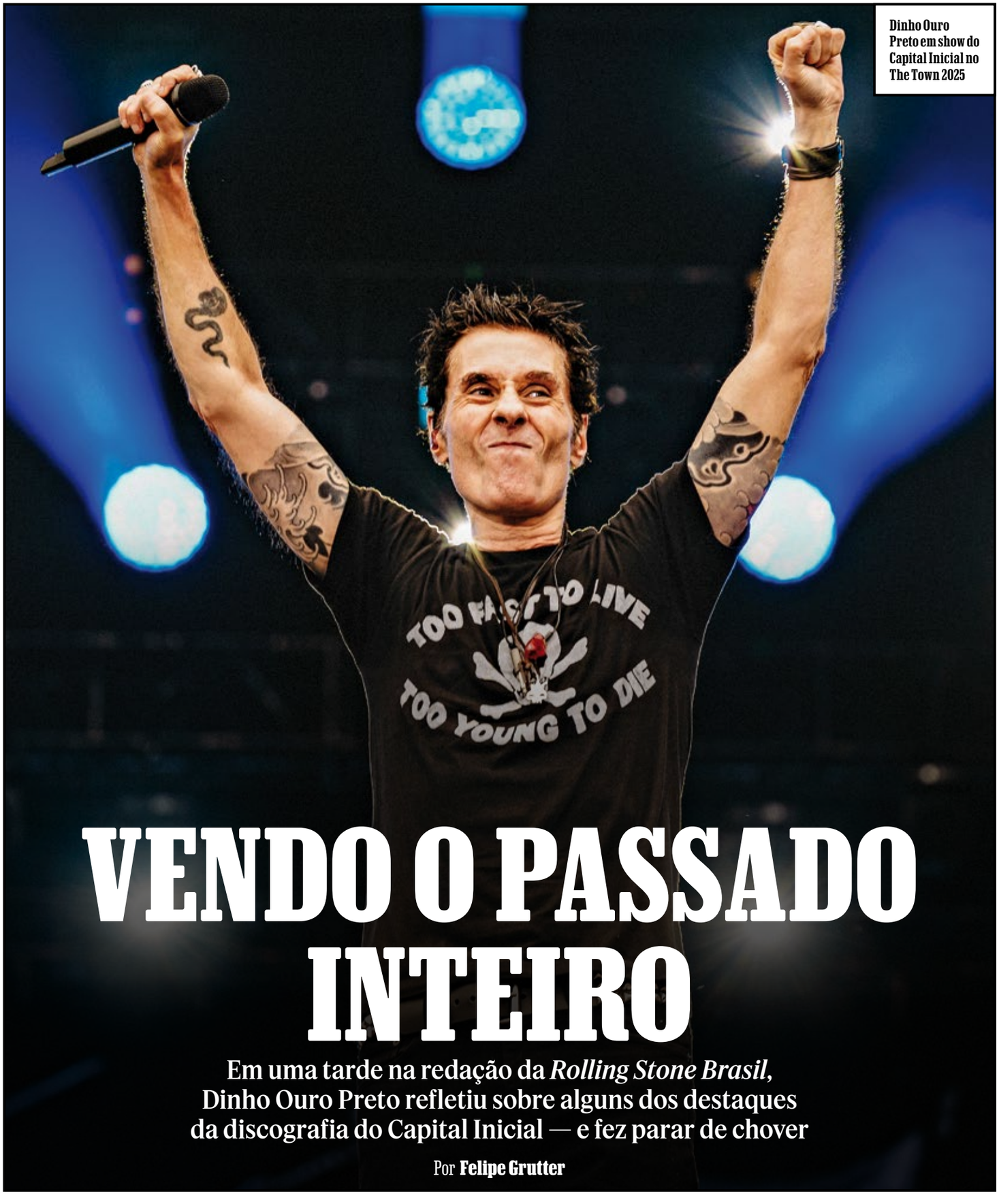
Simplesmente adoro a evolução. Não acho que vou assustar ninguém com este trabalho. Espero que não, pelo menos. Não acho que, musicalmente, seja algo do tipo: "O que ele está fazendo?". Gosto da evolução lenta que trilhamos juntos. Isso me deixa animado para ver como a música vai soar daqui a oito anos. Acredito que a essência do rock e do violão dedilhado sempre estará presente. Isso não vai mudar. As turnês realmente me tiram da cama. Estou gostando cada vez mais a cada ano. Quando anunciei a turnê e o álbum, dava para sentir no ar. Acho que isso por si só já é emocionante.

Harry, Louis e Zayn estão todos em turnê este ano. Você já conseguiu ir a algum show deles?

Fui ao show do Harry há uns dois anos, e foi simplesmente incrível. Uma loucura! Me lembrou os shows do One Direction em estádios, com uma multidão de pessoas pulando sem parar. Adoro ver o que rolava na pista, todos os fãs dançando. Dá uma sensação de orgulho ver os meninos fazendo o que amam e as comunidades que conseguem criar. Pretendo tentar ir a um show do Louis nas próximas semanas, se possível.

É incrível observar os fãs e ver como eles cresceram, mas ainda mantêm aquela energia juvenil, e o que eles trazem para os shows. Ouvir aquele rugido quando cada um deles entra no palco é como se eu pensasse: "É, entendo esse grito". Parece que um foguete está prestes a decolar.

Ines249



Dinho Ouro Preto em show do Capital Inicial no The Town 2025

VENDO O PASSADO INTEIRO

Em uma tarde na redação da *Rolling Stone Brasil*, Dinho Ouro Preto refletiu sobre alguns dos destaques da discografia do Capital Inicial — e fez parar de chover

Por **Felipe Grutter**

FOTOS: FERNANDO SCHLAEPFER, DIVULGAÇÃO, CORTESIA (ACERVO PESSOAL)

Poucas bandas brasileiras conseguiram se reinventar por tanto tempo como o Capital Inicial. Após participar da explosão do rock nacional nos anos 1980, enfrentar mudanças de formação, o fim da primeira fase e um reencontro cercado de desconfiança, o grupo transformou uma segunda chance em um dos maiores casos de reinvenção da música brasileira. O divisor de águas veio com o *Acústico MTV*, em 2000, mas a história da banda é feita de riscos assumidos muito antes — e continuou sendo escrita muito depois.

Em conversa com a *Rolling Stone Brasil*, o cantor Dinho Ouro Preto revisita a discografia do Capital sem nostalgia excessiva. Fala com franqueza sobre os discos que considera irregulares, relembra a urgência criativa dos primeiros anos, reconhece os excessos de drogas que marcaram sua juventude e explica por que álbuns como *Todos os Lados* e *Sonora* representam momentos em que a banda escolheu experimentar em vez de repetir fórmulas. Também recorda a gravação do *Acústico*, realizada após ser rejeitado por praticamente todas as grandes gravadoras, e como o projeto revolucionou a trajetória do grupo ao levá-lo de volta ao topo.

> «A maior vitória do Capital foi ter conseguido reescrever a própria história»

Ao olhar para mais de quatro décadas de carreira, Dinho também reserva um espaço especial para *Das Kapital*, gravado durante sua recuperação após um grave acidente que o deixou meses em reabilitação. Para ele, é o trabalho mais completo que já realizaram — e a prova de que, mesmo depois de tantas transformações, o Capital Inicial continua encontrando novas maneiras de contar a própria história.

CAPITAL INICIAL (1986)

Esse é o primeiro álbum do Capital. Fomos os últimos da nossa turma a gravar. Os primeiros foram os Paralamas, depois veio a Legião, em seguida a Plebe, e ficamos para trás.

Em 1984, gravamos um compacto pela companhia que então se chamava CBS, hoje Sony. De um lado estava "Descendo Rio Nilo" e, do outro, "Leve Desespero". No ano seguinte, mudamos para São Paulo. Achávamos que, em Brasília, era tudo muito complicado e que a capital paulista tinha mais a nossa cara, uma cidade mais rock'n'roll.

Sentíamos que aqui era o lugar certo para estar. Nos identificávamos mais com a cena paulistana, gostávamos das bandas daqui, tínhamos nos enturmado e decidimos arriscar a sorte.

Cheguei a São Paulo com uns 20 anos. Fui morar na Bela Vista, perto do Centro, e o Capital ensaiava no porão dessa casa. Ali que começamos a compor.

Naquela época, o que rolava no Brasil eram as danceterias: lugares onde as pessoas iam à noite para beber e se divertir, mas que também tinham um palco para as bandas tocarem. Existiam casas como Radar Tantã e Rose Bom Bom, além de várias outras espalhadas por todo o país. Era uma onda que tomou conta do Brasil, e praticamente todas as bandas iniciantes passavam por esses lugares.

O Capital sobreviveu graças aos shows que fazia nessas casas, enquanto aumentava o repertório e apresentava as músicas para a CBS, tentando conseguir aprovação para gravar um álbum. Mas nunca aprovavam. Ficavam enrolando, pedindo para mudar isso e aquilo. A gente respondia: "Não, somos desse jeito". Rolou uma queda de braço.

Lembro de um diretor artístico pegando um disco da Legião Urbana — nossos amigos — e dizendo: "Isso aqui nunca vai dar certo". Como nada acontecia, ficamos naquele vai e volta sem sair do lugar. No fim de 1985, pedimos para sair da gravadora. Logo depois, fomos contratados pela PolyGram.

Entramos em estúdio, em Perdizes, no começo de 1986. Tivemos muita dificuldade para gravar, porque nunca tínhamos nos ouvido de verdade. Foi a primeira vez que ouvi minha própria voz daquele jeito, percebendo os tropeços, as limitações e as dificuldades.

Uma coisa é tocar ao vivo; outra completamente diferente é entrar em estúdio. Nenhum de nós tinha experiência. Em Brasília praticamente não existiam estúdios. Apesar de já termos gravado o compacto de "Descendo Rio Nilo" e "Leve Desespero", era a primeira vez que fazíamos um trabalho maior, com várias canções.

Passamos muito tempo no estúdio lidando com as nossas próprias limitações. Aprendendo a tocar no tempo e a cantar afinado, porque não era como hoje. Você precisava acertar na hora. Não existia estúdio digital nem programas para corrigir depois. Aliás, todo o nosso começo foi feito assim. Foi um parto.

ANTES DE TUDO
Dinho Ouro Preto em meados de 1983 durante os ensaios no primeiro ano de existência do Capital Inicial

Ines249

Mesmo antes de lançar o primeiro disco, o Capital Inicial já se aventurava nos palcos; foto tirada em 1984

Mesmo assim, esse continua sendo um dos melhores discos do Capital. É visceral, urgente e muito honesto. Carrega uma bagagem enorme e aquela energia adolescente muito presente na nossa obra. Desse álbum saíram músicas que se tornaram clássicos, como "Leve Desespero", "Música Urbana", "Veraneio Vascaína" e "Fátima".

Quando ficou pronto para ser lançado, foi censurado. Embora oficialmente o regime militar já tivesse terminado, ainda existia um momento de transição, um meio do caminho entre a censura e uma democracia plena. O Brasil ainda não podia ser chamado de democracia completa.

A Polícia Federal implicou com "Veraneio Vascaína". Primeiro, determinaram que fosse retirada da tracklist. Como o LP já estava pronto, era impossível. Depois, sugeriram que fosse riscada, disco por disco. Começou então uma disputa entre advogados até que se chegou a um acordo: seria lançado lacrado, com uma tarja indicando que era proibido para menores de 18 anos. Foi justamente isso que usamos no marketing. A campanha dizia: "Se você não tem 18 anos, peça para o seu irmão mais velho comprar para você". O efeito foi exatamente o contrário do que eles pretendiam. A tarja deu uma visibilidade enorme ao disco.

O álbum estourou. Chegou perto de vender um disco de platina em apenas quatro meses. A certificação veio anos depois, mas vendeu para cacilda. Ninguém esperava. Aliás, isso é recorrente na carreira do Capital: as expectativas quase sempre foram menores do que o resultado final. *Capital Inicial* é um bom exemplo disso. Estávamos felizes simplesmente por conseguir gravar. A gravadora estava otimista, mas nem tanto. No fim das contas, acabou sendo um dos maiores discos do rock brasileiro naquele ano. Hoje, olhando em retrospecto para a nossa carreira, continuo achando que é um dos nossos melhores trabalhos.

INDEPENDÊNCIA (1987)

No *Independência*, estabelecemos, muito por pressão minha, a meta de lançar um disco por ano. Para mim, era um sinal de vigor criativo e vitalidade. Achava legal lançar tudo o que vinha à nossa cabeça. E a faixa "Independência" continua sendo, para mim, uma das melhores músicas que fizemos.

Mas é uma obra irregular. Tem muitas músicas que acabaram entrando porque eram sobras do primeiro. Hoje, vejo muita coisa inacabada ali. Eu deveria ter tido mais cuidado. Lembro de um comentário do Renato Russo naquela época: "Você precisa tomar cuidado. Os discos são para sempre. Não precisa ter pressa. Faça com calma. Leve mais tempo". Não acho que ele estivesse falando especificamente desse projeto, mas da nossa atitude. Tínhamos muita urgência, muita pressa, e ele dizia que isso não era necessário. O importante era a qualidade do que seria lançado.

Também vivi, nessa época, uma fase muito enlouquecida. Muito excesso. Muitas drogas. Talvez isso tenha me impedido de enxergar as coisas com mais clareza. Hoje vejo muitas faixas como inacabadas e isso também se explica porque eu estava com a cabeça em outro lugar. Completamente doidaço.

Sobre o contexto político, sempre houve esse tipo de assunto no Capital. A banda nunca foi monotemática. Nunca falou apenas de relacionamentos. Sempre houve espaço para política, opressão, pobreza e diferentes aspectos da realidade brasileira. Esse álbum também traz isso. Já era o começo do governo Sarney e, dessa vez, nos deixaram em paz. Mesmo assim, havia músicas mais contundentes, como "Autoridades".

Aliás, tem muita coisa boa aqui. Mas sabe qual é a minha impressão quando olho para o começo da nossa carreira? As ideias eram muito boas, mas foram mal gravadas. Lembro de ouvir os Raimundos anos depois, quando Tom Capone os produziu, e pensar: "Olha isso". Pela primeira vez eu ouvia guitarras realmente bem gravadas, pesadas e distorcidas. As nossas soavam muito mais chapadas, sem a distorção que tinham quando foram concebidas.

E não era só com a gente. Tive essa impressão ouvindo a Legião Urbana também. Ao vivo, era muito mais nervosa do que no estúdio. A energia era diluída. Muitos produtores da época simplesmente não entendiam quais eram as nossas referências nem onde queríamos chegar. Isso prejudicava a sonoridade.

Quando ouço *Independência*, vejo canções muito boas, mas que foram concebidas para soar muito mais agressivas do que acabaram ficando. Do jeito que foram gravadas, ficaram aquém do que realmente eram.

É uma pena, porque o Capital sempre foi uma banda mais nervosa e ligada às próprias origens. Mas, quando entrava em estúdio, tudo ficava mais leve. Também assumo a minha parte nisso. Não fomos manipulados nem fomos inocentes. Eu estava meio fora de mim naquela época e talvez devesse ter sido mais incisivo, insistindo na sonoridade que imaginávamos, mesmo que quem estivesse do outro lado da mesa de som tivesse dificuldade para traduzir aquilo.

TODOS OS LADOS (1989)

Todos os Lados é um ponto fora da curva na carreira do Capital. É um disco muito especial porque realiza uma ideia que eu queria experimentar há bastante tempo: misturar música eletrônica com rock. Acertamos na mosca.

FOTOS: DIVULGAÇÃO, CORTESIA (ACERVO PESSOAL)

"Achávamos que, em Brasília, era tudo muito complicado e que São Paulo tinha mais a nossa cara, uma cidade mais rock'n'roll", diz Dinho Ouro Preto. "O que rolava no Brasil [nos anos 1980] eram as danceterias: lugares onde as pessoas iam para beber e se divertir, mas que também tinham um palco para as bandas", completa

A ironia é que hoje não tocamos nenhuma música dele nos shows. Mesmo assim, foi recebido com muita surpresa. Dele saíram faixas como "Mickey Mouse em Moscou" e "Belos e Malditos", que marcaram época. Também foi o primeiro disco em que senti que as guitarras estavam exatamente no lugar certo, com o peso e o volume que imaginávamos.

É um trabalho experimental, que abre com uma música muito bizarra, "Mambo Club", e marca o início da minha parceria com Alvin L, que infelizmente faleceu no dia 5 de abril. Foi aqui que começamos a compor juntos, uma parceria que atravessou décadas, inúmeros discos e muitas músicas do Capital.

Todos os Lados está entre as melhores coisas que o Capital fez. Recebeu cinco estrelas da *Folha de S.Paulo*. Lembro que escreveram que parecia uma mistura de Black Sabbath com Xuxa. Era um disco nervoso, cheio de distorção. As letras eram inesperadas, bem escritas. Foi um momento em que pensamos: "É essa a direção. É esse o caminho que precisamos seguir". O curioso é que não seguimos.

No trabalho seguinte resolvemos experimentar outra coisa. Isso também fazia parte da minha cabeça naquela época. Uma das minhas grandes referências era David Bowie, então eu achava que cada disco precisava soar completamente diferente do outro.

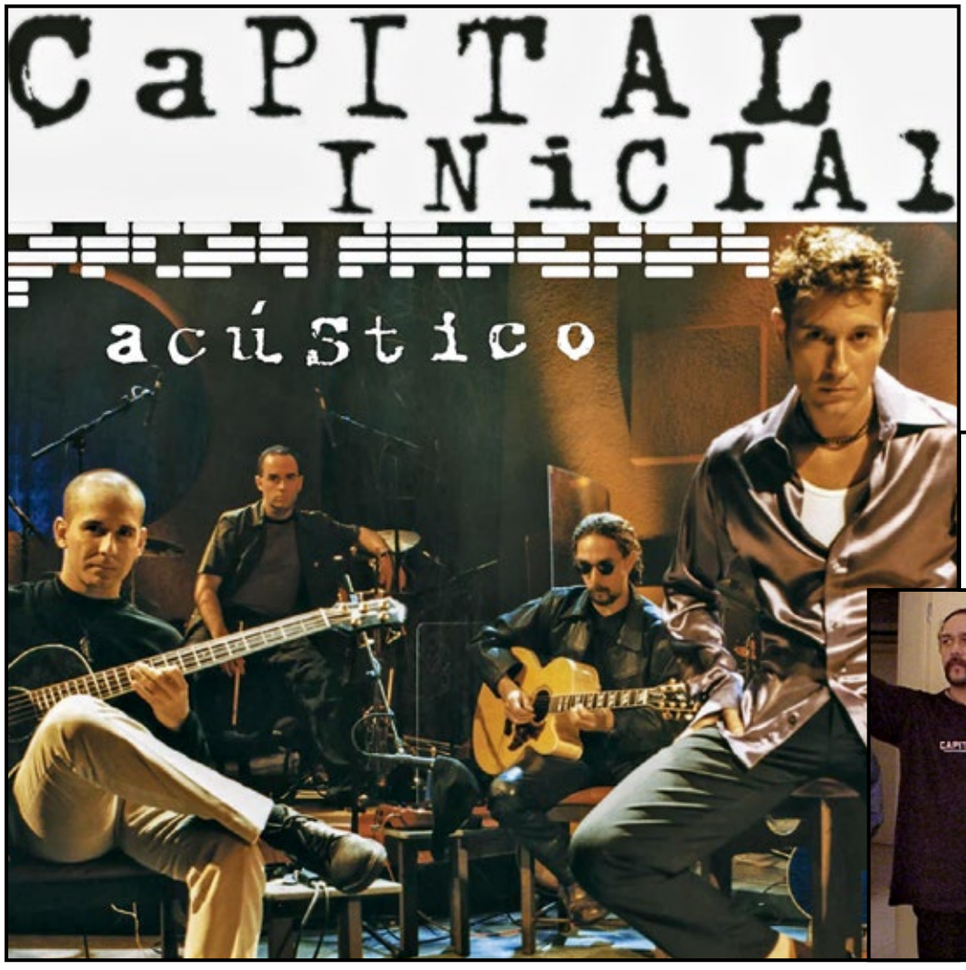
No anterior, por exemplo, experimentamos usar metais. Em *Todos os Lados*, fomos para uma sonoridade mais eletrônica, com samples e guitarras distorcidas. No seguinte, fomos para outro caminho. O Capital foi se reinventando o tempo todo. Gostava dessa ideia de surpreender as pessoas. E *Todos os Lados* fez exatamente isso. Foi uma surpresa para nós e também para os fãs.

Atualmente, tenho boas lembranças daquele momento e da coragem que tivemos para fazer um disco tão diferente. Foi também nesse álbum que o Capital inaugurou outra tradição: gravar versões. Registramos "2001", de Rita Lee e Tom Zé, que ficou muito bacana. A partir dali, praticamente todo disco do Capital passou a ter uma versão.

Anos depois, chegamos a "Primeiros Erros", "À Sua Maneira" e outras músicas. Em determinado momento resolvemos parar, porque começaram a fazer sucesso demais. Pensamos: "É melhor voltar a priorizar as letras que nós mesmos escrevemos".

No projeto seguinte gravei "O Passageiro", versão de "The Passenger", do Iggy Pop, que bombou. Como eu poderia imaginar? Você grava uma música sem a menor ideia do que vai acontecer. Mas, de modo geral, permaneceu bastante fiel ao original.

Ines249



Divisor de águas na carreira do Capital Inicial, o *Acústico MTV* conquistou o Brasil e levou a banda a disputar agenda com artistas sertanejos e a entrar na rota dos estádios. "Virou uma comoção", relembra Dinho Ouro Preto sobre esta época

ACÚSTICO MTV: CAPITAL INICIAL (2000)

O *Acústico MTV* é um divisor de águas na história do Capital. Tínhamos nos reunido dois anos antes. Saí da banda em 1993 e fiquei quase cinco anos fora. Nesse período, gravei discos solo independentes, enquanto o Capital colocou outro vocalista e também lançou alguns trabalhos.

Voltamos em 1998, justamente quando o Grupo Abril decidiu criar a Abril Music. Fomos os primeiros artistas contratados pela gravadora. A grande ironia é que fomos parar lá porque ninguém mais quis a gente.

Bati na porta da PolyGram, que tinha lançado os nossos primeiros discos, e também de praticamente todas as outras gravadoras. Ninguém demonstrou interesse. Diziam que era muito difícil uma banda que tinha acabado conseguir uma segunda chance. No show business isso praticamente não existe. A Abril Music acreditou.

Gravamos o primeiro álbum dessa nova fase em Nashville, com David Z, produtor que trabalhou com Prince, Fine Young Cannibals e outros artistas que conhecíamos. Saímos em turnê em 1999 e, no fim daquele ano, tive uma reunião com a *MTV*. Eu precisava vender a ideia do acústico: disse que o Capital tinha repertório suficiente. Até então, eram seis discos, além das músicas novas que estava compondo. Argumentei que havia material de sobra. Devo ter sido convincente, porque aceitaram — mas não tanto assim.

Enquanto todos os artistas que vieram antes de nós tiveram dois dias de gravação para escolher as melhores performances, ganhamos apenas uma noite. O que a Abril Music fez foi nos trancar dentro do próprio teatro, no Bixiga, durante dois meses. Ensaiávamos todos os dias, de manhã e à tarde. Almoçávamos lá. Era ensaio sem parar.

Quando chegou o dia da gravação, havia talvez umas 200 pessoas na plateia. O repertório só foi fechado na véspera. No último dia de ensaio, Marcelo Sussekind, produtor do disco e de vários outros trabalhos do Capital, perguntou se alguém ainda tinha alguma música. Apresentei "Natasha", a última a entrar no setlist. No dia seguinte gravamos.

Depois fizemos apenas alguns retoques em três ou quatro músicas e o disco estava pronto. O primeiro single foi "Tudo Que Vai", composição do Alvin L com Dado Villa-Lobos. Ali e a coisa começou a andar. Os shows passaram a encher, embora ainda estivéssemos tocando no circuito de clubes. Na sequência veio "Primeiros Erros", que tocávamos no violão durante a tour anterior, no ônibus. Como Kiko Zambianchi era o convidado do projeto inteiro, resolvemos gravar a versão dele e a música explodiu de um jeito assustador; tomou uma proporção bíblica.

Depois veio "Natasha", que estava crescendo justamente quando tocamos no Rock in Rio, na mesma noite de Deftones, Red Hot Chili Peppers e Silverchair. Entramos no palco apenas com violões para um público de cerca de 250 mil pessoas, recorde do festival até hoje. Ali aconteceu uma coisa que nunca tínhamos visto. Também nunca havíamos tocado para tanta gente ou visto uma plateia reagir daquele jeito. Todos levantaram as mãos e começou a cantar aos berros. Virou uma comoção. Foi ali que o álbum realmente estourou, cerca de oito ou nove meses após o lançamento.

A partir daí, uma música atrás da outra virou sucesso. O *Acústico MTV* [do Capital Inicial] acabou se tornando o acústico mais ven-

FOTOS: DIVULGAÇÃO, CORTESIA (ACERVO PESSOAL), THIAGO ALMEIDA

dido da história da *MTV Brasil*, ultrapassando um milhão de cópias. De uma hora para outra, tocávamos em estádios pelo interior do país e disputando espaço com as grandes duplas sertanejas.

Começamos a fazer shows de terça a domingo. Nossa terça-feira era mais cheia do que muito domingo de artista sertanejo. Não conseguíamos chegar aos shows, íamos escoltados por batedores e, para sair, muitas vezes me colocavam dentro do porta-malas do carro. Virou uma loucura, uma espécie de Beatlemania. Naquele momento, pensamos: "Vamos aproveitar essa oportunidade para reescrever a história do Capital Inicial".

Também mudamos a maneira de trabalhar: em vez de lançar um disco anual, passamos a lançar um a cada dois anos, ritmo que mantivemos até a pandemia. A grande diferença dessa fase foi a parceria criativa entre mim e o Alvin L — o período mais fértil da nossa composição começa ali. Na verdade, vem desde os meus discos solo, em meados dos anos 1990, e segue até a morte do Alvin.

Escrevíamos sem parar e, dali, saíram grandes canções. Por isso costumo dizer que existe um Capital antes e um depois do *Acústico MTV*. A nossa maior vitória foi ter conseguido reescrever a própria história. E foi o *Acústico* que nos deu essa oportunidade.

Dinho Ouro Preto destaca a resiliência da carreira do Capital: "Foi se reinventando o tempo todo"

DAS KAPITAL (2010)

É o meu disco favorito do Capital. Foi gravado num momento muito difícil da minha vida. Tinha caído do palco, quebrado a cabeça e algumas vértebras. Passei um período na UTI, e a banda gravou praticamente tudo sem mim. Só fiz os vocais depois.

Eu ainda estava muito debilitado. Fiquei tão fraco durante a recuperação que precisei gravar com duas fonoaudiólogas ao meu lado, me ajudando a cantar. Mesmo assim, se tornou o meu álbum favorito, porque reúne alguns dos melhores textos que já escrevemos. Foi feito num momento no qual eu tinha dificuldade para andar e cantar. Gravar *Das Kapital* virou uma missão: precisava terminar e reunir forças para voltar a ficar de pé.

A recuperação foi muito complicada. Foram meses de reabilitação, fisioterapia e fonoaudiologia — um processo duríssimo. Por isso acho muito simbólico que o disco abra justamente com "Ressurreição" — é exatamente disso que trata.

Quando olho para ele, vejo várias pérolas. Tem "Eu Sei Quem Eu Sou", "Marte em Capricórnio", "Não Sei Porquê", "Melhor", "Eu Quero Ser Como Você" e "Vamos Comemorar". Normalmente, quando revisito um disco, sempre encontro alguma faixa em que penso: "Talvez essa pudesse ter ficado melhor", ou "Eu mudaria um verso, uma estrofe". Mas esse é um dos poucos em que sinto que tudo deu certo, do começo ao fim. Está tudo na medida.

Também tem "Como Se Sente", que considero um dos nossos grandes momentos de inspiração. O álbum foi muito bem recebido pela crítica e também recebeu cinco estrelas da *Folha de S.Paulo*. Ao longo de toda essa trajetória, o Capital foi indicado duas vezes ao Grammy Latino e recebeu diversos prêmios, como Multishow e Rádio 89 FM.

É uma discografia construída ao longo de décadas. Poderíamos passar horas falando de todos esses discos.

SONORA (2018)

Sonora surgiu de um jeito muito curioso. Supercombo me chamou para gravar uma releitura de uma música deles. Fui ao estúdio Lua Nova, em Moema, e descobri que diversas bandas da nova geração que eu admirava eram empresariadas pela mesma pessoa. Tinha Far From Alaska, Fresno e vários outros. Eles mantinham um grupo de WhatsApp, e pedi para entrar. Pensei que, talvez, um veterano pudesse ter alguma coisa para contribuir com os novatos.

Algum tempo depois, aconteceu uma reunião na casa do Lucas Silveira [vocalista da Fresno], na garagem onde ele tinha o estúdio. Fui até lá e mostrei algumas músicas em que trabalhava, uma espécie de tributo ao Chris Cornell, mas que eu não conseguia terminar. Lucas me chamou para subir ao estúdio, onde vi como ele trabalhava.

O estúdio praticamente não tinha equipamentos analógicos. Quase tudo era baseado em simulações digitais — compressores, pré-amplificadores e outros equipamentos virtuais. Mesmo assim, ele conseguiu tirar um som absolutamente avassalador. Fiquei de boca aberta, porque era inacreditável que alguém conseguisse alcançar aquela sonoridade numa garagem.

Depois daquela experiência, consegui convencer o Capital e a Sony a gravar com ele. Imagina levar uma gravadora do tamanho da Sony a gravar um disco na garagem de alguém, mas deu certo. Mais uma vez, acho que o Capital se arriscou.

Chamamos músicos da nova geração para participar. O Lucas canta, o Badauí [do CPM 22] participa, convidamos Gustavo Bertoni [do Scalene], Emily Barreto [do Far from Alaska], Fábio Malaska e vários outros artistas de bandas mais novas. Isso fez com que o álbum soasse completamente diferente de tudo o que havíamos feito até então.

Grande parte das canções foi composta por mim e Alvin L, mas também escrevi com outros parceiros — o grupo de compositores ficou mais amplo. Mas o grande diferencial do *Sonora* é a sonoridade que o Lucas deu ao disco, que faz dele um trabalho diferente de tudo o que o Capital já fez. O resultado é muito, muito bom.

Ines249

OS MELHORES GAMES DE 2026 (até agora)

A indústria tem enfrentado um período turbulento, mas já há muitos candidatos fortes ao prêmio de Jogo do Ano — de franquias consagradas a novas propriedades intelectuais

Por **Christopher Cruz**

Para dizer o mínimo, 2026 tem sido um ano difícil para a indústria de jogos. Em meio a demissões em massa e fechamento de estúdios, títulos muito aguardados — como o retorno de *Prince of Persia*, da Ubisoft — foram cancelados. Ao mesmo tempo, jogos de live service de longa duração, como *Destiny 2*, tiveram seus serviços encerrados, deixando comunidades dedicadas sem um desfecho. Recentemente, surgiram notícias de que o Xbox dissolverá várias equipes — incluindo uma cujo novo jogo havia sido anunciado apenas alguns dias antes — e de que a Sony anunciou o fim das mídias físicas de PlayStation a partir de 2028. E isso tudo antes de chegarmos à batalha ideológica em curso sobre IA generativa, que não apenas afeta o desenvolvimento de jogos, como também contribui para a alta de preços de praticamente todo o hardware.

Embora esses problemas sejam cruciais, eles se somam a questões mais corriqueiras que os fãs enfrentam. Por mais um ano, o fantasma de *Grand Theft Auto VI* paira no ar, e uma série de lançamentos se espalha por janelas cada vez mais apertadas para evitar o impacto. Grandes jogos como o aguardado RPG *Crimson Desert* e o jogo de luta baseado em quadrinhos *Invincible VS* não corresponderam às expectativas. Completando seu primeiro ano, Switch 2 já entrou em uma das fases de baixa produção da Nintendo, sem apresentar um grande lançamento em comemoração ao 40º aniversário do Mario — e com apenas um remake de *Star Fox* no horizonte.

Como tem acontecido cada vez mais nos últimos anos, os maiores sucessos de 2026 estão profundamente enraizados na cena independente, onde pequenas equipes de criadores apaixonados trabalham incansavelmente para manter viva a essência artística dos jogos AAA. O jogo de plataforma pixelado e misterioso *Love Eternal* combina imagens assombrosas e controles precisos para satisfazer perfeitamente a sede por ação. *Forbidden Solitaire* une sequências de vídeo em movimento completo a uma abordagem conceitual do jogo de cartas mais simples do mundo, resultando em uma experiência meta e alucinante. Até mesmo franquias clássicas recebem seu destaque peculiar, com *Battlestar Galactica: Scattered Hopes* dando um toque roguelike — apropriadamente estressante — à estratégia espacial.

E, olha só: também tivemos sucessos de venda impressionantes este ano. Capcom tem se desdobrado para provar que é uma das melhores desenvolvedoras terceirizadas do mercado, mantendo franquias consagradas como *Resident Evil* em alta e, ao mesmo tempo, abrindo espaço para o surgimento de novas séries. Fãs de James Bond presenciaram um dos retornos mais impactantes dos últimos tempos. Até o Batman voltou após um longo hiato para mostrar, de novo, como se faz um bom jogo de super-herói.

Então, vamos dar o devido crédito e apresentar os títulos que mais se destacaram até aqui. De simuladores de escalada a delírios febris experimentais, estas são as escolhas da *Rolling Stone* para os melhores jogos de 2026 até agora.

FOTO: DIVULGAÇÃO

Resident Evil Requiem, 9º game numerado da série principal, é protagonizado por Leon S. Kennedy (na imagem) e Grace Ashcroft

CAIRN

A ideia de desafio como meditação aparece em muitos jogos; o estado de fluxo do *Tetris* ou a destreza dos dedos em *Guitar Hero* são projetados para manter mente e corpo presos naquele espaço nebuloso entre estresse e relaxamento. *Cairn* alcança esse mesmo equilíbrio — em um ritmo muito mais lento, mas ainda eletrizante. É um simulador de escalada com um objetivo simples: chegar ao topo da montanha. Sem pressão.

Você controla Aava, alpinista profissional que quer ser a primeira pessoa a alcançar o cume do lendário Monte Kami. Auxiliada por um assistente automatizado chamado Climbot, ela precisa escalar cada parede rochosa com cuidado, controlando com precisão a posição de cada membro. É necessário administrar resistência, fome e sede, além de detalhes como passar magnésio nas mãos ou monitorar a condição dos pitons restantes. Cada passo e cada alongamento podem causar ansiedade, especialmente quando os sons da natureza dão lugar à respiração ofegante e às pernas trêmulas de Aava, a centenas de metros do chão. A alegria sutil de *Cairn* está na sucessão de pequenas vitórias, em que a paisagem majestosa e o estado contemplativo da sobrevivência geram um estresse diabólico — e irresistível — de superar.

RESIDENT EVIL REQUIEM

A Capcom já deveria ter atingido o auge com *Resident Evil*, mas, de alguma forma, a franquia de ação e terror continua prosperando. Desde 2017, a empresa lançou seis títulos principais, alternando entre sequências inéditas (*Resident Evil 7,* de 2017, e *Village,* de 2021) e remakes modernizados (*Resident Evil 2*, de 2019, e *Resident Evil 4*, de 2023).

Requiem é o nono título principal da série e incorpora plenamente essa abordagem dupla. A história apresenta dois protagonistas, com estilos de jogo bem diferentes. A novata Grace é uma analista tímida do FBI, cujos capítulos se concentram nos elementos de horror de sobrevivência que tornaram os primeiros jogos tão angustiantes. Já o veterano Leon oferece uma experiência mais voltada para a ação, com sequências repletas de ação e habilidades de combate absurdas. Há ainda a opção de alternar entre a perspectiva em primeira pessoa (como nas entradas recentes) e em terceira pessoa (como nos remakes). Na melhor das hipóteses, esse contraste cria tensão antes de soltar o jogador em uma explosão gloriosamente violenta. Na pior, parece uma vitrine de tudo o que *Resident Evil* tem a oferecer — o que, por si só, já seria memorável.

ESOTERIC EBB

Dungeons & Dragons está mais popular do que nunca. Entre o crescimento das campanhas transmitidas online e o enorme sucesso de *Baldur's Gate 3* (2023), o RPG de mesa invadiu a cultura pop — levando muitos fãs a buscar alternativas menos convencionais. Embora *Esoteric Ebb* seja apenas inspirado, de forma não oficial, em D&D, ele está profundamente enraizado nas mecânicas centrais e na construção de mundo do gênero. O destino do jogador ainda depende da rolagem de um dado de 20 lados.

E vai ser preciso muita sorte. Em vez de acompanhar um grupo completo de heróis competentes, esta aventura solo acompanha um clérigo amnésico e extremamente inepto, tropeçando numa investigação política muito além da própria capacidade de compreensão. Inspirado por jogos como *Disco Elysium* (2019), *Esoteric Ebb* usa caminhos narrativos ramificados e testes de habilidade para conduzir o personagem por cenários repletos de diálogos — a maioria deles terminando mal de um jeito ou de outro. Escrito com inteligência, consistentemente engraçado sem perder densidade temática, o jogo encontra seu próprio espaço num cenário saturado de experiências inspiradas em D&D e funciona maravilhosamente como uma fantasia charmosa sobre ser a pessoa mais perdida de qualquer sala.

MARATHON

Raramente um título foi tão apropriado quanto *Marathon*, do PlayStation. Revelado em 2023, o multiplayer teve dificuldade para gerar entusiasmo e ainda foi marcado por demissões em massa na Bungie em 2024. Quando finalmente ficou jogável em alfa no ano passado, passou quase despercebido. Mesmo após o lançamento, sua base de usuários cresce lentamente. *Marathon* está vivendo com os dias contados.

É uma pena, porque o produto final é fantástico. O jogo de tiro com extração coloca esquadrões de três jogadores — ou participantes solo — uns contra os outros (e contra ondas de inimigos controlados por IA) em mapas extensos, onde é preciso encontrar saques valiosos e escapar antes que o tempo acabe; morrer significa perder tudo. A jogabilidade é elegante e metódica, e cada partida vem carregada de tensão, já que adversários podem surgir de qualquer esquina, prontos para esvaziar seus bolsos. É, sem dúvida, uma experiência de nicho, voltada a um público mais dedicado em busca de ação intensa e impiedosa, em vez das disputas casuais de jogos como *Call of Duty*. Jogue agora, porque o melhor multiplayer online de 2026 talvez não chegue vivo a 2027.

Ines249

POKÉMON POKOPIA

É impressionante que, 30 anos depois, a febre Pokémon continue tão forte. Mas popularidade não é sinônimo de qualidade, e a maioria dos jogos recentes da eterna série de captura de monstros da Nintendo não foi exatamente boa. Enquanto Mario, Zelda e até Donkey Kong já foram revitalizados diversas vezes, os títulos principais de Pokémon permaneceram estagnados, ultrapassados tanto visualmente quanto em suas mecânicas.

Pokémon Pokopia parece ser o choque de renovação de que a franquia precisava. Abandonando as mecânicas tradicionais de RPG baseadas em capturas e batalhas, o jogo é essencialmente um simulador de construção de cidade com um charme fofo que o aproxima de *Animal Crossing*. Os jogadores assumem o papel de um Ditto metamórfico que apenas finge ser um treinador em forma humana, preso em uma ilha desolada onde humanos e Pokémon viviam em harmonia. A missão é reconstruir a infraestrutura local, reunindo outros monstrinhos de bolso para formar uma comunidade adorável. Encantador do começo ao fim, *Pokopia* certamente agradará quem adora organizar e administrar um exército de criaturas para completar listas de tarefas e pequenas atividades.

Pokémon Pokopia **foi lançado em 5 de março de 2026 para Nintendo Switch 2**

SOL CESTO

Em qualquer roguelike em que áreas e inimigos são gerados aleatoriamente, a probabilidade exerce algum papel no sucesso do jogador. Mas, fora dos jogos de cartas e dados, poucos dependem tão explicitamente da sorte quanto o indie *Sol Cesto*. Um dungeon crawler com espírito de cassino de Las Vegas, desafia o jogador a descer um sistema de cavernas aparentemente infinito, andar por andar, com cada movimento determinado inteiramente pelo acaso.

Cada partida começa com a escolha de um herói, com vantagens e desvantagens específicas — de um mago fisicamente fraco a um guerreiro de um braço só, com alta resistência. Em seguida, o jogador avança por grades 4×4 repletas de monstros, armadilhas e tesouros. O objetivo é selecionar uma das quatro linhas a cada turno, pousando em uma casa correspondente — cada uma marcada pela porcentagem de chance de ser atingida. Os inimigos podem ser derrotados se os atributos do herói permitirem, mas há pouquíssimo controle além de bônus temporários e palpites. Acertar quadrados suficientes para abrir a porta sem morrer leva ao próximo andar. Parece complicado, mas não poderia ser mais simples: aponte, clique e torça para sobreviver. Depois, repita mais algumas milhares de vezes — porque cada tentativa é uma descarga de dopamina.

DOSA DIVAS: ONE LAST MEAL

Após o sucesso de jogos como *Metaphor: ReFantazio* e *Clair Obscur: Expedition 33*, os RPGs tradicionais por turnos voltaram com força. Mas nem toda fantasia precisa ser grandiosa; às vezes, uma refeição menor tem tanto sabor quanto um banquete. Com menos de 10 horas de duração, *Dosa Divas* oferece uma experiência rápida e encantadora, repleta de personagens carismáticos e uma narrativa emocionante — sem os excessos de muitos épicos inflados.

Desenvolvido pela Outerloop Games (cujo lançamento de 2023, *Thirsty Suitors*, ajudou a ampliar a representação sul-asiática nos games, ao lado de *Venba* e do recém-lançado *Saros*), *Dosa Divas* acompanha duas irmãs afastadas que embarcam numa missão para reunir a família por meio do amor pela comida. No caminho, há dramas familiares intensos, conflitos contra corporações e trajes mecânicos movidos por energia espiritual — tudo costurado num belo mosaico narrativo. As mecânicas são simples — inspiradas diretamente em *Super Mario RPG* e em diversos minijogos culinários —, mas o que falta em profundidade sistêmica sobra em coração.

MOUSE: P.I. FOR HIRE

Para quem curte o lado detetivesco de *Uma Cilada para Roger Rabbit* (1988), *Mouse: P.I. for Hire*, da FumiGames, oferece uma história noir repleta de animais antropomórficos e uma atmosfera clássica de investigação. Situado na cidade cartunesca de Mouseburg, em 1934, o jogador controla o detetive particular Jack Pepper, que investiga o desaparecimento de um rato — e, obviamente, acaba revelando uma conspiração muito maior.

Embora seja, tecnicamente, um jogo de tiro em primeira pessoa na linha de *Doom*, a ação de *Mouse: P.I.* é relativamente simples. Os jogadores exploram áreas lineares em busca de pistas que fazem a história avançar e desbloqueiam novas missões, sendo frequentemente lançados em confrontos armados contra ondas de capangas que reproduzem os maiores clichês da era da Lei Seca. É uma diversão despretensiosa, que se beneficia de um visual em cel shading cheio de humor até nos menores detalhes. Mesmo depois de revirar os olhos diante do enésimo trocadilho envolvendo ratos, ainda dá prazer dissolver um inimigo com ácido e ver seu esqueleto animado desmoronar em desespero.

PRAGMATA

Nos últimos ciclos de consoles, houve muita discussão sobre a enxurrada de jogos protagonizados por "pais tristes", com sucessos AAA como *The Last of Us* e *God of War* perpetuando o clichê de homens emocionalmente reprimidos que descobrem a própria humanidade por meio da paternidade. *Prag-*

FOTOS: DIVULGAÇÃO

mata, da Capcom, propõe uma alternativa: uma figura paterna substituta que fica genuinamente feliz ao encontrar uma filha robótica.

Ambientado em um futuro próximo, numa colônia mineradora lunar em crise, o jogo de ficção científica acompanha Hugh, engenheiro astronauta que encontra uma androide adolescente precisando de ajuda. Mas a garota, Diana, é muito mais capaz do que aparenta, e consegue hackear praticamente qualquer coisa com circuitos eletrônicos — habilidade que sustenta a principal mecânica do jogo.

Em sua essência, *Pragmata* é um jogo de tiro em terceira pessoa que funciona como um jogo de ação da era do PS3 — até que as habilidades de Diana entram em cena. Quase todos os inimigos são resistentes a tiros convencionais, exigindo que o jogador realize invasões digitais durante os combates para expor pontos fracos. É preciso pensar de forma criativa, movimentar-se em tempo real para desviar de robôs e alinhar disparos, enquanto resolve simultaneamente miniquebra-cabeças na tela para maximizar o dano. Como híbrido de quebra-cabeça e jogo de tiro, seus sistemas se complementam de modo harmonioso, transformando o que poderia ser apenas uma aventura competente em algo genuinamente inovador.

VAMPIRE CRAWLERS

É difícil imaginar como um spin-off de *Vampire Survivors* (2022) baseado em construção de baralhos poderia funcionar. O jogo de tiro de 2022 se tornou onipresente, inspirando inúmeros imitadores que tentaram reproduzir o design "bullet heaven" que transformou o original em um dos indies mais bem-sucedidos da última década. Ainda assim, *Vampire Crawlers: The Turbo Wildcard from Vampire Survivors*, apesar do nome complicado, consegue pegar tudo o que funcionava no antecessor focado em ação e repetir o sucesso.

Assim como *Survivors*, *Vampire Crawlers* é um roguelike no qual melhorias geradas proceduralmente concedem novas armas e habilidades para enfrentar hordas de inimigos em masmorras. Mas, em vez de caminhar em círculos destruindo tudo ao redor, o jogo adota uma abordagem mais estratégica, permitindo a construção de um baralho de cartas de ação para desferir golpes em combates por turnos cada vez mais difíceis. Embora seja baseado em turnos, o "turbo" do título faz sentido: à medida que o jogador domina as habilidades das cartas e suas combinações, as batalhas passam a fluir rapidamente, quase de forma automática. Em determinado ponto, o jogo se transforma em uma experiência terapêutica, em que os controles parecem naturais — mesmo exigindo decisões o tempo todo.

TITANIUM COURT

Se existisse um prêmio para o jogo que combina mais gêneros em um único pacote coeso, *Titanium Court* seria um forte candidato. No nível mais básico, é um jogo de estratégia point-and-click com um campo de batalha em constante transformação — ou seja, com elementos roguelike — no qual o jogador manipula o cenário eliminando peças em um sistema de combinação ao estilo *Bejeweled* ou *Candy Crush*. Quando a batalha começa, vira um jogo de defesa de torres. Mas também envolve gerenciamento de recursos — e construção de baralhos. Além disso, toda a narrativa é apresentada como uma visual novel abstrata, baseada em texto, com aparência de um software dos primórdios do MS-DOS.

Entender *Titanium Court* pode ser difícil no começo, mas, quando suas partes começam a se encaixar, impressiona a quantidade de sistemas que um único jogo consegue unir com sucesso. A história surrealista, que brinca com a própria realidade, é envolvente; há um mistério no centro da trama, escondido sob páginas de diálogos absurdistas e piadas visuais. É uma experiência desconcertante, que acerta em cheio no tom excêntrico — e vira uma das viagens febris mais memoráveis dos games em 2026.

DIABLO IV: LORD OF HATRED

Embora não seja um jogo independente, *Lord of Hatred* é uma expansão robusta que reformula *Diablo IV* e finalmente entrega todo o potencial do RPG de ação. Lançado originalmente em 2023, o dungeon crawler da Blizzard foi visto por muitos como um retorno às origens — especialmente por quem buscava um tom mais sombrio do que o de *Diablo III* e uma jogabilidade mais próxima das raízes mais exigentes da franquia. O jogo base atingiu esses objetivos de forma irregular, mas geralmente bem-sucedida, e já havia sido aprimorado pela primeira grande expansão, *Vessel of Hatred* (2024).

No geral, *Lord of Hatred* corrige retroativamente muitos dos maiores problemas do jogo como serviço. A progressão de personagens e as árvores de habilidades foram simplificadas, mas também ganharam novas opções de personalização para aperfeiçoar construções específicas. O conteúdo de fim de jogo agora depende menos de repetição excessiva e oferece caminhos mais claros para a evolução contínua, sem cair na monotonia. A nova campanha é facilmente a melhor já vista em *Diablo IV* e conclui a narrativa principal de modo satisfatório. A expansão também adiciona duas novas classes — Paladino e Bruxo — extremamente divertidas de jogar e experimentar. Com *Lord of Hatred*, *Diablo IV* alcança um novo auge e atrai, com mérito, tanto veteranos quanto novos jogadores.

SAROS

Mesmo se aproximando de seu sexto aniversário, o PlayStation 5 ainda não tem uma grande quantidade de exclusivos que realmente pareçam representar a nova geração. Um dos poucos destaques foi *Returnal* (2021), jogo de tiro em terceira pessoa no estilo bullet hell que parecia um salto tecnológico e de experiência. Agora, a desenvolvedora Housemarque busca tornar sua marca de ação um pouco mais acessível com seu sucessor espiritual, *Saros*.

Assim como *Returnal*, *Saros* coloca o jogador em um planeta alienígena hostil onde tudo está pronto para matar — inclusive a própria paisagem, em constante mutação. A história acompanha Arjun Devraj, agente de uma corporação cuja equipe foi quase totalmente exterminada durante uma missão de reconhecimento no planeta Carcosa. Arjun guarda segredos, assim como o próprio planeta, e o jogador precisa atravessar múltiplos biomas, desviando de projéteis e enfrentando hordas de inimigos para descobrir a verdade. *Saros* exige reflexos rápidos e determinação, mas se mostra menos intimidador que o antecessor graças a um conjunto de modificadores que permite ajustar a dificuldade. Talvez não alcance os mesmos picos de excelência, mas ser quase tão bom quanto um dos melhores jogos de tiro já feitos continua sendo uma conquista enorme.

A "beleza violenta" da direção de arte é um dos pontos altos de *Saros*, exclusivo de PlayStation

Ines249

MIXTAPE

Cada geração tem sua própria versão de uma história de amadurecimento, mas existe algo universal no desejo de reviver os dias de verão interminável antes de a vida adulta chegar para acabar com a festa. *Mixtape* faz um excelente trabalho ao transportar para os videogames essa nostalgia compartilhada que tornou filmes como *Curtindo a Vida Adoidado* e *Superbad* tão marcantes.

Ambientado em uma cidade suburbana fictícia da Califórnia dos anos 1990, *Mixtape* acompanha o último dia das férias de verão de três melhores amigos que se preparam para a festa definitiva. O território é familiar, recriando a atmosfera de qualquer filme de John Hughes. Os adolescentes falam compulsivamente sobre música, brigam por traições pessoais e desafiam figuras de autoridade. A protagonista quebra a quarta parede o tempo todo para compartilhar pensamentos, numa interpretação claramente inspirada por Wayne Campbell. Em termos de mecânica, trata-se principalmente de uma aventura point-and-click pontuada por minijogos, como skate e tiro ao alvo com garrafas. Mas o grande atrativo está na atmosfera: *Mixtape* veste uma nostalgia muito específica, que pode soar autêntica para alguns e apenas familiar para outros — e, ainda assim, sua sinceridade é suficiente para render algumas horas genuinamente agradáveis.

FORZA HORIZON 6

A série *Forza Horizon* frequentemente parece um peixe grande em um lago pequeno. Jogos de corrida arcade eram extremamente comuns no passado, mas hoje o gênero perdeu espaço, com corredores de kart e franquias anuais de Fórmula 1 preenchendo a maior parte do mercado. Ainda assim, *Forza Horizon* continua sendo um símbolo de uma época em que quase todo mundo tinha ao menos um grande jogo de corrida para revisitar indefinidamente — e o novo capítulo não é diferente.

Forza Horizon 6 leva as corridas em mundo aberto da série para uma versão estilizada do Japão, trazendo sua característica velocidade frenética para ambientes mais compactos do que as vastas paisagens do jogo anterior. Continua sendo uma experiência extremamente espetaculosa, evocando as cenas de corrida estilizadas dos filmes da franquia *Velozes e Furiosos* — de quando ela ainda era centrada na cultura automotiva. Com mais de 550 carros, todos recriados com um nível impressionante de detalhes, e um enorme mundo aberto para explorar, o jogo entrega uma experiência de corrida de altíssimo nível — e segue sem concorrentes diretos.

ZERO PARADES: FOR DEAD SPIES

Praticamente todo RPG recente inspirado em jogos de mesa será comparado ao aclamado *Disco Elysium*, mas *Zero Parades* carrega um peso adicional: é um sucessor legítimo do clássico mistério isométrico da ZA/UM. Felizmente, apesar de um desenvolvimento turbulento, o game consegue escapar da sombra de *Elysium* e se destacar como uma narrativa fascinante por mérito próprio. Embora compartilhe sistemas semelhantes aos do antecessor e de outros títulos inspirados por ele, como *Esoteric Ebb*, traz ideias novas envolvidas em uma trama de espionagem digna de John le Carré.

Ambientado em um mundo fictício onde comunismo, capitalismo e tecnofascismo continuam em conflito, *Zero Parades* coloca o jogador na pele de um agente infiltrado em uma casa segura prestes a iniciar uma missão. Naturalmente, há memórias pouco confiáveis a serem decifradas — além de um corpo incapacitado em um canto do cômodo. Quando o telefone toca, o jogo de espionagem começa. Quem aprecia experiências centradas em texto, em que cada escolha errada ou rolagem desfavorável pode levar ao desastre, encontrará em *Zero Parades* uma história repleta de paranoia e tensão.

YOSHI AND THE MYSTERIOUS BOOK

Com exceção de *Yoshi's Island* (1995), clássico de plataforma lançado para o SNES, a maioria dos jogos estrelados pelo companheiro dinossauro de Mario nunca representou um grande desafio. Em geral, funcionam como títulos introdutórios para crianças, quase sempre acompanhados de algum estilo visual fofo — como mundos feitos de papel ou lã. Nesse sentido, *Yoshi and the Mysterious Book* segue a tradição, colocando Yoshi dentro de um livro em que tudo parece desenhado a lápis de cor.

Mas, enquanto jogos anteriores tropeçavam ao tentar infantilizar ainda mais uma fórmula já simples, esta nova aventura muda o foco para a exploração e a resolução de quebra-cabeças ambientais. A trama mostra Yoshi conhecendo uma enciclopédia viva chamada Sr. E, entrando em suas páginas para identificar criaturas e compreender comportamentos numa abordagem mais antropológica do universo da Nintendo. Com animações feitas para parecer stop-motion, cada movimento lembra um flipbook ganhando vida, resultando em mais uma aventura visualmente encantadora — e, desta vez, também intelectualmente estimulante.

Em *Forza Horizon 6*, o jogador pode pilotar mais de 550 carros pelo Japão

FOTOS: DIVULGAÇÃO

LEGO BATMAN: LEGACY OF THE DARK KNIGHT

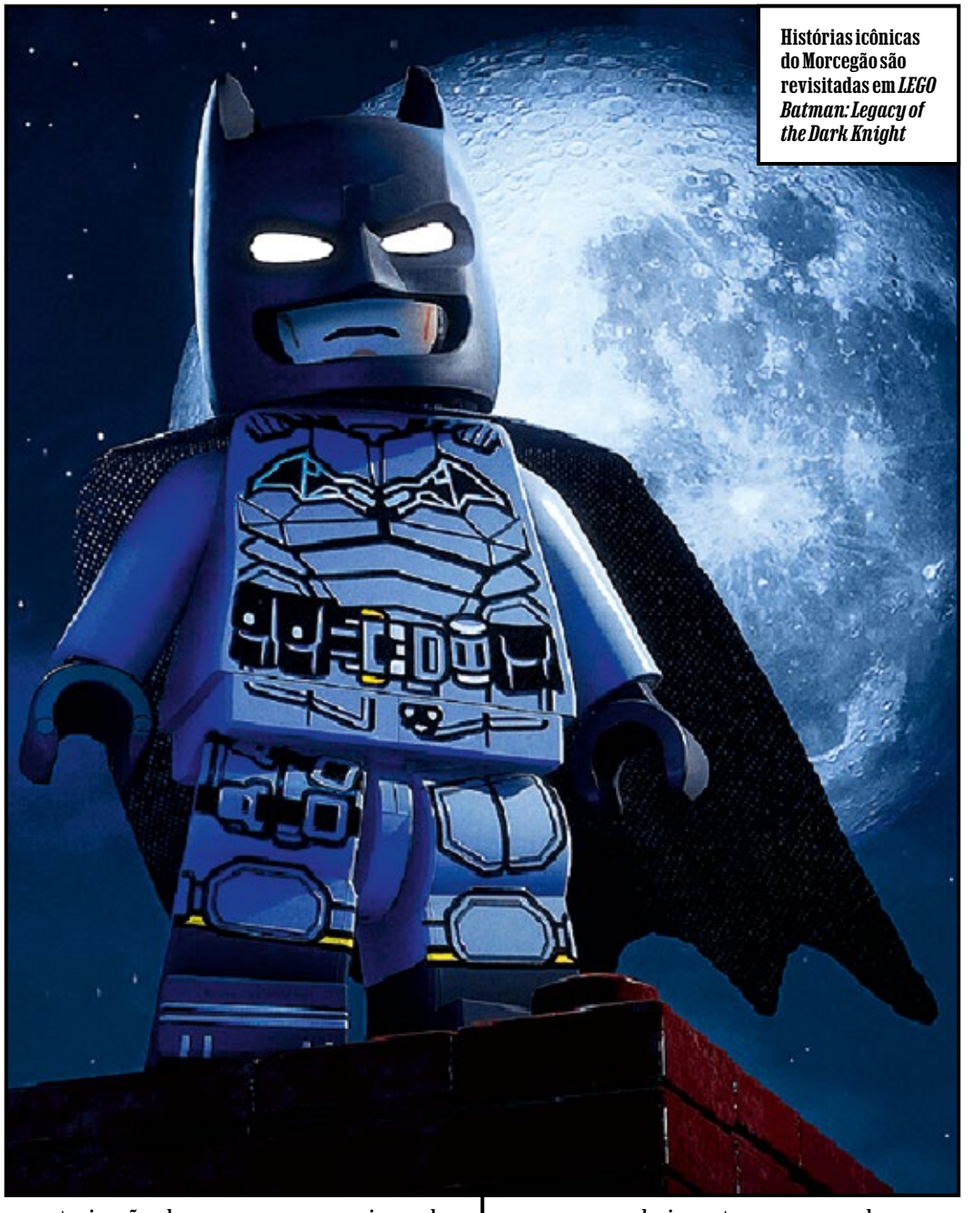
O fato de Batman estar há mais de uma década sem um grande videogame próprio chega a ser absurdo. Desde o encerramento da trilogia *Arkham*, da Rocksteady, em 2015, o Cavaleiro das Trevas foi relegado principalmente a experiências em realidade virtual e a um destino lamentável em *Suicide Squad: Kill the Justice League*. Agora, a Warner Bros. Games tenta compensar os fãs com um jogo LEGO que reúne elementos de toda a história do herói, desde 1939, em uma grande celebração.

Legacy of the Dark Knight funciona essencialmente como uma releitura acessível das muitas aventuras de Batman, misturando personagens e histórias de filmes, séries animadas e quadrinhos clássicos em uma única narrativa. Com um nível impressionante de detalhes nas referências, há algo aqui para fãs de todas as idades. O jogo demonstra grande habilidade ao combinar diferentes períodos da mitologia do personagem em uma estética LEGO encantadora. Aqui, produções como *Batman & Robin* (1997) podem coexistir com *O Cavaleiro das Trevas* sem soar estranho. Mais importante: parte da equipe trabalhou anteriormente na série Arkham, e o jogo herda tanto o mundo aberto denso quanto o combate fluido que tornaram aqueles títulos tão populares.

007 FIRST LIGHT

James Bond não é estranho aos videogames, mas seu histórico na área é bastante irregular. *GoldenEye* (1997) é lembrado como um dos primeiros grandes jogos de tiro em primeira pessoa dos consoles domésticos, mas os quase 20 anos seguintes produziram poucos títulos realmente memoráveis. Além disso, os próprios filmes se tornaram menos frequentes, e o fim da era Daniel Craig resultou na maior espera já registrada por um novo longa da franquia.

Só esse contexto já bastaria para gerar expectativa em torno de *007 First Light*, da IO Interactive. Mas mesmo os mais céticos ficarão satisfeitos ao descobrir que ele não é apenas um bom jogo de James Bond — é uma das obras mais importantes da história da franquia. O título de ação em terceira pessoa aproveita toda a experiência da IOI com furtividade e quebra-cabeças, características que tornaram a série *Hitman* tão rica em possibilidades. Com valores de produção dignos de Hollywood, o novo 007, interpretado por Patrick Gibson, oferece toda a ação espetacular do cinema, ao mesmo tempo em que se beneficia da duração ampliada que um jogo de 20 horas permite. *First Light* ocupa um espaço raramente explorado no universo de Bond, entregando a profundidade de caracterização dos romances, o carisma dos filmes e a imersão única dos videogames. Pode muito bem apontar o melhor caminho para o futuro da saga.



Histórias icônicas do Morcegão são revisitadas em *LEGO Batman: Legacy of the Dark Knight*

MINA THE HOLLOWER

Se alguém dissesse que um jogo com visual inspirado no Game Boy seria um dos principais candidatos a Jogo do Ano, pareceria loucura. Mas é exatamente esse o nível de qualidade de *Mina the Hollower*. Desenvolvido pela Yacht Club Games — estúdio cujo primeiro sucesso, *Shovel Knight* (2014), redefiniu o design inspirado em jogos retrô —, Mina é uma aventura no estilo *The Legend of Zelda* extremamente ambiciosa, embora não pareça isso à primeira vista.

Ambientado em um mundo gótico habitado por animais falantes, o jogo acompanha Mina, uma renomada inventora e camundonga antropomórfica, que viaja para uma ilha onde suas criações ajudaram a impulsionar a industrialização local. Ao descobrir que alguém sabotou seus geradores, ela precisa explorar diferentes regiões e masmorras para restaurar o trabalho e resolver o problema. Visualmente — e também na jogabilidade —, Mina foi concebido para parecer um título portátil dos anos 1990. Seus sprites são simples e a perspectiva isométrica é limitada. Mas essas restrições estéticas servem justamente para estimular a criatividade em outros aspectos, da construção sutil de mundo ao design complexo dos cenários — especialmente no combate. *Mina the Hollower* é implacável na dificuldade, mas raramente parece injusto. E, embora tenha a aparência de um jogo de 1996, não se engane: é um dos melhores títulos de 2026.

Ines249

A PORTA QUE NÃO SE FECHOU

Trinta anos após o lançamento de *Afrociberdelia*, da Nação Zumbi, Lúcio Maia sobe ao palco do Blue Note para provar que a dissidência iniciada em 1996 nunca terminou

Por **Kadu Soares**

Há trinta anos, em 15 de maio de 1996, uma semente foi plantada. *Afrociberdelia* — neologismo que aglutinava "afro", "cibernética" e "psicodelia" — chegava como o segundo álbum de Chico Science & Nação Zumbi, uma arqueologia sonora que redefiniu o que a música brasileira podia ser. Gravado em um estúdio carioca naquele verão, o disco seria subsequentemente, em 2007, classificado em 18º lugar pela *Rolling Stone Brasil* na lista "Os 100 Maiores Discos da Música Brasileira".

Três décadas depois, aquela semente germinou e segue, até hoje, em plena floração. Lúcio Maia, 55, o mesmo guitarrista que guardou o disco como um instante congelado, volta ao Blue Note São Paulo, em agosto, para demonstrar que *Afrociberdelia* nunca terminou. Não porque se repetiu, mas porque evoluiu. Porque a visão artística aberta por Chico Science segue sendo o próprio método de estar no mundo. O novo disco, *Lúcio Maia* (2025), que será apresentado na *Rolling Stone Sessions* em 19 de agosto, é a prova viva de que a recusa operacional proposta por *Afrociberdelia* continua pulsando e se reinventando.

Quando *Afrociberdelia* se materializou, era muito mais do que um álbum. Era a declaração de que a vida era possível fora dos padrões — e a transgressão fazia parte da proposta artística. Chico morreria menos de um ano depois, aos 31, em um acidente que chocou o Brasil. Mas o que deixou — pela voz, pela obsessão criativa e por uma visão radicalmente ampla — é algo que não pode morrer: uma cartografia sonora que diz: diz: "procure aqui, continue aqui, não pare aqui". O disco foi produzido por Eduardo Bid em sua primeira experiência como produtor completo. As participações de Gilberto Gil, Marcelo D2 e Fred Zero Quatro reforçaram o tom de transgressão radical. Cem mil cópias vendidas. Certificado de ouro em abril de 1997. Duas faixas — "Manguetown" e "Maracatu Atômico" — tornaram-se clássicos geracionais que ainda ecoam. Foi o primeiro disco com Pupillo na bateria, estabelecendo a formação que se tornaria histórica. Mais importante: *Afrociberdelia* abriu uma porta que permanece aberta até hoje, pela qual Lúcio Maia nunca deixou de passar.

"Chico está em todos os momentos da nossa vida. Em tudo que a gente faz", conta Lúcio em entrevista à *Rolling Stone Brasil*. Ao falar da própria trajetória, reafirma o voto inicial: "Não me consideraria um músico bem-sucedido se ficasse repetindo coisas do passado". Os 30 anos que se seguiram foram exatamente isso: uma busca obsessiva por um território que o disco havia identificado, mas nunca esgotado. Entre 2008 e 2013, não descansou. Fez uma turnê intensa com Marisa Monte, trabalhou em trilhas de cinema e lançou discos sob o codinome Maquinado. Cada trabalho, uma exploração mais profunda do espaço que *Afrociberdelia* havia aberto.

Lançou um disco solo em 2019, com boa repercussão. Em 2020, quando finalmente se despediu da Nação, algo mudou. "Depois de 30 anos fazendo isso, fiquei um pouco desgastado. A gente nunca teve férias, né?". Ficou recluso para se renovar e, em 2025, como quem escuta o chamado de uma jornada inacabada, retornou: "Me deu saudade de tocar guitarra para mais pessoas". Aquele era o reconhecimento de que a ruptura que *Afrociberdelia* plantou continuava pedindo novos caminhos. Assim nasceu este novo disco, como sua extensão natural; a próxima etapa de uma conversa que começou há três décadas e não cessou.

Ao falar da filosofia que orienta este trabalho, Lúcio invoca a psicodelia como "uma dissidência psicotrópica do surrealismo e do dadaísmo" — exatamente o que *Afrociberdelia* propôs, agora amadurecido pela expe-

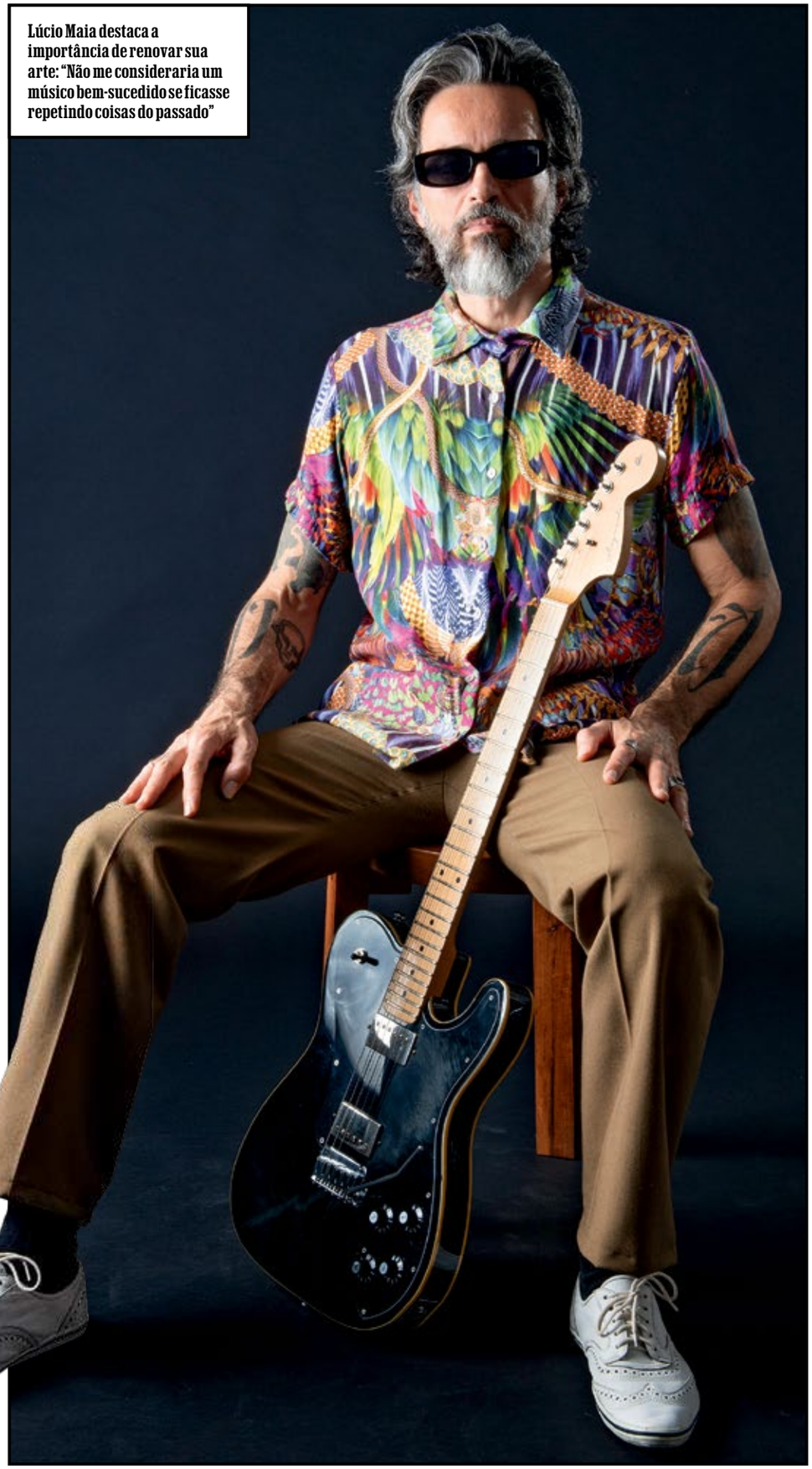
FOTO: JOÃO LIBERATO

riência de três décadas. O dadaísmo, como grande ruptura psicológica do padrão. O surrealismo, como quebra absoluta da tendência ao normal. E a psicodelia? "Pensando dessa forma, a gente sempre teve esse tipo de comportamento. Desde sempre, desde o primeiro disco, *Da Lama ao Caos*. Somos artistas". O legado, portanto, é a certeza de que dá para tocar numa guitarra carregada há 30 anos e, ainda assim, gerar algo novo.

«Chico Science está em todos os momentos da nossa vida. Em tudo que a gente faz»

O resultado são oito faixas instrumentais que rejeitam a demonstração técnica como fim. "Cogumelo de Vidro" abre em movimento múltiplo, abraçando baião, surf music, reggae, dub, soul e funk — síntese das influências que habitam Lúcio desde sempre. "Fetish Motel" cria uma atmosfera noir dos anos 1960 com poucas ferramentas, como no cinema expressionista alemão. "Tábua das Horas" é um encontro hipotético entre Lee Perry e Luiz Gonzaga, universos que coexistem em Lúcio desde a infância. E "L'amour", único momento com voz humana, homenageia Serge Gainsbourg, que, segundo ele, "foi, além de músico, cantor, compositor. Foi um artista completo, o exemplo de um artista que nunca deixou de evoluir!"

No dia 19 de agosto, Lúcio subirá ao palco do Blue Note São Paulo para demonstrar que aquela dissidência iniciada em 1996 continua viva em uma apresentação que atravessa psicodelia, experimentação e liberdade criativa. Exatamente o que *Afrociberdelia* prometeu e o que Lúcio continua buscando.



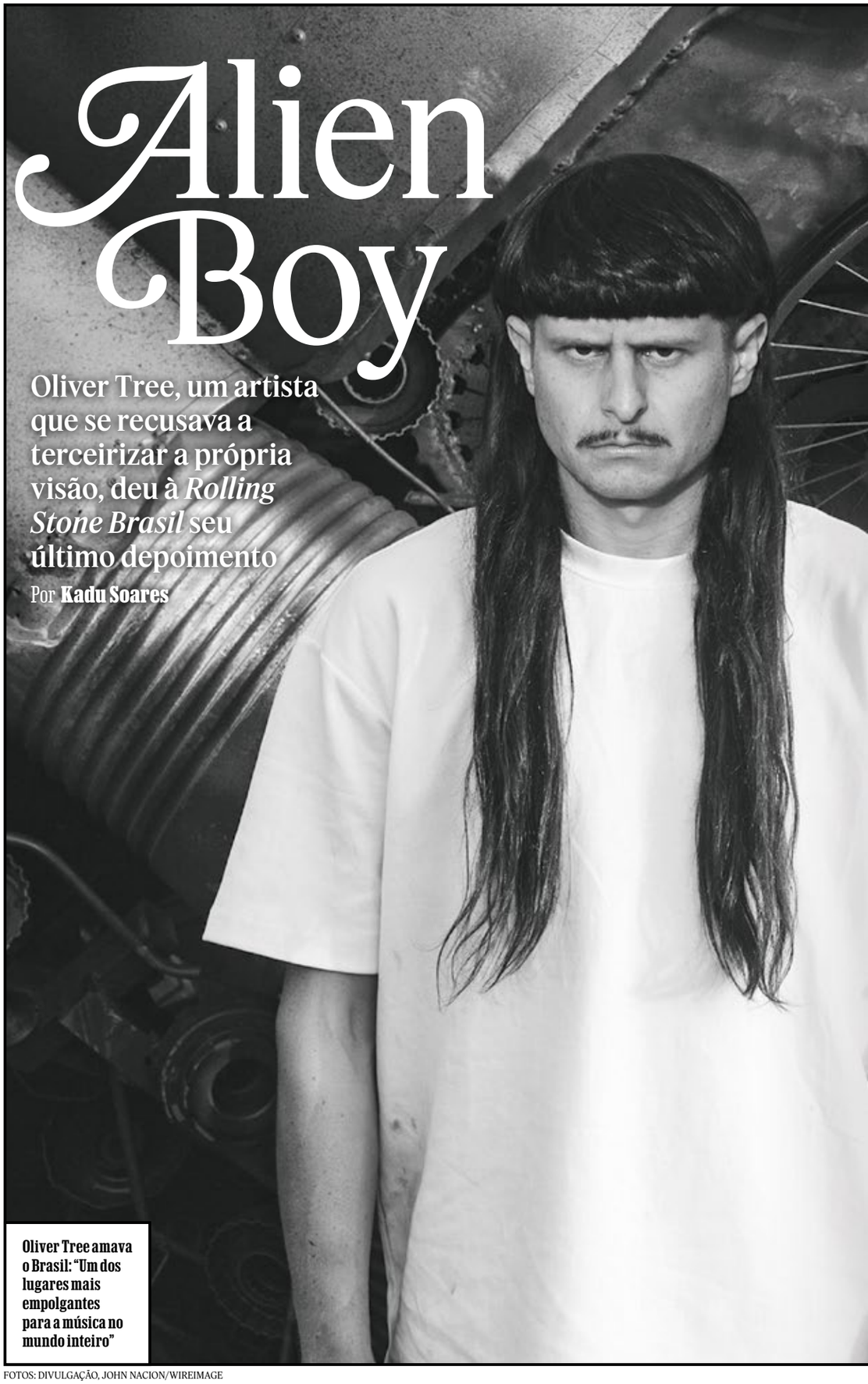
Lúcio Maia destaca a importância de renovar sua arte: "Não me consideraria um músico bem-sucedido se ficasse repetindo coisas do passado"

Ines249

Alien Boy

Oliver Tree, um artista que se recusava a terceirizar a própria visão, deu à *Rolling Stone Brasil* seu último depoimento

Por **Kadu Soares**



Oliver Tree amava o Brasil: "Um dos lugares mais empolgantes para a música no mundo inteiro"

FOTOS: DIVULGAÇÃO, JOHN NACION/WIREIMAGE

Ao frequentar a internet da Gen Z, é quase impossível não conhecer Oliver Tree. De "Life Goes On", que viralizou no TikTok durante a pandemia de Covid-19, às entrevistas com o rosto enfaixado, pintado de verde ou escondido atrás de uma fantasia, você provavelmente já esbarrou naquele garoto estranho de roupas coloridas e comicamente oversized.

Aos 32 anos, Oliver parecia ter feito de tudo: foi DJ na adolescência; aos 17, lançou *Splitting Branches* (2013) pela R&S Records; passou pela CalArts, na Califórnia, onde absorveu produção, direção, atuação e turnês. Em 2016, criou Turbo, um personagem barulhento, colorido e carismático. Nos anos seguintes, assinou com a Atlantic Records e lançou *Ugly Is Beautiful* (2020), um disco de pop-rock caótico, influenciado pelos anos 1990, com "Miss You" e "Again & Again" viralizando; depois vieram *Cowboy Tears* (2022) — que misturava a sonoridade típica dele com *country* e letras tristemente bem-humoradas —, *Alone in a Crowd* (2023) — uma crítica às redes sociais e à obsessão por fama — e, por fim, *Love You Madly Hate You Badly* (2026) — um álbum sem personas, apenas ele.

Durante a turnê do disco mais recente, veio ao Brasil para cumprir um sonho antigo. Numa noite de terça, em junho, semanas antes de morrer, o artista conversou com a *Rolling Stone Brasil* por 13 minutos.

O cantor ligou da Argentina. Tinha tocado no Chile e já estava com outro show marcado para o dia seguinte. De blusa preta básica, mullet e franja reta, foi curioso vê-lo em "modo sério", sem toda aquela performance.

Começamos falando sobre a vinda ao Brasil e a expectativa para a apresentação. "De todos os shows em mais de 55 países, o Brasil é o número 1", disse, logo de cara. Mas o evento ao vivo era só a ponta do iceberg. O objetivo real, na verdade, era outro: "Bem, para mim, meu objetivo real é que, depois que terminar o show, vou ficar uns dias aí; depois vou para o Rio de Janeiro fazer música".

Ele já tinha vindo para cá produzir *Alone in a Crowd* e voltou para o Carnaval em 2025. Era um "cara brasileiro", como dizia. "O Brasil é um dos lugares mais empolgantes para a música no mundo inteiro", elogiou.

Ao longo da conversa, deu para entender como enxergava a arte e a carreira — obsessivo, total, sem intermediários. Tudo vinha dele. "Cada movimento de dança que você vê, o que digo e faço é só da minha cabe-

Ines249

ça... tipo, penso enquanto escovo os dentes, sabe?". E sempre buscando melhorar: "Toda noite estamos ajustando, aperfeiçoando, tirando e adicionando algo. A ideia é sempre evoluir".

Love You Madly Hate You Badly foi escrito e produzido 100% por ele, gravado em 82 países espalhados por todos os continentes. Enquanto a maioria dos artistas terceiriza — banda, cenário, conceito — Oliver fazia tudo sozinho. "Perco dinheiro com esses shows, mas não há nada que gostaria mais de fazer do que me apresentar", confessou.

A filosofia de Tree era evidente em cada resposta. "Quando faço meu show ao vivo, é uma experiência verdadeira, autêntica, do meu coração e da minha alma." Sem personagens ou artifícios. Só ele — compositor, cineasta, comediante — com dedicação total. "Não sou bom em tudo, mas posso fazer tudo", finalizou, rindo.

A entrevista terminou por volta das 19h30 daquele 3 de junho. Três dias depois, Oliver subiu ao palco em São Paulo. A turnê que havia sido cancelada em 2022 agora virava redenção. E deu certo. Público abraçado. Som perfeito. Aquele garoto do TikTok sendo exatamente quem tinha prometido.

Semanas depois, no Rio de Janeiro, ele realizaria o sonho: ficar, gravar canções em português, colaborar com brasileiros e criar raízes em um país que, para ele, era "super legal". Mas, em 14 de junho, um acidente de helicóptero no Recreio dos Bandeirantes tirou Oliver do mundo.

Após a tragédia, muitos dos que conheceram o cantor falaram da mesma coisa: era impossível não se apaixonar. Melanie Martinez, ex-namorada que gravou com ele, disse: "Sei que você está fazendo os anjos rirem". Kid Cudi o chamou de "um ser humano realmente incrível e bonito". Post Malone, Bebe Rexha, T-Pain... todos reconheciam. Parceiros de trabalho, família; até eu, como repórter, naqueles 13 minutos, fiquei encantado. Oliver era carismático, generoso — um criador singular, que colocava a música e a qualidade acima do restante.

Sua dedicação era tão grande que decidiu criar a Dr. Oliver Tree's Extremely Epic Art Grant for Baby Geniuses, fundação que destinará toda a sua herança a artistas emergentes que acreditassem na mesma filosofia: criação sem intermediários, visão pessoal protegida a qualquer custo. Ninguém da família receberia um centavo. Tudo para manter essa vontade viva para a próxima geração.

Esta foi a última entrevista de Oliver Tree, mas o que ele construiu vai ficar para sempre.

NOSSO CANTO

TODO EMPREENDEDOR TEM UMA MÚSICA QUE INSPIRA SUA JORNADA. O NOSSO CANTO REUNIU 5 CLÁSSICOS DA MÚSICA BRASILEIRA EM NOVAS VERSÕES, CANTADOS POR GRANDES ARTISTAS DA ATUALIDADE, COM CLIPES E MINIDOCUMENTÁRIOS GRAVADOS EM PEQUENOS NEGÓCIOS DE TODO O BRASIL.

POR TRÁS DE CADA PEQUENO NEGÓCIO, EXISTE UMA HISTÓRIA QUE MERECE SER CANTADA

ASSISTA AGORA

SEBRAE

O SOM QUE TOCA QUEM EMPREENDE